

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

TIAGO ADAUTO NORONHA MELO TAVARES

Uma abordagem para o ensino de histórica a partir do Museu do Ceará
O blog como ferramenta didática para compartilhamento de propostas pedagógicas

CRATO
2018

TIAGO ADAUTO NORONHA MELO TAVARES

Uma abordagem histórica a partir do Museu do Ceará
O blog como ferramenta didática para compartilhamento de propostas pedagógicas

Dissertação apresentada à Universidade Regional do Cariri - URCA, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Titus Benedikt Riedl.

CRATO
2018

TIAGO ADAUTO NORONHA MELO TAVARES

Uma abordagem histórica a partir do Museu do Ceará
O blog como ferramenta didática para compartilhamento de propostas pedagógicas

Dissertação apresentada à Universidade Regional do Cariri - URCA, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Titus Benedikt Riedl.

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Titus Benedikt Riedl (Orientador)

Prof. Dr. Paula Cristiane de Lyra Santos (Membro interno)

Prof. Dr. Ana Sara Ribeiro Parente Cortez (Membro externo)

Aos meus grandes amores: Joaquim e Rogéria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao PROFHISTÓRIA e a Universidade Regional do Cariri - URCA pela oportunidade de participar do programa e desenvolver essa pesquisa.

Aos amigos Salvino Lobo, pelo olhar sensível para a captura das imagens utilizadas no blog e Edilberto Menezes, pelas dicas a qualquer hora e auxílio na formatação da dissertação.

Aos meus companheiros de turma que proporcionaram um debate rico e engrandecedor, através da socialização de suas experiências e conhecimentos. A convivência descontraída ajudava a diminuir o cansaço provocado pelas muitas horas de viagem e quilômetros percorridos.

Ao meu orientador, professor Titus Riedl. A ele meus agradecimentos mais profundos por todo apoio, sinceridade e compreensão ao longo do processo.

À todos os professores do programa Profhistória da URCA, em especial, aos que tive o prazer de conviver ao longo das disciplinas. São eles: Francisco Egberto, Sônia Meneses, Paula Cristiane, Isabel Cortez, Maria Telvira e Zuleide Fernandes.

Aos professores que gentilmente aceitaram participar da minha banca de qualificação e que muito colaboraram para a concretização deste trabalho, Prof^a. Isabel Cortez e Prof. Cícero Joaquim.

Aos companheiros de Canindé Paulo Alexandre, por seu discurso motivador e otimista perante a vida e Bruno Uchoa, que me alertou a abertura da seleção do Profhistória.

Agradeço aos meus companheiros de trabalho que, durante o tempo em que estive realizando o curso, foram fonte de apoio, compreensão e motivação. Nesse contexto, meu agradecimento especial ao Pedro Henrique por compreender meus anseios e angústias sem que precisasse mencioná-los.

Aos membros da família Viturino por todo o suporte dado nos momentos em que estive ausente, e também quando estive presente. Por tudo sou muito grato à Gizélia, Gilvani, Ozieme, Cacá, Cê, Gustavo, Júlia, Milson, Zélia, Babi, Guilherme, Zé Maria, e aos agregados Carlos Filho, Cássio, Donizete e Gabriel.

Aos meus amigos de toda a vida Raquel Caminha e Victor Barroso, pelo amor que sempre me presentearam.

À minha mãe Socorro Noronha e meu pai Francisco Tavares e meus irmãos Tavares Neto e Clarissa Noronha por serem espelho em minha vida. Carrego um pouquinho de cada um em minha existência e sou muito grato por isso.

Agradeço ao meu pequeno Joaquim. Ver sua vontade de estar perto me mostrou o que realmente importa e foi estímulo para conseguir concluir essa etapa. O seu amor me enche de vida e orgulho.

Por fim, quero agradecer à Rogéria Viturino pelo suporte, pelas responsabilidades assumidas, pela compreensão da ausência e pelo estímulo para que desse certo. Sua presença me deu força e coragem para superar algumas barreiras construídas ao longo da vida. Obrigado pelo amor que me oferta de graça e por ser a mulher que enche minha existência de alegria e sentido.

RESUMO

A pesquisa buscou analisar a atual exposição permanente do Museu do Ceará, a partir das possibilidades de utilização do equipamento como ferramenta didática para o ensino de história. Apoiado nessa análise, realizou-se uma reflexão sobre as relações existentes entre ensino, patrimônio e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio. Realizou-se ainda a montagem de uma proposta didática voltada para o ensino de história, a partir da elaboração de roteiros didáticos, interligando os temas como escravidão, literatura e cultura popular, abordados na exposição do museu a equipamentos e logradouros, público e privados, que compõem o centro histórico de Fortaleza, como o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, o Sobrado Dr. José Lourenço o Passeio Público, a igreja do Rosário, etc. Com a confecção dos roteiros, o trabalho se propôs a construir um blog para postagem, divulgação e socialização das propostas de roteiros elaboradas.

ABSTRACT

The research sought to analyze the current permanent exhibition of the Museum of Ceará, from the possibilities of using the equipment as a didactic tool for the teaching of history. Based on this analysis, a reflection was made on the relationship between teaching, heritage and the National Curricular Parameters (NCP) for High School. We also set up a didactic proposal aimed at teaching history, based on the elaboration of didactic scripts, interlinking themes such as slavery, literature and popular culture, addressed in the exhibition of the museum to public and private equipment and public places, which make up the historic center of Fortaleza, such as the Ceará Institute, the Ceará Academy of Letters, the Sobrado Dr. José Lourenço, the Public Promenade, the Rosario Church, etc. With the preparation of the scripts, the work proposed to build a blog for posting, dissemination and socialization of the proposals of scripts elaborated.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	6
2	O Museu do Ceará e o Ensino de História.....	13
2.1	Uma Análise da Exposição “Ceará: História No Plural”.....	13
2.1.1	<i>Povos Indígenas: Entre o Passado e o Futuro</i>	13
2.1.2	<i>Poder das Armas e Armas do Poder</i>	15
2.1.3	<i>Artes da Escrita</i>	18
2.1.4	<i>Escravidão e Abolicionismo</i>	19
2.1.5	<i>Padre Cícero: Mito e Rito</i>	22
2.1.6	<i>Caldeirão: Fé e Trabalho</i>	23
2.1.7	<i>Fortaleza: Imagens da Cidade</i>	25
2.2	Ensino de História, Educação Patrimonial e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.....	29
2.3	Um Museu em Constante Transformação: as Diferentes Exposições e as Estratégias de Comunicação junto ao Público Estudantil.....	40
3	Patrimônio Histórico, Roteiros Didáticos e o Ensino de História.....	58
3.1	Abolição no Ceará: Entre a Luta e o Esquecimento.....	77
3.2	Artes da Escrita.....	88
3.2.1	<i>A literatura nos redutos intelectuais</i>	91
3.2.2	<i>A expressão da cultura popular na literatura cearense</i>	101
3.3	Olhares Sobre Fortaleza.....	110
	Conclusão.....	123
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126

1 Introdução

A criação do Museu Histórico do Ceará, a partir do decreto nº 479 de fevereiro de 1932, representou, para a cidade de Fortaleza, o surgimento de um novo equipamento voltado à promoção de uma articulação da sociedade local com sua memória. O Museu foi concebido, segundo a historiadora Ana Amélia Rodrigues de Oliveira, por meio do estabelecimento de “uma tradição antiquária caracterizada, entre outros aspectos, pela reunião tipológica de objetos” (OLIVEIRA, 2010).

Assim como instituições similares, estabelecidas em outras capitais de uma república ainda em busca de afirmação e estabilidade, o Museu do Ceará atendia aos anseios de uma elite social e política. Esta elite, que aspirava à existência de mecanismos de perpetuação de sua memória, buscava estabelecer uma vinculação com a construção de um Estado Nacional baseado em uma suposta ordem social moderna, fortemente influenciada pelos ideais positivistas ligados à valorização da pátria, da técnica científica e do liberalismo. Criar um museu representava para este grupo, um passo, dentre muitos outros necessários, em direção ao que na época se julgava moderno e apropriado.

Nada mais pertinente para a celebração das glórias de outrora do que um museu, lugar transformado num templo para celebrar os feitos gloriosos dos heróis nacionais e que, por isso, deveria tornar-se conhecido pela população com algo digno de respeito e veneração. Para Eusébio de Sousa, o museu também funcionava como uma escola, lugar de difusão de conhecimento e instrução da população, sendo visto também como expressão da civilidade de um povo (OLIVEIRA, 2010, p. 33).

Inicialmente, o museu ocupava apenas duas salas do mesmo prédio que abrigava o Arquivo Público do Ceará, criado no mesmo contexto. Com o fim da gestão de Eusébio de Souza, na década de 40, o museu passou por um processo de constantes mudanças de endereço e de gestores. Segundo a historiadora Cristina Holanda, o diretor inaugural do museu foi o maior responsável pela constituição do acervo da instituição. Durante a sua gestão, realizou um intenso trabalho de estímulo a doações, permutas, aquisição e identificação de objetos considerados importantes, a partir do seu universo simbólico e sua concepção de museu.

Contando com o apoio governamental, Eusébio de Sousa investiu vigorosamente numa política de arrecadação de objetos para formar o Museu Histórico do Ceará (MHC), mobilizando, a partir de 1932, muitas instituições e pessoas para a sua causa (HOLANDA, 2004, p. 99).

Na década de 50, uma nova mudança. O museu foi vinculado à estrutura do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, à época, sob a direção do intelectual e político cearense Raimundo Girão. Durante sua gestão, procurou realizar uma análise e seleção dos objetos existentes, diante da diversidade do acervo, que era formado por peças oriundas de várias regiões do país. Nesse processo, resguardou-se objetos identificados com a memória do estado e os outros, que não apresentavam essa relação, foram retirados do acervo. Objetivou-se construir uma exposição que caracterizasse a instituição como um museu cearense, com proposta cearense. Foi responsável pelo estabelecimento de uma exposição definida a partir de recortes, para a criação de salas temáticas onde os objetos eram agrupados de acordo com um tema comum.

Com a criação, em 1966, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – SECULT, o Museu Histórico e Antropológico se desvincula do Instituto do Ceará e passa a ser administrado e mantido pela nova pasta estadual. A partir de 1971, sob a direção do professor Osmírio de Oliveira Barreto, inicia-se um esforço para estabelecer um maior estreitamento do museu com a comunidade cearense, principalmente com os alunos da educação básica. A iniciativa fazia parte do “Projeto Capistrano de Abreu”.

[...] nessa fase, a relação com a comunidade foi bastante dinamizada através do projeto Capistrano de Abreu, que consistia na apresentação do Museu diretamente nos estabelecimentos de ensino de Fortaleza e Região Metropolitana. A iniciativa de Osmírio aumentou, consideravelmente, o número de visitantes (OLIVEIRA, 2010, p. 11).

A partir desta ação, a exposição do museu era apresentada aos jovens estudantes das escolas da capital e da região metropolitana, por meio de uma exibição de slides, que expunham uma narrativa sobre a história do Ceará, elaborada a partir do conceito de história implementado pelo museu.

Adepto da concepção dos diretores que o antecederam no cargo, como Raimundo Girão, Osmírio Barreto assumiu como premissa a crença que o museu tinha a função de instruir e formar o cidadão. Nesta época, o Brasil vivia o momento mais repressivo da Ditadura Militar e o governo federal estabelecia uma série de medidas que visavam ampliar o controle e a uniformização do comportamento social. Tais deliberações impactavam diretamente na relação do governo com a sociedade, através do estabelecimento de diretrizes de atuação, junto aos órgãos governamentais responsáveis pela mediação do Estado com a população.

Nesta lógica, o Museu do Ceará passou a ser visto e utilizado como uma importante ferramenta de disseminação de uma narrativa histórica oficial, vinculada aos interesses do regime militar. Desta forma, a disseminação do acesso ao museu e a busca de alternativas para ampliar o público visitante, sobretudo de estudantes em formação, significava estimular o fomento de valores, narrativas e ideias legitimadas e favoráveis ao governo dos generais.

Com o decorrer dos anos, transformações de ordem política, econômica e cultural foram estabelecidas perante a sociedade e as mudanças impactaram no desenvolvimento de um novo olhar para a museologia. Sob a influência das diretrizes estabelecidas pelo Conselho Internacional de Museus - ICOM, sobretudo após a realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, que apresentou o conceito de Museu Integral, os estabelecimentos de memória começaram a absorver novas atribuições conceituais, como uma incorporação mais abrangente dos segmentos representativos da sociedade e uma maior valorização do caráter educacional reflexivo.

O processo de renovação conceitual do Museu do Ceará, embasado na influência dos novos conceitos museológicos e historiográficos, somente teve início na década de 90, em meio ao contexto que envolveu a transferência da instituição pra sua sede atual, no Palácio Senador Alencar, no centro de Fortaleza.

A partir desse momento, teve início uma série de debates entre agentes públicos, culturais e profissionais envolvidos com a área da preservação do patrimônio e da museologia, para definir os novos direcionamentos a serem adotados pela instituição, que encontrava-se em processo de reconstituição estrutural e conceitual

De um locus receptor e expositor de objetos vinculados à memória do Estado e de atores diretamente ligados a ele, o museu passou a sofrer as influências de novos direcionamentos construídos pelo conhecimento histórico e pelas demais vertentes do pensamento social no transcorrer do século XX. O pensamento marxista, a Escola dos

Annales, a História Cultural e História Social passaram a exercer sua influência no ensino universitário brasileiro, e em consequência na renovação das concepções museológicas.

Sob a influência deste novo olhar, o museu passou a buscar outras narrativas históricas e houve uma reorganização da estrutura interna, que refletia a adoção dos conceitos renovados, sobretudo do Museu Integral. Problematicar a diversificação das classes sociais representadas no museu, observar as diferentes narrativas acerca de acontecimentos eleitos pela instituição como importantes no contexto da história do Ceará e refletir os conceitos historicamente construídos a partir do ponto de vista das elites locais no início do século XX, foram algumas das indagações estabelecidas. A partir de questionamentos como estes, a direção do museu buscou desenvolver uma nova organização e apresentação do acervo com o objetivo de provocar no visitante a reflexão acerca destas indagações, buscando superar a experiência baseada na mera contemplação e observação de objetos antigos.

Com as reformulações realizadas no museu, a partir 1998, houve a implementação da exposição permanente “Ceará terra da luz ou Ceará moleque: que história é essa?”, durante a gestão da historiadora Valéria Laena e posteriormente, a exposição “Ceará: história no plural” durante a administração do historiador Régias Lopes.

Com essa reconfiguração da exposição permanente do museu, novos atores e circunstâncias passaram a ser incorporados na interpretação da história como os grupos indígenas e sua luta pela demarcação de terras e a resistência dos afrodescendentes à escravidão. Outras questões sobre a história do Ceará foram levantadas, como a ausência de informações nos materiais didáticos produzidos para alunos da educação básica na década de 1960, acerca da história do Ceará, que não mencionavam a destruição da comunidade do Caldeirão.

Estas interrogações se apresentaram como influência dessas novas redes de reflexão estabelecidas pelas equipes que passaram a ocupar a direção da instituição e que tiveram sua formação vinculada aos pensadores sociais associados a concepções historiográficas e museológicas contemporâneas. A partir dessa influência, as equipes levadas à direção da instituição estabeleceram outras perspectivas para a reflexão sobre a memória e a disseminação do conhecimento histórico. O museu passou a ser encarado como um espaço de indagações acerca da história, da promoção de ações que fortaleçam o debate sobre a produção da memória e do embate das diferentes narrativas históricas. O desenvolvimento dessas concepções se estabeleceu, por conta dos objetivos assumidos pelo museu, de ser um espaço destinado ao envolvimento da

sociedade na participação de sua dinâmica, inserindo-se cada vez mais enquanto figura presente no cotidiano.

O presente trabalho foi realizado a partir da análise de dois objetivos principais.

O primeiro consiste em realizar um estudo da atual exposição permanente do Museu do Ceará a partir das possibilidades de abordagem didática para o ensino de história. Para realização desta investigação, além da observação da exposição em si, houve também uma análise da atuação dos educadores do museu junto a turmas de estudantes que frequentam a instituição, uma reflexão sobre a exposição a partir das diretrizes estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCN's e uma investigação histórica sobre as transformações implementadas no museu ao longo de sua história, associadas às estratégias comunicativas e educativas estabelecidas em diferentes contextos da história da instituição.

O segundo objetivo apresenta uma proposta de utilização pedagógica do Museu do Ceará, a partir da elaboração de roteiros didáticos que expõem como pontos de partida, os temas abordados na exposição do museu. Esses propõem a integração da abordagem realizada no museu com outros equipamentos e logradouros públicos e privados que compõem o seu entorno, no centro histórico de Fortaleza, como a Igreja do Rosário, a Praça do Ferreira e a Academia Cearense de Letras, dentre outros ambientes. A proposta se complementa através da elaboração de um blog, denominado “Olhares sobre o Museu”, acessado através do endereço eletrônico <https://ensinodehistoriaemuseu.blogspot.com>. O blog tem a finalidade de ser o canal de postagem, divulgação e compartilhamento dos roteiros elaborados, para o acesso de professores e intercâmbio de ideias.

Neste momento inaugural o blog ofertará quatro roteiros didáticos: “Abolição no Ceará: entre a luta e o esquecimento”; “A literatura nos redutos intelectuais”; “A expressão da cultura popular na literatura cearense” e “Olhares sobre Fortaleza”. No entanto, a intenção é fazer do blog um instrumento dinâmico e interativo, através da postagem periódica de novos roteiros, materiais didáticos e de apoio (artigos, vídeos, imagens e links, sugestões de atividades complementares, *podcast's*, etc), ao tempo em que possibilite a troca de experiências entre os professores usuários do blog, através de um intercâmbio de ideias e sugestões.

Um dos motivos que impulsionou o pensar sobre este produto foi a constatação da quase total ausência no Museu do Ceará, de ferramentas comunicativas virtuais e de uma política de apresentação da exposição e das demais peças da reserva técnica por

meio de uma visita virtual. Destaco, contudo, que o presente trabalho não se propõe a preencher essa lacuna. Esta apenas funcionou como estímulo inicial para se pensar em uma proposta que interligasse a oferta de uma ferramenta virtual de fácil manuseio, interligada ao ensino de história e a valorização da educação patrimonial, representada pelo potencial didático do Museu do Ceará.

A estrutura da dissertação foi pensada em dois capítulos. O primeiro, denominado “O Museu do Ceará e o ensino de história” encontra-se dividido em três tópicos: “Um olhar sobre a exposição Ceará: história no plural”; “Ensino de história, educação patrimonial e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio” e “Um museu em constante transformação: as diferentes exposições e as estratégias de comunicação junto ao público estudantil”. Ao longo desses tópicos, buscou-se realizar uma análise das potencialidades e fragilidades existentes na atual exposição da instituição a partir das necessidades estabelecidas para o ensino de história no ensino médio da educação básica no Brasil. Associada a essa reflexão, realizou-se uma análise do museu sob a ótica das determinações estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, publicados pelo Ministério da Educação – MEC, no contexto da renovação educacional brasileira promovida pela implementação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 1996. Por fim, propõe-se uma reflexão sobre as formas de interação do museu com o público educacional no decorrer da sua história, principalmente com a criação do “Projeto Capistrano de Abreu”, na década de 70 e posteriormente, com o estabelecimento do Núcleo educativo do museu, a partir dos anos 90.

O segundo capítulo, intitulado Patrimônio Histórico, Roteiros Didáticos e o Ensino de História, consta de quatro tópicos. Inicialmente são expostas as justificativas que nortearam a elaboração do blog “ensino de história e museu” e a forma como este foi estruturado e pensado, a partir do diálogo com a didática para o ensino de história. A proposta do blog é apresentada, ainda, como uma ferramenta pedagógica, voltada para a postagem de propostas de abordagem didática a partir do Museu do Ceará e seu entorno e para o diálogo entre professores de história através da realização de postagens colaborativas, sugestões de temas a serem desenvolvidos e demais elementos e atividades vinculadas. Os tópicos seguintes consistem na apresentação e descrição dos quatro primeiros roteiros didáticos propostos para comporem a ferramenta didática. Neles são expostos os temas norteadores de cada discussão, os lugares a serem visitados e os objetos mais relevantes de serem problematizados. Apresentam-se sugestões de

atividades de integração dos itinerários com a dinâmica da sala de aula, informações relacionadas aos espaços propostos para visitação, duração e distâncias dos percursos e propostas de problematizações e abordagens dos temas em destaque.

2 O Museu do Ceará e o Ensino de História

2.1 Uma Análise da Exposição “Ceará: História No Plural”.

Neste capítulo inicial, conforme o objetivo proposto, pretende-se apresentar os sete módulos que atualmente compõem a exposição permanente do Museu do Ceará. Nesta análise além da descrição das salas, das temáticas principais e dos objetos em evidência, realiza-se uma reflexão baseada em possibilidades de abordagem didática de espaços, objetos e temas vinculados aos acontecimentos históricos abordados na exposição. Estas análises, juntamente ao acompanhamento de visitas guiadas à exposição e a realização de pesquisas bibliográficas sobre os temas abordados, subsidiaram a montagem dos roteiros didáticos propostos no segundo capítulo dessa dissertação.

2.1.1 Povos Indígenas: Entre o Passado e o Futuro

O módulo “Povos Indígenas: Entre o passado e o futuro” é o espaço por onde se inicia atualmente a visita à exposição permanente do Museu do Ceará. A sala abriga objetos que remetem à memória dos povos indígenas que habitaram e habitam o território cearense. O texto introdutório desta seção apresenta como objetivo o estabelecimento de um diálogo entre o modo de vida dos índios, antes da colonização europeia, o brutal processo de colonização realizado pelos europeus e os desafios contemporâneos vivenciados por estes grupos, quanto a inserção social e a garantia de direitos. Os objetos apresentados, alerta o texto, não remetem à ancestralidade de brasileiros e cearenses, pois estes são considerados construções recentes e não apresentam vinculação com os vestígios arqueológicos em exposição.

O percurso do módulo inicia com a apresentação de artefatos arqueológicos que remetem aos utensílios de uso cotidiano desses grupos: inúmeros fragmentos de rochas e pedras, de variadas formas e tamanhos, que cumpriam a função que atualmente atribuímos a machados, facas, pontas de lanças e similares. Vasos cerâmicos de variados tamanhos, urnas funerárias fabricadas em barro e acessórios de uso e ornamentação pessoal como cocares são expostos e cumprem a função de remeter o visitante aos fragmentos históricos que auxiliam na busca por explicações e entendimentos sobre as formas de vida cotidiana desses grupos.

Entre esses objetos de natureza arqueológica, elaborados principalmente a partir de rochas e barro, destaca-se um texto exibido em um painel, com um trecho de um despacho oficial, encaminhado ao Ministério da Agricultura pela antiga Presidência da Província do Ceará, no final do século XIX. Neste despacho, a autoridade relata a inexistência de tribos em “estado selvagem”, e declara estarem os grupos remanescentes devidamente domesticados em aldeamentos oficiais. Este painel, que representa o discurso oficial das autoridades imperiais no Ceará, apresenta objetivamente a tentativa de construção de uma identidade local, desvinculada da presença e influência dos indígenas, vistos por estas autoridades como signos do atraso. Desvincilhar-se da presença indígena, para estes grupos, simbolizava estar mais próximo do que seria considerado civilizado, o que nos faz concluir que, desde a época do império, já se empreendia um esforço para negar a presença indígena.

Este painel é exposto em frente ao mapa que indica as regiões onde subsistem agrupamentos indígenas reconhecidos, com e sem terras demarcadas na atualidade. Fica implícita a tentativa de provocar no visitante uma reflexão referente à percepção das diferentes narrativas construídas no tempo, sobre as populações indígenas no território do Ceará. O texto descrito no painel apresenta uma clara referência à visão da elite política e econômica da antiga província no século XIX, que buscava dissociar a sociedade cearense das tradições e heranças indígenas, através da negação deste grupo social. Para tanto, buscava-se a sua eliminação física e também cultural, na medida em que estes grupos gradativamente eram considerados incorporados à “civilização” por meio do processo de aculturação realizado pelas instituições políticas e sobretudo religiosas, através dos aldeamentos.

A retórica de negação do indígena é confrontada com a apresentação de um mapa do território cearense indicando as localidades povoadas por populações indígenas ainda existentes na contemporaneidade. Esse mapa tem como assessorio uma tabela, na qual há um maior detalhamento referente à situação destes agrupamentos, ao território que habitam, às respectivas etnias originárias e à situação relacionada ao reconhecimento oficial e ao processo demarcatório de territórios pelos órgãos competentes. Vale ressaltar que este espaço, propício para o estabelecimento de uma reflexão relativa à memória e à cultura dos grupos indígenas locais, poderia apresentar um quadro com estatísticas mais atualizadas pois, as informações apresentadas remontam ao ano de 2008. Por se tratar de um intervalo de dez anos, esse hiato temporal é relativamente longo e, muito provavelmente, devem ter ocorrido alterações tanto em

relação à situação dos grupos em questão, quanto aos processos de reconhecimento oficial e estabelecimento de demarcação de terras.

Próximo à exposição de objetos confeccionados em barro e palha por grupos indígenas remanescentes no Ceará, um grande painel pintado por índias da etnia Tremembé, retrata as atividades cotidianas vivenciadas na aldeia onde habitam, como é o caso da prática do Torem, que constitui uma ação ritual característica da indianidade de grande parte das etnias do Nordeste. Este painel, em conjunto com os objetos de barro e palha, apresentam-se como um forma de retratar a resistência desses grupos étnicos ao processo de extinção e desconstrução de suas identidades culturais, ao qual foram submetidos ao longo da colonização portuguesa e posteriormente da construção do estado nacional brasileiro.

Para o ensino de história, o módulo “Povos Indígenas: Entre o passado e o futuro” proporciona ao professor a possibilidade de fomentar um debate sobre os mecanismos de construção e desconstrução da identidade, sobre o conceito de nação e, principalmente, sobre as estratégias de resistência cultural implementadas por grupos socialmente dominados e perseguidos, como as etnias indígenas locais.

2.1.2 Poder das Armas e Armas do Poder

Na segunda seção da exposição permanente, intitulada “Poder das armas e armas do poder”, observa-se o objetivo de promover uma abordagem sobre os mecanismos de poder e dominação estabelecidos no contexto sociocultural cearense. Estes mecanismos são apresentados em conjunto às transformações evidenciadas nos séculos XIX e XX, que simboliza o período de origem de grande parte das peças apresentadas neste espaço. A configuração da exposição nesta sala busca estabelecer uma associação entre o poder e as questões de natureza econômica, de gênero, bélica, social e acesso à memória. No texto introdutório, ao afirmar que os objetos “podem ser vistos como manifestações interligadas por um tema histórico: as formas pelas quais o poder se constrói”, o museu deixa claro o objetivo de enquadrar os objetos lá apresentados como elementos que, em diferentes épocas e contextos, se constituíam enquanto ferramentas de controle e disseminação de poder, seja ele material ou simbólico pois “afinal, o poder não é natural, precisa ser construído. E nessa construção, os objetos ocupam significativo papel”, conclui a nota descrita na introdução deste módulo.

A abordagem histórica da sociedade cearense através do poder é terreno fértil para elaboração de uma estratégia pedagógica voltada para o ensino de história, na medida em que, possibilita ao professor a discussão do próprio conceito de poder e as suas diversas materializações. Nesta proposta, o professor pode suscitar junto aos alunos temáticas relacionadas a emergentes debates da atualidade, como as questões de gênero, a violência social, a corrupção e a desigualdade social. A abordagem desses temas pode ser realizada por meio de um diálogo com a história local representada na exposição. Esta problematização se reveste de sentido ao se indagar a ausência de representação feminina na galeria de quadros que retratam os governantes do poder executivo no Ceará, desde o período Imperial até a contemporaneidade. Em complementação, pode-se questionar os embates necessários para que as mulheres conquistassem o direito de votar. Este questionamento pode ser realizado através da menção a enorme urna eleitoral em exposição.

Estas associações mais facilmente são acessadas pelos alunos através da provocação realizada pelo professor, na medida em que, na exposição, os objetos aparecerem expostos sem que exista uma referência clara ou objetiva para que estes debates sejam realizados. Vale salientar que mesmo tratando-se de um museu histórico, este apresenta objetivos e intencionalidades que dialogam com outras dimensões sociais diferentes da educação e do conhecimento histórico. Atende também a outros interesses como o entretenimento, a ludicidade e o fomento ao turismo. Porém, como bem definiram Adriana Mortara e Camilo de Mello, ao museu:

[...] não basta apresentar os objetos em uma sequência que só faz sentido para o pesquisador da área de História, Arqueologia e Etnologia, pois, nesse momento – que já não é mais o da preocupação da pesquisa básica dessas áreas -, os objetos devem estar reunidos para produzirem um discurso museográfico inteligível para os leigos, através dos documentos materiais ali apresentados (ALMEIDA; VASCONCELOS, 2002, p. 107).

Grande parte dos objetos expostos apresentam uma legenda com detalhes e informações relacionadas à peça em exposição. Em muitos casos há a identificação dos proprietários originais, fato que nos faz constatar uma preocupação destes, ou de seus entes familiares, de associar a sua memória à memória oficial do Estado - fato comum na primeira metade do século XX quando parte significativa do acervo foi constituído. O

movimento de aquisição de peças para formação do acervo é um importante elemento, representativo da maneira como os membros da elite cearense estabeleceram uma dominação, que perpassou o campo da política e da economia e alcançou o campo do direito à memória. Segundo a historiadora Cristina Rodrigues Holanda:

[...] a formação do acervo do Museu Histórico do Ceará deveu-se principalmente às doações advindas de setores privilegiados da sociedade cearense, a partir de uma ampla campanha coordenada por Eusébio de Sousa (HOLANDA, 2017, p. 3).

Ao longo desse módulo, a questão do acesso aos estabelecimento de memória é um tema que poderia ser melhor explorado. É um espaço onde o professor pode abordar os conceitos de memória e esquecimento, associados ao exercício simbólico do poder, por meio de uma reflexão sobre o direito dos grupos sociais à memória. Cabe também analisar os percursos percorridos pela instituição enquanto lugar de memória, que em sua gênese, atuou seletivamente ao privilegiar determinados segmentos sociais e hoje ressignifica sua atuação ao contemplar a representação de uma sociedade plural e diversificada.

Neste módulo, o conceito de poder é problematizado por meio da exposição de objetos pertencentes ou referentes, na sua grande maioria, à elite política, social e econômica do Ceará e de Fortaleza, bem como às suas instituições, simbolizadas através dos seus ofícios, indumentárias, condecorações e representações. Um dos pontos críticos que podem ser observados em uma primeira visita refere-se a inexistência de uma estratégia expositiva que promova a reflexão acerca da ausência de objetos representativos das classes sociais menos influentes na estrutura de poder apresentada. Algumas indagações provocariam reflexões sobre o tipo de relação de dominação constituída pela sociedade através da ausência desses objetos no museu: estes grupos existem ou não? Por que não há objetos das classes menos favorecidas neste módulo do museu? Quem tem direito à memória?

Na exposição atual essa ausência poderia ser melhor explorada com a intenção de provocar nos visitantes o incômodo do esquecimento e, em consequência, as indagações relacionadas ao direito à memória e aos embates sociais travados, relacionados ao poder.

2.1.3 Artes da Escrita

No módulo intitulado “Artes da Escrita”, os objetos são anunciados no texto introdutório como elementos que “testemunham a determinação de homens e mulheres para mostrar a força da escrita” (RAMOS; SILVA FILHO, 2007).

Neste espaço, o museu dedica-se a expor objetos vinculados aos escritores e a produção literária originária do Ceará ou realizada por autores nascidos no estado, sobretudo nos séculos XIX e XX. São representados escritores e intelectuais cearenses cuja literatura advém de variadas tendências. Romancistas, historiadores, entre os quais destaca-se um espaço para Capistrano de Abreu, antropólogos e poetas são representados através de objetos pessoais - tal como a escrivantina de Rodolfo Teófilo -, de exemplares de publicações, com a exposição de livros originais. Compõem a exposição vários retratos de escritores cearenses, os quais, em grande parte, foram pintados pelo artista e poeta cearense Otacílio de Azevedo, sob encomenda do próprio museu, quando este ocupava a antiga sede.

Neste espaço busca-se analisar a produção literária cearense por meio do reconhecimento do potencial criativo e investigativo dos escritores e pesquisadores locais. Para isso, destaca-se expressões como a Padaria Espiritual, que no final do século XIX, representou uma geração de intelectuais inquietos e irreverentes, que através de seu jornal “O Pão”, faziam uma crônica do comportamento social e a literatura de cordel, expressão máxima da poética e da sensibilidade sertaneja que remete sua observação aos costumes, fatos políticos e a natureza.

Ao estabelecer como tema central a literatura, este módulo permite ao professor de história o desenvolvimento de uma abordagem pedagógica interdisciplinar.

Baseado na análise da produção literária desenvolvida no Ceará, ou por cearenses radicados em outras localidades, o ambiente proporciona a reflexão acerca da distinção entre o conhecimento formal e a cultura popular e toda a carga de supervalorização da primeira em detrimento da segunda. Esta distinção pode ser bem representada ao se analisar a própria divisão espacial deste módulo, que destina um espaço menor para a literatura de cordel, quando comparado com as demais expressões literárias presentes. Vale ressaltar o debate sobre as formas como o homem e o território cearense foram representados simbolicamente nestas produções literárias locais, expressas em diferentes épocas, através das publicações literárias como o romance *O Quinze*, da escritora Rachel de Queiroz e *O Paroara* do farmacêutico e intelectual

Rodolpho Teóphilo. A apresentação destas obras literárias e o contexto que as envolve, tanto dos temas abordados quanto do momento em que foram produzidas, permite ao professor de história o estabelecimento de interrogações sobre as temáticas retratadas na obra, o estilo de escrita e narrativa empregada, as intencionalidades perceptíveis que denunciam o lugar de escrita do autor e suas influências. Neste sentido, o exercício de uma investigação através dos vestígios percebidos e coletados possibilita ao professor até mesmo a argumentação sobre o fazer histórico.

Através do resgate da biografia da escritora Rachel de Queiroz, representada neste ambiente por meio de exemplares de publicações como o livro “O Quinze” e a revista “O Cruzeiro” e de objetos pessoais como o leque utilizado na solenidade de posse na Academia Brasileira de Letras, há a possibilidade de relacionar a trajetória de destaque da escritora com os embates enfrentados pelas mulheres para conquista de espaços e reconhecimento social ao longo do século XX. A bandeira da emancipação feminina pode ser bem representada por esta personagem, que conquistou, através da literatura, um espaço relevante em áreas majoritariamente ocupadas por homens e tornou-se a primeira mulher indicada a ocupar um assento na Academia Brasileira de Letras.

Uma outra temática expressiva e que foi construída como representação relevante do imaginário cearense foi a questão da Seca. É válido sublinhar que em outros ambientes do museu essa temática também é destacada, porém, este espaço possibilita uma abordagem relacionada às formas pelas quais ela foi descrita, narrada e representada através da literatura. Exemplos da produção literária relacionada a escassez de chuvas no Ceará, o romance “O Quinze” de Rachel de Queiroz, o folheto de cordel “A Triste Partida” de Patativa do Assaré” e o livro História da Seca no Ceará - 1877-1880, de Rodolpho Teóphilo”, expõem uma diversidade de olhares sobre a seca, ligados respectivamente a prosa, a história e a cultura popular. Pode-se também indagar sobre a importância que estabelece na construção da representação histórica do Ceará, na medida em que é uma temática recorrente na literatura ficcional, científica e popular.

2.1.4 Escravidão e Abolicionismo

Logo no texto introdutório do módulo “Escravidão e Abolicionismo”, ao mencionar a construção histórica do Ceará enquanto a “Terra da Luz” a exposição intenciona deixar claro os limites e contradições presentes nessa narrativa, aos olhos das interpretações estabelecidas a partir das demandas atuais.

O Ceará foi a primeira província a libertar os escravos, em 1884, ficando conhecida como Terra da Luz. Por causa disto, objetos de abolicionistas e instrumentos para torturar os cativos foram doados ao museu. Pedacos do passado que, no presente, podem gerar reflexões sobre os limites do humanitarismo abolicionista e a participação dos negros na história do Ceará, em sua dimensão econômica, social e cultural (RAMOS; SILVA FILHO, 2007, p. 456).

Neste espaço a exposição estabelece uma narrativa sobre os personagens envolvidos no pioneiro processo abolicionista do Ceará, os objetivos e intenções desses personagens ao vincularem-se a esse processo, bem como, o estabelecimento de uma relação entre a escravidão das épocas colonial e imperial e as práticas análogas a escravidão evidenciadas na atualidade. Há um destaque ainda a participação dos negros na história do Ceará.

Mesmo questionando na introdução o processo de abolição como fruto de um movimento patrocinado e realizado pelas elites intelectuais e políticas do final do império, o que observamos ao longo da sala é a exposição de objetos que refletem justamente esses movimentos realizados por estes grupos. É perceptível a ausência de representação dos negros e suas formas de resistência à escravidão. Vale ressaltar que os objetos presentes nesta sala, em sua grande parte, foram fruto de doações realizadas justamente com a intenção de perpetuar a memória do processo de abolição como resultado desse movimento implementado pelos grupos elitizados e intelectualizados da antiga província.

O fato da abolição à escravidão ter ocorrido pioneiramente no Ceará, foi um elemento fartamente utilizado através de narrativas ufanistas e engrandecedoras do estado e de sua gente. Essa construção serviu ao estabelecimento de concepções que negavam a existência significativa de negros em terras cearenses, sendo portanto nossa abolição, um processo realizado pela elite e de fácil materialização, logo, desprovido de conflitos anteriores e posteriores.

Mesmo propondo no texto de abertura a realização de uma relação entre passado e presente através da escravidão, na organização da exposição esta proposição não se materializa de maneira evidente. Entendo, portanto, que as temáticas vinculadas aos atuais desafios da negritude poderiam estar mais explícitas e presentes para proporcionar ao visitante a construção dessa relação.

Um outro ponto de destaque remete as possibilidades de observação social através das lentes da história cultural. Essa temática pode ser bem trabalhada didaticamente pelo professor utilizando como mote os objetos em exposição, representativos do maracatu. Através destes o professor pode problematizar as estratégias de resistência implementadas pelos povos afro-brasileiros no processo de dominação material e simbólico ao qual foram submetidos desde os primeiros momentos da escravidão até os dias atuais. Neste mesmo aspecto, pode-se questionar as formas como as questões cristãs, impostas no objetivo de uniformizar religiosamente a sociedade, foram incorporadas pelas religiões originárias da África e como esse sincretismo se manifestou em outras expressões sociais como o próprio Maracatu, no museu representado pela Calunga que é a figura mais emblemática dessa manifestação cultural e representa um ser supremo que possui o poder de evocar antepassados. Este mesmo maracatu, na atualidade, se manifesta enquanto uma importante representação da resistência da cultura africana na cidade de Fortaleza, reconhecido como elemento identitário relevante, sobretudo nas manifestações carnavalescas vivenciadas na cidade

Em um recanto da sala, sobre um aparato de madeira repousa uma escultura em madeira que servia de Figura de Proa de uma embarcação imperial denominada Laura II. Faço menção específica a este objeto pelo fato do mesmo representar, segundo a historiadora Ana Amélia, um:

[...] cenário de um levante de escravos que culminou com a morte de toda a tripulação da embarcação que seguia de São Luiz para o Rio de Janeiro. Os rebeldes foram presos e trazidos para Fortaleza, onde foram fuzilados em praça pública em 1839 (Oliveira, 2009, p. 184).

Desta embarcação que transportava escravos de uma província para outra, chegou até o museu apenas este pequeno fragmento. Este objeto apresenta-se carregado de historicidade, tanto na sua utilidade inicial, quanto na sua trajetória dentro do próprio museu, pois em contextos anteriores, essa peça não era exposta no conjunto de objetos relacionados ao processo de abolição devido os seus antigos diretores, como Raimundo Girão, não terem o objetivo de vincular o processo de abolição no Ceará a um movimento de violência como o ocorrido na referida embarcação.

Talvez por isso, no inventário de 1959, não haja qualquer vinculação da figura de proa ao episódio do levante, o que nos faz crer que essa ausência foi intencional, talvez com o intuito de destituir o objeto de determinados significados, ressignificando-o a partir de uma outra temática (Oliveira, 2009, p. 186).

No contexto atual do museu, esse objeto - carregado de significação do ponto de vista da construção do conhecimento histórico e da historicidade que permeia as fontes, que são matéria-prima da história - encontra-se exposto em um canto sem nenhum elemento que lhe remeta a uma explicação ou vinculação ao tema em evidência. Perde portanto uma importante ferramenta para estabelecer o contraponto acerca da visão oficial e sacramentada do processo de abolição enquanto fruto de uma ação patrocinada e implementada pelos grupos da elite econômica e intelectual.

2.1.5 Padre Cícero: Mito e Rito

No módulo denominado “Padre Cícero: Mito e Rito”, a articulação das diferentes dimensões que compõem uma construção da figura do Padre Cícero são apresentadas aos visitantes. Considerado por grande parte da população do Nordeste como um santo, Padre Cícero, mesmo não obtendo o reconhecimento oficial da instituição a qual sempre foi ligado, a Igreja Católica, é representado nesse espaço como um homem do seu tempo que extrapolou as fronteiras da religião: atuou diretamente na assistência social, na política e nos conflitos bélicos, que representavam interesses políticos e econômicos em um estado pobre, pertencente a uma república em seus primeiros anos. Esse personagem tornou-se um dos mais importantes ícones representativos da imagem do Ceará.

Para abordar o poder e a representação que Padre Cícero exerce no imaginário nordestino, a figura do “santo padre” aparece vinculada à literatura de cordel, a movimentos políticos e revolucionários, à devoção da população e à religiosidade oficial e popular. A exposição apresenta as diferentes vertentes de atuação desse personagem e suas incursões em campos muitas vezes, considerados antagônicos, dando a entender que, em muitos casos, o comportamento ou posicionamento relacionava-se às conveniências mais adequadas a cada contexto. O bom pastor protetor do seu rebanho, os apadrinhamentos, os conselhos foram características que conviviam com o exercício do poder político. Foi fundamental para o desenvolvimento político e econômico do Cariri,

além de articular os interesses de outras lideranças sociais e econômica na “época dos coronéis”.

Ao mesmo tempo em que se reconhece o poder social e espiritual construído no entorno da figura de Padre Cícero, através da exposição dos ex-votos, busca-se também retratar o homem por trás do santo, capaz de induzir movimentos bélicos com forte conotação política, como a sedição de Juazeiro.

Nesta sala, mais uma vez, o museu possibilita-se estabelecer um diálogo entre elementos que remetem a aspectos contemporâneos. À sua época, para muitos grupos sociais, notadamente nos círculos urbanos economicamente mais ricos e mais intelectualizados, a devoção era rejeitada e vinculada pejorativamente ao fanatismo religioso, fruto da ignorância e pobreza extremas. O controle da fé para o exercício de uma certa dominação social, comportamental e econômica, elementos ligados aos devotos fanáticos, pode ser observado nas mais diversas matrizes religiosas contemporâneas. O poder de comunicação, a sacralização de objetos, ritos e mitos, a busca do controle comportamental da sociedade, a doutrinação para expansão da fé e a intolerância religiosa são características marcantes da sociedade atual.

Nesse contexto, o professor encontra um rico material para estabelecer conexões relacionadas a diversos temas caros à história e que apresentam importância no debate contemporâneo sobre democracia e processo eleitoral; tolerância religiosa; desigualdade social e poder político. Ao mesmo tempo, essa sala proporciona o estabelecimento de reflexões mais vinculadas a uma abordagem cultural da sociedade, através da análise das crenças populares, do poder mobilizador da fé e da construção do Juazeiro de Padre Cícero como um local de peregrinação, reconhecido mundialmente.

2.1.6 Caldeirão: Fé e Trabalho

O espaço da exposição denominado “Caldeirão: Fé e trabalho”, apresenta vestígios da história da comunidade de Caldeirão e de seu líder, o beato José Lourenço. Localizado no Cariri cearense, mais precisamente no município do Crato, a comunidade do Caldeirão se construiu através de uma forma de organização social não convencional para a época. Formada por sertanejos extremamente pobres, que trabalhavam arduamente para garantir sua subsistência, a comunidade se tornou um refúgio para essa população pobre em meio a um sertão dominado pela violência exercida por cangaceiros e principalmente, grandes latifundiários, também conhecidos como coronéis.

Baseada na dedicação ao trabalho no campo e no exercício do catolicismo, a comunidade seguia padrões rígidos de comportamento associados a uma repartição coletiva dos bens produzidos por todos. Distante dos centros urbanos mais desenvolvidos da região como Crato e Juazeiro, o modelo de vida passou a chamar a atenção de outros camponeses que, cada vez em maior número, se dirigiam ao Caldeirão em busca de abrigo e melhores condições de trabalho e vida. Logo essa comunidade passou a ser vista como uma perigosa ameaça aos interesses da aristocracia rural da região. Com o apoio oficial das forças policiais do Estado e em nome do combate ao fanatismo religioso, apregoado aos habitantes da localidade, foi implementada uma ação de guerra para destruir a comunidade e eliminar de vez a possibilidade de sua reestruturação. Isso se fez com o objetivo de evitar o surgimento de outras comunidades com as mesmas características e de intimidar a população sertaneja.

Para construção da narrativa nesta sala do museu, foram expostos objetos pessoais utilizados pelo beato José Lourenço, como a foice e o machado, além de artigos de cunho religioso como uma cruz, um quadro do sagrado coração, um turíbulo e uma cadeira, adquirida para compor, juntamente aos demais artigos, a capela da comunidade. São apresentados também dois livros editados pelo governo do Ceará em dois momentos distintos. O primeiro, intitulado *Ordem dos Penitentes*, de autoria de José Góes de Campos Barros, um dos militares presente no conflito, foi escrito imediatamente após a realização da destruição do povoado, em 1937 e tinha o objetivo de apresentar os elementos que justificaram a ação bélica contra a comunidade. Através da apresentação dos instrumentos apreendidos - foices, enxadas, machados, martelos, facas, facões -, construiu uma narrativa que caracterizava os habitantes como fanáticos religiosos que praticavam um catolicismo considerado inapropriado para uma sociedade que almejava ser reconhecida como progressista e moderna.

A outra publicação apresentada é um livro sobre a história do Ceará, escrito por Filgueira Sampaio e foi utilizado como material didático em escolas de educação básica do estado durante a ditadura militar (1964-1985). Por meio de uma abordagem factual da história, a publicação apresenta um conjunto de acontecimentos considerados importantes para a história do Ceará. Porém, não há nenhuma menção aos fatos ocorridos na comunidade do Caldeirão, o que nos faz pensar sobre as intencionalidades presentes nesta ausência, como retrato de uma tentativa de silenciar a memória das pessoas envolvidas e relegar tal acontecimento ao esquecimento.

Em ambos os casos, a relação estabelecida com o fato compõe a necessidade de apresentar uma narrativa a serviço dos interesses ideológicos e de comunicação dos governos de cada época

Nesta parte da exposição o professor de história tem a possibilidade de desenvolver um bom debate sobre as intencionalidades e interesses implícitos na construção do discurso e da narrativa histórica nas produções literárias. A construção de do conhecimento histórico enquanto processo de relato do passado a partir dos interesses considerados importantes no presente. A história como um conhecimento em constante construção e reconstrução, movimento influenciado pelas transformações do pensamento e das necessidades da sociedade.

2.1.7 Fortaleza: Imagens da Cidade

Finalizando a exposição, o módulo “Fortaleza: imagens da cidade”, apresenta uma série de objetos relacionados a construção, remodelação e as transformações urbanas e culturais estabelecidas na cidade de Fortaleza. Plantas urbanísticas, placas de logradouros públicos, fotografias antigas, maquetes, objetos de iluminação, bandeiras, jarros ornamentais, ornamentos utilizados em fachadas residenciais e até um bode empalhado apresentam-se com o objetivo de narrar a trajetória de constituição urbana de Fortaleza. A construção desta cidade, em suas dimensões materiais e imateriais, apresenta marcante influência advindas de outros países e culturas, como Estados Unidos e, principalmente, França. Estas influências representavam a busca da elite dirigente da capital, pelo exercício e implementação dos hábitos e equipamentos considerados modernos e adequados. Esse processo deixou profundas marcas e influenciou a configuração urbana e social da cidade, elementos facilmente evidenciados nas construções públicas e privadas, nos ordenamentos urbanos e na implementação de políticas ao longo da transição entre os séculos XIX e XX. Entretanto, essa influência externa, não apresentou a força suficiente para eliminar a espontaneidade popular, representada em determinados hábitos e valores, caracterizados por exemplo, pela irreverência comportamental da população da cidade, no início do século XX, que assimilou a presença do bode loiô como personalidade popular, respeitada e reconhecida socialmente.

Centrado nos processos de construção e constituição da capital, a narrativa histórica apresentada neste módulo final faz uma trajetória que remonta ao insipiente

povoado de Fortaleza no século XVIII, singelamente edificado às margens do forte e do riacho Pajeú, durante o período colonial. Apresenta as transformações urbanas implementadas no início da república, que buscavam dotar a cidade dos mais modernos equipamentos urbanos. O ordenamento de vias, os serviços de iluminação e transporte coletivo, os teatros e espaços de convivência social, públicos e privados, como praças, parques e cinemas dotavam a cidade de características consideradas progressistas e envaideciam os habitantes que deles podiam fazer uso.

O texto de introdução do módulo apresenta o debate sobre um problema urbano vivenciado na atualidade nos centros urbanos que é a violência. Ao estabelecer uma relação entre a criação da cidade a partir da fortaleza de proteção do território colonial português e as residências contemporâneas, caracterizadas pelos inúmeros equipamentos de segurança contra toda sorte de manifestações da violência atual, a exposição busca reforçar o diálogo histórico enquanto ferramenta que apresenta o passado a partir das necessidades contemporâneas. Um outro importante aspecto a se destacar nesta seção é a possibilidade do trabalho com as diversas temporalidades, a partir da análise das várias transformações implementadas na cidade ao longo da sua constituição. A Fortaleza de hoje vista enquanto resultado da construção, reconstrução e desconstrução das várias cidades que existiram e desapareceram nessas transformações estabelecidas.

Em um espaço deste módulo, são expostos três objetos distintos: um canhão, uma plumagem indígena e uma imagem de nossa Senhora da Assunção (padroeira da cidade). Esta configuração de objetos, associada a um painel com um pequeno texto tem o objetivo de levar o visitante a refletir sobre as tensões vivenciadas entre os diferentes grupos que passaram a ocupar este espaço, a partir da chegada dos europeus.

O emprego bélico do canhão e o uso ritual da imagem sagrada representam processos de conflito social e conquista territorial na época da colonização. A sofisticação técnica da plumagem, por seu turno, expressa a riqueza das culturas indígenas no enfrentamento dos instrumentos de dominação europeia - as armas e a religião (SILVA FILHO, 2004, p. 28).

A apresentação da fotografia da antiga coluna da hora, relógio erguido na década de 30 no centro da Praça do Ferreira, considerada o coração da cidade; os equipamentos utilizados para medir o consumo de gás nas residências, insumo que

garantia a iluminação e os objetos de iluminação das ruas e das residências, são organizados com o objetivo de demonstrar que as transformações estabelecidas na cidade deixavam marcas para além das reformas de ruas e novas construções e oferta de serviços. A iluminação urbana, as primeiras fábricas e os bondes são exemplos de elementos que provocaram grandes alterações na forma como a sociedade vivenciava e se apropriava da cidade. O maior controle do tempo, a extensão do dia, a disciplina do relógio passou cada vez mais a ditar o ritmo da cidade, que necessitou de novas intervenções na medida em que aumentou e se expandiu, tanto territorialmente quanto populacionalmente.

O lirismo das antigas denominações das ruas cede espaço para a adoção de novas nomenclaturas ligadas a personalidades políticas, militares e religiosas e a datas de importantes acontecimentos. Rua formosa, Rua da alegria e Rua do Pajeú, foram substituídas por nomes como Rua General Sampaio, Rua 24 de Maio e Rua Governador Sampaio.

No contexto geral, o Museu do Ceará apresenta uma diversidade de objetos e temas que permitem ao professor de história criar vários enfoques e abordagens, principalmente sobre as transformações sociais e culturais ocorridas nos séculos XIX e XX, período onde há a maior concentração de objetos. A divisão proposta pela exposição possibilita o estabelecimento de recortes temáticos mais precisos para o professor que tenha o objetivo de trabalhar um determinado assunto ou contexto como a escravidão no passado e no presente ou as transformações urbanas e a desigualdade social em Fortaleza. A viabilidade de abordar importantes questões da contemporaneidade como a violência urbana, a luta pelo reconhecimento social e a posse de terras por comunidades indígenas e as transformações urbanas que privilegiam determinados grupos sociais em detrimento de outros podem ser uma importante ferramenta didática para o ensino da história. Em boa parte do museu, a iluminação fraca prejudica a análise e apreciação de algumas peças e a leitura de determinados textos e legendas.

Apesar de haver uma padronização visual das etiquetas e legendas explicativas, estas não estão presentes em todas as peças expostas e, em alguns casos, o visitante não encontra explicação mínima sobre determinados objetos. Essas lacunas, mesmo não comprometendo a compreensão ampla da proposta narrativa, deixam uma sensação de descuido. Em alguns momentos as peças aparecem soltas e sem uma vinculação que possibilite uma reflexão mais profunda, como no caso do quadro do General Castelo Branco. Esse exemplo demonstra como algumas abordagens e

associações ficam comprometidas pela ausência de elementos indutores como uma pequena legenda ou uma forma diferente de apresentação das peças no contexto da exposição.

A exposição alterna espaços em que os objetos expostos são acompanhados de instrumentos que remetem a sua historicidade e em outros casos não. É sabido que frente a um acervo tão numeroso, com uma trajetória tão extensa e repleta de oscilações, parte da memória sobre a origem e os usos dos objetos tende a se perder, sobretudo em momentos de menor atenção quanto a guarda e preservação. No entanto, muitas peças apresentadas na exposição, como a proa da embarcação Laura II, tem sua memória descrita em documentos, reportagens jornalísticas e na própria bibliografia relacionada ao museu, porém, aparece despida destas informações que, se bem trabalhadas, poderiam agregar valor ao entendimento em determinados momentos da exposição.

Não há no museu nenhuma ferramenta interativa que possibilite o acesso a informações complementares, dicas de associações possíveis, ou mesmo bibliografia sobre o objetos e seus respectivos contextos. Compreendo que essa ausência seja fruto de uma série de razões, que perpassam as escolhas da instituição, como também, a escassez de recursos e condições para a implantação de tal tipo de ferramenta. Contudo, em plena era da conectividade e do acesso à informação, deixar de explorar esse tipo de tecnologia representa restringir o conhecimento e a divulgação do acervo apenas para quem efetivamente visita o museu. Nesta mesma perspectiva, a ausência dessas ferramentas tecnológicas ligadas à informática e ao audiovisual, impossibilita, ou dificulta muito, o acesso à exposição de pessoas que apresentam determinadas limitações físicas, tal como a deficiência visual.

Há na construção da exposição uma proposta de provocar o visitante para uma série de indagações, com o objetivo de refletir sobre as construções históricas e de identidade, relacionadas as representações consagradas na história do Ceará. A negação dos povos indígenas, o mito do Ceará “Terra da Luz”, O fanatismo religioso dos pobres sertanejos, são exemplos de temas, intimamente ligados às representações históricas construídas e consolidadas em diversos espaços e contextos sociais durante um longo tempo, e que no museu, são problematizadas. Esta postura representa o compromisso da instituição com o estabelecimento de mecanismos vinculados ao conhecimento histórico formalmente construído na contemporaneidade. O museu, no campo dos objetivos, não se constitui enquanto um mero espaço de sacralização ufanista de imaginários e representações oficialmente construídas e popularmente consagradas, a despeito de

outras realidades históricas negadas ou silenciadas. Esta postura não se materializa claramente para o público em todo o percurso da exposição permanente e, em vários momentos, fica facilmente perceptível a ausência de instrumentos ou mecanismos que provoquem essas relações.

2.2 Ensino de História, Educação Patrimonial e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

O presente tópico tem por objetivo realizar uma análise sobre as diretrizes estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's e as Orientações Educacionais Complementares a estes mesmos parâmetros, em articulação com as possibilidades de utilização didática do Museu do Ceará para o ensino de história.

Estes documentos foram elaborados por um amplo conjunto de professores, dos mais variados segmentos educacionais, sob a coordenação do Ministério da Educação, no contexto da reforma da Educação Básica brasileira, proposta pela edição da nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica - LDB, a partir de 1996.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio são o resultado de meses de trabalho e de discussões realizadas por especialistas e educadores de todo o país. Foram feitos para auxiliar as equipes escolares na execução de seus trabalhos. Servirão de estímulo e apoio à reflexão sobre a prática diária, ao planejamento de aulas e sobretudo ao desenvolvimento do currículo da escola, contribuindo ainda para a atualização profissional (BRASIL, 2000).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam uma concepção de abordagem didática dividida em três áreas do conhecimento: Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Linguagens e Códigos. Baseada nesta segmentação, a proposta apresenta como objetivo principal a valorização do exercício da interdisciplinaridade entre essas áreas do conhecimento, assim como, entre as disciplinas vinculadas a cada uma delas.

O ensino de História portanto, alinha-se à área das Ciências Humanas junto com a Sociologia, a Filosofia e a Geografia. Há também uma intencionalidade conceitual direcionada a ampliação do campo interdisciplinar, ao fazer alusão a outras áreas do conhecimento consideradas fundamentais, na perspectiva do exercício da cidadania,

porém, não necessariamente presentes na educação básica enquanto disciplinas escolares, como a Antropologia, a Política, o Direito, a Psicologia e a Economia.

O ensino de História, junto às demais disciplinas da área das Ciências Humanas, passa a ter, portanto, a responsabilidade de promover o resgate da tradição humanista, com o propósito de proporcionar a formação integral dos jovens frente aos desafios oriundos da sociedade atual. Esta, por sua vez, se caracteriza pelo vertiginoso avanço tecnológico e pela superação de uma cultura sociopolítica ainda marcada pela mácula do autoritarismo institucional, conforme descrito no próprio documento:

De um lado, os desafios postos por uma sociedade tecnológica, cujos aspectos mais diretamente observáveis se modificam rapidamente, confirmando a percepção que Daniel Halévy tivera já no século passado a respeito da “aceleração da história”. De outro, a necessária superação dos “anos de chumbo” da história recente do País, com todas as suas consequências nefastas para o convívio social e, em especial, para a educação. Eis as novas responsabilidades que as Ciências Humanas assumem hoje frente à sociedade brasileira e aos estudantes do nível médio (BRASIL, 2000, p. 8).

A abordagem orientada, toma por base os princípios estabelecidos pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, da UNESCO, amparados nos conceitos do aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. A partir desses pressupostos, há uma valorização da estética da sensibilidade, da inventividade e criatividade que busca superar uma educação orientada a padronização, memorização e repetição. Segundo o documento, estas características possuem uma maior capacidade de dotar os indivíduos de habilidades importantes para o exercício pleno de suas individualidades, da vida em sociedade pautada no respeito à diversidade e aos valores éticos inerentes ao grupo inserido.

O ensino de História, sob a ótica de uma perspectiva tradicional marcada pela retórica factual e biográfica, passa ser concebido a partir da influência de novas tendências historiográficas como a História Social e Cultural. A esta perspectiva, associa-se a valorização da abordagem a partir de temas com a tecnologia, encarada como processo culturalmente instituído e influenciador da construção das identidades sociais da contemporaneidade.

Em complementação à estruturação da proposta de reorganização da Educação Básica, o PCN propõe o estabelecimento de uma ação educativa a partir do desenvolvimento de determinadas Competências e Habilidades básicas aos estudantes. Em consonância com os pilares para a educação do século XXI, estabelecidos pela UNESCO, o desenvolvimento dessas competências e habilidades promoveria a capacidade dos jovens no exercício do “aprender a conhecer”, considerado uma base para a qualificação do “fazer, do conviver e do ser”. Portanto, na concepção descrita no PCN, o não desenvolvimento, ao longo da educação básica, de determinadas competências e habilidades:

[...] implica limites à ação do indivíduo, impedindo-o de prosseguir em seus estudos na área e de se preparar adequadamente para a vida em sociedade. São, portanto, indicações genéricas que devem apoiar as escolas e os professores na montagem de seus currículos e na proposição de atividades, projetos e programas de estudo ou disciplinas, através das quais serão desenvolvidas pelos estudantes (BRASIL, 2000, p. 11).

Na área das ciências humanas, as competências e habilidades delineadas estão estruturadas em três grandes campos de competências, de caráter geral: Representação e comunicação; investigação e compreensão e contextualização sociocultural. Ao propor esta estruturação, o manual objetiva a oferta de orientação voltada para a organização pedagógica das escolas e redes de ensino no sentido de fortalecer o planejamento pedagógico baseado na interdisciplinaridade.

Ao se deter mais especificamente sobre o ensino de História, de início, o documento descreve algumas propostas e expectativas a serem desenvolvidas na disciplina, como forma de sedimentar e aprofundar temas e objetivos trabalhados ao longo da etapa educacional anterior, ao tempo em que:

possibilita ampliar estudos sobre as problemáticas contemporâneas, situando-as nas diversas temporalidades, servindo como arcabouço para a reflexão sobre possibilidades e/ou necessidades de mudanças e/ou continuidades (BRASIL, 2000, p. 20).

A partir dessa premissa, a orientação sobre o ensino de História evoca o rompimento com a perspectiva histórica tradicional, ainda presente na educação básica,

centrada em uma abordagem de cunho factual, linear e política e estabelece como importante a incorporação de perspectivas influenciadas pela ascensão da história social e cultural.

As análises e as formulações didáticas valorizam a presença de novos atores, cenários e temporalidades, advindos dessas perspectivas historiográficas. A adoção dessa orientação ganha relevância na medida em que essa produção historiográfica dialoga mais intensamente com as questões e problemáticas relacionadas a contemporaneidade, assumindo a disciplina, uma maior aproximação com a realidade vivenciada pelo público que se pretende atingir. Este público, por sua vez, através de conceitos mais concretos e presentes em sua vida cotidiana, poderá ter uma maior facilidade de compreender a relação da História com o presente.

Nesse contexto, a abordagem didática dos professores de história pode ganhar uma maior importância, quando da utilização de elementos de natureza vivencial e concreta, ao tempo em que valoriza a análise da vida cotidiana, baseada nos costumes, festas e tradições, por exemplo, como representações válidas e importantes da vida social, e portanto, relevantes para o conhecimento histórico e para a compreensão da complexidade da formação sociocultural de um determinado grupo.

Derivada da renovação da História Cultural, essa perspectiva, abre uma infinidade de possibilidades de reflexões sobre a sociedade, ao tempo em que, possibilita aos alunos a compreensão de conceitos relacionados aos sujeitos históricos, as temporalidades na história e a historicidade. Esta renovação, influenciada também pela aproximação com a Antropologia, auxiliou a reestruturar a disciplina enquanto campo do conhecimento e, conseqüentemente, enquanto campo didático escolar e provocou uma nova reflexão sobre o conceito de cultura em sua relação com a história.

Antes empregado para se referir à alta cultura, ele agora inclui também a cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modo de vida. Em outras palavras, os historiadores se aproximam da visão de cultura dos antropólogos (BURKE, 2008, p. 48).

A relevância atribuída a abordagem didática do ensino de história, a partir das concepções vinculadas a história social e cultural, nos faz reconhecer que o Museu do Ceará, diante de suas potencialidades e dificuldades, apresenta uma boa perspectiva de articulação e atendimento ao ensino de História a partir dessas bases conceituais.

Ao propor, a partir dos anos 2000, a organização e estruturação de uma exposição dos objetos do seu acervo através do conceito de “Objeto Gerador”, o museu passou a propor ao público o exercício da reflexão histórica através da crítica aos documentos. A historicidade dos objetos e sua vinculação com a memória passaram a ser elementos constituintes desse conceito, que foi constituído a partir da teoria de “leitura do mundo” e do ensino através da “palavra-geradora” Do educador Paulo Freire.

Em certo sentido, a pedagogia do diálogo contida na “palavra-geradora” constitui uma fonte de inspiração para o papel do museu no ensino de história. É plausível defender que uma das possibilidades para o início de uma alfabetização museológica pode ser o trabalho com objetos geradores (RAMOS, 2004, p.32).

Por meio dessa premissa, o conceito da exposição permanente apresentada cria um novo cardápio de possibilidades de fomento ao ensino de história e permite uma melhor vinculação com as premissas estabelecidas nos PCN, ao privilegiar uma abordagem crítica dos objetos. Há um estímulo a análise das diversas temporalidades enredadas, da historicidade inerente aos objetos e da contextualização com as angústias derivadas do mundo presente.

Ao trabalhar com os objetos através de problemáticas históricas, o museu abre um infundável campo de possibilidades. Se aqui o recorte de questões restringe-se à relação entre museu e ensino de história, isso de modo algum significa dar métodos ou delimitar o museu e a sala de aula em espaços físicos geometricamente calculados. Pelo contrário, os exercícios com os objetos geradores definem-se como formas de estudar a historicidade (RAMOS, 2004, p. 38).

Tipificado como um museu histórico, o Museu do Ceará busca estabelecer um diálogo com os visitantes, apresentando um panorama sociocultural da história cearense, caracterizada pela diversidade de grupos sociais, de disputas de poder, de culturas, de religiosidades, de fazeres e de hábitos de memória e de vida.

Vale salientar que parte do acervo atualmente em exposição no museu, tem vinculação com o contexto histórico dos séculos XIX e XX no Ceará. Em grande medida, esses objetos chegaram até a instituição através de doações e aquisições e, inicialmente,

tinham o objetivo de representar a memória de seus proprietários, notadamente, a elite socioeconômica do estado.

O museu foi durante muito tempo, o espaço de memória de grupos seletos da sociedade, que alimentavam o desejo de perpetuação da memória através da vinculação de seus pertences pessoais à instituição de memória oficial do poder público, obtendo por isso, o reconhecimento social. Os acontecimentos e as personalidades importantes, nesse contexto, tinham vinculação com o poder político e econômico da sociedade. Estes grupos eram, notadamente, os mercedores do reconhecimento e da lembrança das gerações subsequentes.

No contexto atual, a ênfase é atribuída aos segmentos sociais e culturais anteriormente silenciados pela história oficial. Este aspecto pode ser percebido em diferentes espaços da exposição permanente do museu. A presença de objetos ligados ao maracatu e de artefatos e vestígios oriundos dos diversos povos indígenas que ancestralmente habitaram estas terras, e ainda habitam. Há também a presença dos povos sertanejos e do engajamento em movimentos sociais que compuseram acontecimentos ocorridos ao longo do século XX, associados às disputas de poder político, religioso e econômico, como a Sedição de Juazeiro e o Caldeirão. Estes movimentos são apresentados na sua complexidade e não apenas como fatos históricos ligados a personalidades oriundas das elites política e econômica local, ou seja, incorporam a diversidade de atores envolvidos e expõe, em determinados casos, a diversidade de interpretações construídas, fruto de tempos e objetivos históricos também diversos.

Trabalhar o ensino de história a partir dos bens culturais do patrimônio histórico é uma importante proposta de abordagem geradora de estímulo aos educandos e possibilita a estes o desenvolvimento do senso de preservação da memória social coletiva como condição indispensável à construção de uma nova cidadania e identidade nacional caracterizada pela pluralidade.

Em oposição ao ensino disciplinar fechado e restrito aos limites estabelecidos por cada disciplina, o contexto educacional atual exige uma nova postura dos profissionais da educação ao propor a prática da interdisciplinaridade como elemento importante no desenvolvimento de habilidades e conhecimentos necessários aos jovens do mundo atual.

Para que o professor consiga traspor as barreiras da sua disciplina original e trabalhe com temas que englobem elementos e conhecimentos mais comumente

atribuídos a outras disciplinas ou áreas do conhecimento, se faz necessário a adoção de novos procedimentos e métodos, que já sinalizam na direção de uma nova atitude da escola e do professor.

Nesse exercício, englobar elementos oriundos da Antropologia, Política ou Direito, exige do professor a ampliação do seu arcabouço de conhecimentos (mesmo que este não tenha a obrigação necessariamente de se tornar um jurista, antropólogo ou cientista político), bem como, diversificar a forma de abordar e explorar os conteúdos junto aos alunos, com o objetivo de fortalecer a aprendizagem proposta em seu programa educacional.

Nesta perspectiva, a articulação didática do ensino de história através do patrimônio histórico se mostra como uma importante alternativa aos professores de história, na medida em que possibilita ao profissional docente a estruturação de diversas aulas diferentes. Nessas aulas o professor pode trabalhar diferentes temas e conteúdos, associando-os à práticas ligadas a outras áreas do conhecimento ou disciplinas. Esta realização permite ao estudante o entendimento do conhecimento como um elemento amplo e integrado e não isolado em conceitos e disciplinas específicas.

Mais especificamente no ensino de história, o aproveitamento didático dos espaços de memória e museus históricos, permite ao professor, incorporar na abordagem, elementos relacionados ao próprio fazer historiográfico. Ao possibilitar aos alunos o contato com fontes históricas variadas, a abordagem pedagógica articulada ao patrimônio facilita o entendimento do processo de construção do conhecimento histórico pelos historiadores, através do resgate, da análise e da interpretação dos registros históricos diversos. Este exercício fornece aos professores e estudantes, um conjunto instrumentos, que juntos, vão formando uma trama que, através de uma interpretação de mundo, se transforma em uma narrativa histórica que responde a angústias, necessidades e preocupações inerentes ao tempo em que foi produzida.

Nesse contexto os PCN reservam especial atenção a importância da abordagem didática através de uma educação patrimonial. Na análise de Évila Cristina de Sá, acerca do PCN, destaca-se:

Levando em consideração o papel do professor de história com o uso da cultura material, o referido documento aponta aos educadores de Clio romperem silêncios cristalizados pelo capitalismo, protegendo-os da “amnésia social” comprometedora das identidades individuais e coletivas, e isso somente se dá através do

conhecimento de preservação e situação dos Locais de Memória, podendo ser materiais ou imateriais. E ainda vão mais além, expressando que o “direito a memória” somente ocorrerá quando o professor debater e apresentar atividades aos seus educandos assuntos inerentes ao conceito de patrimônio cultural tangível e intangível (DE SÁ, 2015, p. 170).

Transpor aos alunos da educação básica a ideia de que a história não é um conhecimento pronto e definido, mas sim, mutável e cíclico, também não é uma tarefa simples, sobretudo quando pensamos no contexto sala de aula, lousa, giz, caderno e livro didático. Extrapolar a narrativa oral e expositiva, e a leitura, e ter a possibilidade de enxergar objetos, sentir sua textura e cheiro, permite uma maior imersão no clima dos acontecimentos e provoca uma maior necessidade de apropriar-se do conhecimento em questão. Além desta questão, o contato com os registros históricos, representativos do passado que resguarda relações de identidade com o visitante, apresentam um potencial de desenvolver a abordagem didática da história, na perspectiva dos historiadores José Olivenor e Maria Inês Sucupira:

[...] de acordo com os PCN's, para o ensino fundamental (1997-1998) e para o ensino médio (1999), as atividades relacionadas com o estudo do meio e da localidade são entendidas como renovadores para o ensino de História, ao mesmo tempo em que são fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem (CHAVES; SUCUPIRA, 2015, p. 144).

Um outro importante objetivo estabelecido para o ensino de História no Ensino Médio está associado a questão da construção das identidades individuais e sociais. Nas sociedades urbanas e industriais, cada vez mais presentes, os hábitos ancestrais e as manifestações espontâneas tornam-se mais raros. Há uma predominância para o registro histórico escrito ou a preservação da memória em espaços destinados a este fim como os museus, arquivos, galerias entre outros exemplos.

Apresentar ao público em idade escolar as questões ligadas às identidades, torna-se uma importante ferramenta de formação dos indivíduos, na medida em que possibilita a este público o acesso à informações relevantes para a sua formação enquanto ser partícipe desta sociedade, que por sua frenética e incessante dinâmica, exige mais participação dos indivíduos e menos reflexão.

Este tema, no contexto contemporâneo, ganha significado e relevância ao vivenciarmos uma explosão dialética de posicionamentos e disputas relacionadas à diversidade das identidades, dos diversos grupos sociais que convivem e convergem em nossa sociedade. Hoje, observamos uma realidade caracterizada, por um lado, por grupos que lutam pelo reconhecimento e afirmação, frente a contextos históricos de segregação e exclusão, e por outro lado, pela ascensão de discursos e posicionamentos carregados de intolerância e preconceito, em relação a diversidade sociocultural.

Portanto, contextualizar a formação identitária dos indivíduos, em sua individualidade e interação social, permite aos jovens munir-se de ferramentas para um melhor posicionamento frente aos desafios sociais inerentes a vida em comunidade, ao acesso aos serviços, as disputas por uma participação no meio profissional e a atuação individual enquanto ser membro de uma coletividade.

Materializar as propostas contidas nos PCN para o ensino de História não tem sido tarefa fácil para os professores da disciplina. A tradição e resistência, nas escolas da educação básica, de um ensino de história linear e evolutivo ainda se faz presente. Associada a esta questão, outros fatores como a formação dos professores, a estrutura das escolas e o estímulo profissional são elementos que contribuem para ampliar a dificuldade de materialização das propostas de reestruturação do ensino de história como podemos observar no pensamento da historiadora Elza Nadai:

O fato é que essas propostas se sucederam e chegaram até o presente, sempre emolduradas por recomendações relativas à importância de incentivar a participação do aluno, o desenvolvimento de seu espírito crítico e da criatividade, além de outros mandamentos, destinados a salvar o rebanho do castigo da inconsciência e da acomodação. Na verdade, pouca gente sabe o que fazer a partir daí, pois isso não cabe em esquemas programáticos que tendam à homogeneização e à orientação rigorosa: mostra-se o valor dos voos, mas o professor continua sobrecarregado com as perdas de sua formação e com aquelas que a misérrima sobrevivência foi acrescentando, e se conseguis sair do chão será por pouco tempo (NADAI, 2017, p.47).

Assim como a produção histórica, o Museu do Ceará, não se estabelece enquanto uma instituição desprovida de intencionalidades conceituais, baseada no exercício de uma neutralidade interpretativa da História. Sua exposição permanente transmite ao visitante um discurso e uma narrativa histórica influenciada pela renovação

historiográfica advinda da história social e cultural, bem como, do pensamento de Paulo Freire, influência esta que pode ser muito bem observada nos métodos e práticas de visita assistida, realizada pelos monitores da instituição.

Estabelece-se, portanto, a construção de uma interpretação histórica a partir da análise e do questionamento dos objetos em exposição, no intuito de buscar provocar no visitante, indagações e reflexões, as quais ele mesmo formulará respostas e entendimentos. Cria-se, portanto, um ambiente emoldurado de representações dos acontecimentos vinculados a história do Ceará.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p.17).

A construção de um discurso histórico é seletiva e se materializa a partir de opções teóricas, concepções metodológicas, da necessidade de encontrar respostas para questionamentos do presente, limitada no tempo e no espaço. A constituição e organização de um museu portanto, não ocorre relegando esta lógica, muito pelo contrário. Se constitui reforçando este modelo.

Desenvolver uma abordagem didática aproveitando o potencial pedagógico ofertado pela visita a um museu, além de ser um movimento que potencializa a ação educativa, ao proporcionar uma diversificação didática aos alunos, possibilita também a realização de uma abordagem que qualifica e fortalece o desenvolvimento do conceito de patrimônio histórico, dentro de um panorama de maior complexidade. Pode-se portanto, ultrapassar o conceito costumeiramente mais utilizado para caracterizar o patrimônio, tema associado com mais frequência ao patrimônio físico edificado.

Quando falamos sobre Patrimônio Cultural, logo pensamos em monumentos, casas antigas, etc. Esta é a visão do senso comum, porém a ideia de Patrimônio é bem mais ampla, e inclui vários outros aspectos. Todas as modificações feitas por uma sociedade na paisagem para melhorar suas condições de vida, bem como todas as formas de manifestação socialmente compartilhadas, fazem parte do patrimônio, pois todo objeto ou ação que se refere à identidade de uma sociedade constitui seu patrimônio (SOARES, 2003, p 46).

O Museu do Ceará se estabelece no objetivo de produzir um conhecimento reflexivo para os seus visitantes. Busca portanto, a apresentação de uma exposição na qual a cenografia é dotada de uma lógica que recria uma visão de história que problematiza o pretérito através do presente.

Portanto, não encontraremos no Museu do Ceará uma exposição onde os objetos são expostos buscando uma reconstituição dos cenários tal e qual existiram no passado. Incurrir a este expediente seria negar o sentido atualmente atribuído a relevância do conhecimento histórico, de dar significado ao passado a partir das necessidades do presente. Seria buscar encenar um passado reforçando e reproduzindo os seus esteriótipos, ao invés, de ser ele um instrumento de reflexão e análise social. Como define o historiador Régis Lopes, a responsabilidade social do museu “é exercitar a reflexão sobre as múltiplas relações entre o presente e o passado, através de objetos no espaço expositivo”. (RAMOS, 2004).

Para que essa questão se materialize, a exposição foi pensada extraindo dos objetos selecionados no acervo a historicidades remanescente. Se reflete acerca da história do objeto, em sua trajetória anterior e posterior a sua inclusão na coleção do museu.

O conhecimento histórico, que fundamenta a exposição, se faz no presente e pelo presente que interpela o passado. A distância entre o que passou e o tempo atual não é o entrave ou o caminho a ser eliminado ou percorrido com a chamada “neutralidade científica (RAMOS, 2004, p. 130).

Dessa forma, a articulação pedagógica do ensino de história a partir das análises e representações proporcionadas pela visita ao museu do Ceará, além de estarem em sintonia com as diretrizes estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, possibilitam a valorização do patrimônio histórico como ferramenta didática

ligada ao reconhecimento cultural, a formação identitária, ao desenvolvimento de múltiplas habilidades cognitivas e ao exercício da interdisciplinaridade.

2.3 Um Museu em Constante Transformação: as Diferentes Exposições e as Estratégias de Comunicação junto ao Público Estudantil

O Museu Histórico do Ceará, hoje Museu do Ceará, foi criado no ano de 1932 e teve como seu primeiro diretor o bacharel Eusébio de Souza. O primeiro gestor da instituição foi incumbido de constituir um acervo histórico, através de doações, coletas e aquisições e organizar esses objetos em uma exposição. Por meio da exibição dos objetos angariados, pretendia-se apresentar ao público a história do Ceará. O propósito de criar um espaço para a institucionalização da memória oficial, sob a tutela do Estado, significava a demonstração de uma visão moderna de organização administrativa, associada ao desenvolvimento de outras ações de controle social e de desenvolvimento de infraestrutura urbana. Buscava-se criar uma agenda pautada na implementação de medidas e ações associadas a ideia de progresso e ao estabelecimento de um determinado bem-estar da sociedade, conforme descreve a historiadora e pesquisadora Ana Amélia Rodrigues de Oliveira:

Num período em que o anseio pelo progresso define o direcionamento da política do Estado, o museu surge como o lugar ideal para a conscientização da sociedade quanto a sua importância em colaborar para o engrandecimento do país. Os museus tentaram assumir o papel de instruir e educar a população, sendo utilizados como instrumentos de construção e afirmação dessa memória nacional que se constituía através das diretrizes do Estado (OLIVEIRA, 2009, p. 14).

Comum às outras instituições museais estabelecidas no mesmo período, como o Museu de Arte da Bahia (1918) e o Museu do Estado de Pernambuco (1928), o Museu Histórico do Ceará surgiu no contexto da criação do Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro, que foi idealizado e inicialmente dirigido pelo intelectual cearense Gustavo Barroso. Na mesma época da criação do Museu Histórico Nacional, ocorreu o centenário da Independência do Brasil, comemorado intensamente no ano de 1922 e que significou um elemento importante para afirmação de um projeto de história da nação.

Tal projeto ganhou força a partir 1922, quando autoridades do país inteiro se voltaram para as comemorações relativas ao Centenário da Independência do Brasil. Com a realização de cerimônias, festividades e atos cívicos por todas as regiões do país, o Estado buscava despertar junto à população os sentimentos de patriotismo e civismo, fundamentais para a constituição de uma identidade nacional (OLIVEIRA, 2009, p. 13).

Com o surgimento do Museu Histórico Nacional tentou-se promover uma valorização da história nacional, seus personagens e acontecimentos, assim como, houve uma preocupação com a difusão dessas informações para a sociedade. Portanto, foram estabelecidos padrões e métodos para a realização de exposições museológicas a partir da ação desta instituição em particular. Por iniciativa do então diretor, Gustavo Barroso, o museu criou um curso voltado para a formação de profissionais em museologia, com o objetivo de qualificar a organização e manutenção de equipamentos museológicos. Desta forma estabeleceram mais um canal para a disseminação de um ideal de museu e de história.

Como parte das festividades de 1922, o Museu Histórico Nacional (MHN) foi inaugurado na capital da República, o Rio de Janeiro, sob os auspícios de Gustavo Barroso, tornando-se o grande referencial de museu histórico do país, tendo em vista sua finalidade de cultuar a História Nacional e de implantar o primeiro curso de museologia do país, que vigorou de 1932 a 1951, quando foi elevado a curso universitário, a partir do convênio firmado com a Universidade do Brasil (MAGALHÃES, 2002 *apud* HOLANDA, 2004, p. 02).

Para materializar a criação do Museu Histórico do Ceará, não bastava aos idealizadores apenas a intenção de construir um espaço dedicado a memória da história do Ceará. Havia a necessidade criar meios para concretizar este desejo e, de início, precisavam instituir um acervo que fosse representativo para reconstruir a história, a partir da concepção de museu vigente à época de sua criação. A atuação de Eusébio de Souza, conforme demonstra a historiadora e ex-diretora do museu Cristina Holanda, foi fundamental para realização desta tarefa inicial de formação do acervo.

Ele foi o Diretor que mais investiu numa política de arrecadação de peças para o patrimônio do Museu, verificada na mobilização das instituições e da população cearense - através de ofícios, circulares

e artigos, endereçados diretamente ou publicados nos principais jornais locais da época - e na divulgação das contribuições em diferentes veículos. Em nenhuma outra fase da história do museu tal fato se repetiu nessa proporção (HOLANDA, 2004, p. 05).

Despertar sentimentos de identidade para com a nação, fortalecer o civismo e apresentar fatos histórico que servissem de exemplo para a atuação das pessoas na sociedade eram alguns dos objetivos da instituição em formação. Estas questões seriam abordadas a partir de uma interpretação tradicional da história, através da apresentação de objetos e acontecimentos ligados à elite política e econômica do Estado, em um modelo de exposição focalizado na contemplação do público frente ao acervo em exposição. Tratava-se de uma instituição de memória que privilegiava um segmento social e institucionalizava a patrimonialização dos objetos ligados a personagens oriundos desse grupo, amparada em um conceito de história personalista. Segundo Ana Amélia:

Nada mais pertinente para a celebração das glórias de outrora do que um museu, lugar transformado num templo para celebrar os feitos gloriosos dos heróis nacionais e que, por isso, deveria tornar-se conhecido pela população como algo digno de respeito e veneração (OLIVEIRA, 2009, p. 33).

Criado inicialmente para servir de espaço de guarda de objetos históricos e vinculação da biografia de personalidades do meio político a história oficial do Estado, aos poucos a instituição desenvolveu uma preocupação de levar essas informações e valores para um público maior, cumprindo uma função de legitimação de identidade e valorização da história local.

Pode-se inferir, a partir dessas afirmações que, no embrião de sua criação, a instituição tinha a função de cultuar a memória e as personalidades vinculadas à elite social e econômica da época (que por sua vez associava às suas memórias particulares e familiares a memória oficial do Estado) e também, instrumentalizar a sociedade para o exercício de sua cidadania, a partir de valores que eram caros aos grupos que dominavam o cenário político da época. Havia uma tendência para a conceituação do museu como um equipamento que levaria ao público uma história oficial. A história representada tinha a função de ser exemplo para a sociedade, que por sua vez, tinha o dever de seguir as lições e valores estabelecidos na narrativa construída.

Toda sociedade, para afirmar e reforçar sua identidade, procura construir uma memória, de preferência unificada, homogeneizada. A memória, assim, aparece como operação ideológica, formadora de imagem, representação de si próprio que reorganiza simbolicamente o universo das coisas e das relações e produz legitimações (MENESES, 1992, p. 7).

O museu representava uma ferramenta para a disseminação de uma identidade homogeneizada e catalisada na memória relacionada aos objetos doados e adquiridos pela instituição. Os objetos, por sua vez, representavam acontecimentos e personalidades consagradas no meio social responsáveis pela idealização e pelos direcionamentos da instituição em seus primeiros anos de funcionamento.

Levar este tipo de narrativa histórica para um número grande de pessoas era um desafio importante para o museu. Ao ampliar o alcance da proposta elaborada, acreditava-se estar levando ao público a disseminação dos valores relacionados ao respeito à pátria, ao civismo e a identificação identitária. O público era visto como um agente passivo, pronto a receber e incorporar, de maneira direta, os valores expressos na narrativa estabelecida.

Assim como na educação formal da época, havia uma abordagem de transmissão do conhecimento através de uma metodologia denominada por Paulo Freire de “Educação Bancária”.

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Dai que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (FREIRE, 1987, p. 33).

Eusébio de Souza, diretor e fundador do Museu Histórico do Ceará, propôs um modelo de instituição que colocava-se a serviço do Estado e não da sociedade como um

todo. Buscava-se, através do museu, implementar um auxílio à divulgação dos ideais de nação e organização social. Era um equipamento público, criado com intencionalidades bem marcadas, por pessoas que partiam de um lugar social onde o exercício do poder cultural procurava se estabelecer através do controle da memória oficial. Era, como escreve Certeau, em outro contexto, a institucionalização de uma ação impregnada de influências diversas.

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam (CERTEAU, 2005, p. 47).

O Museu Histórico do Ceará configurou-se como instrumento devotado à guarda e veneração de um capital de memória vinculado a elite política e econômica e, por conta disto, legitimou institucionalmente este capital e sua identidade como representações de um corpo social mais amplo.

O trabalhador de museus é aquele que opera com a linguagem das coisas, produz uma gramática da cultura material e elabora uma alfabetização visual. O trabalhador de museus é produto e produz o fato museal: a relação entre homens e os objetos num cenário (área de interesse da museologia) (RUOSO, 2009, p. 44).

Na década de 1970, a lógica antiquária de organização das exposições museográficas, que caracterizava-se pela mera exibição dos objetos representativos de determinada personalidade ou acontecimento como forma de recontar o passado, ainda se fazia presente na estruturação do Museu Histórico do Ceará. Sua organização encontrava-se em sintonia com as diretrizes culturais estabelecidas pelo governo federal, à época sob o controle de militares. O museu serviu para divulgar os valores ideológicos caros a esse regime, instituído em 1964. Sua estruturação buscava valorizar o sentimento ufanista de nacionalismo e patriotismo. Havia uma abordagem associada ao reconhecimento dos heróis nacionais, do fortalecimento de estereótipos regionais, em

uma lógica cronológica, linear e desvinculada de uma abordagem histórica minimamente problematizada. A narrativa construída partia de certezas e não de dúvidas.

Diante desta realidade, era comum a pouca, ou em alguns casos nenhuma, preparação dos profissionais que atuavam nos museus do Brasil e o Ceará encontrava-se inserido nesta lógica. Tal realidade foi constatada pela historiadora Carolina Ruoso, que descreveu em sua dissertação de mestrado que:

Aqueles que trabalhavam em museus, na maioria dos casos, não eram escolhidos pela formação profissional. Eram outros motivos que priorizavam essas escolas. Entre elas, o favorecimento político ou ainda a descoberta de um “amante” da história e/ou da arte... Não havia muitos museólogos atuando, sendo o amadorismo quase regra nos museus do Brasil (RUOSO, 2009, p. 43).

A partir deste fato, a necessidade de qualificação dos profissionais vinculados a museologia no Brasil, posteriormente passou a ser exigida. A ascensão de novas interpretações historiográficas e a sua assimilação, por parte de profissionais ligados à disciplina influenciaram uma transformação no discurso da museologia. A partir dessa nova realidade, ganhou força a necessidade de privilegiar o alargamento da atuação de profissionais oriundos de diversas áreas do conhecimento, através da adoção de práticas organizacionais que primavam pela interdisciplinaridade. O novo conceito também se fez presente na elaboração da produção histórica, quando através do desenvolvimento da História Cultural. Houve a busca por um maior diálogo com outras disciplinas como a antropologia, conforme escreve Burke:

Do final da década de 1960 em diante, eles voltaram-se para a antropologia em busca de uma maneira alternativa de vincular cultura e sociedade, uma forma que não reduzisse a primeira a um reflexo da segunda ou a uma superestrutura, como o glacê do bolo (BURKE, 2008, p. 56).

Os debates acerca da organização e estruturação dos museus ampliaram o olhar sobre novas necessidades a serem desenvolvidas nos equipamentos, como a criação de mecanismos que permitam a realização de um diálogo com a sociedade e a contratação de profissionais efetivamente qualificados através dos cursos de museologia existentes.

Um exemplo do novo contexto pode ser verificado através dos debates realizados no Encontro Nacional de Dirigentes de Museus, realizado em 1975 pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

O ano de 1975 foi emblemático e instigante para as políticas e práticas museológicas. Houve um encontro de diretores de museus no mês de outubro, em Recife. No Museu do Ceará, já se pronunciavam expressões como *dinâmico* e *dinamizar*. Sinais de crise no ar museológico, afirmavam alguns. Crise provocada por reflexões a respeito das funções dos museus. O que muitos sabiam dizer é que não seria mais possível continuar como estava. Mas como estava? O que pretendiam construir? Os museus tinham algum significado social? Essas eram algumas perguntas que começavam a ser realizadas por aqueles que atuavam nos museus do Brasil (RUOSO, 2009, p. 130).

O evento, realizado na cidade de Recife e que contou com a participação do então Diretor do Museu do Ceará, Osmírio Barreto, ocorreu em uma época em que os questionamentos sobre a organização tradicional dos museus já estavam em curso. Pairava uma preocupação com a oferta de uma museologia mais dinâmica, que extrapolasse a mera contemplação por parte do visitante. Uma nova visão que permitisse formular hipóteses e questionamentos a partir dos objetos expostos, como início de uma interpretação mais reflexiva do que deveria ser o papel dos museus na sociedade.

O diretor do Museu do Ceará apresentou no GT de Educação, uma experiência desenvolvida na instituição, através de um projeto dedicado ao autor cearense Capistrano de Abreu. A ação consistia na apresentação da exposição do museu em escolas públicas por meio de uma série de slides que mostravam o acervo do equipamento. A partir da seleção dos objetos e da apresentação de acontecimentos associados, o diretor acrescentou a narrativa visual o seu ponto de vista acerca da história do Ceará.

A criação do projeto Capistrano de Abreu fazia parte de um conjunto de ações destinadas a aproximar o museu do contexto escolar, conforme relata o historiador Marcos Uchoa da Silva Passos:

O professor Osmírio de Oliveira Barreto foi indicado para administrar o MHAC, em 1971. Possuidor de ampla experiência no ensino formal, ele queria tornar o Museu referência nos estudos e nas pesquisas voltadas ao Ceará, tornando-se uma extensão da escola.

Foi instalado um “Centro de Estudos Históricos e Antropológicos do Ceará”, em 1977, buscando aglutinar professores e pesquisadores para esse fim (PASSOS, 2011, p. 36).

Ao realizar o projeto Capistrano de Abreu, que levava o conhecimento do Museu para além dos seus muros e atingia o público escolar, a gestão de Osmírio Barreto foi considerada dinâmica pela imprensa local, que constantemente concedia espaço, através da publicação de matérias jornalísticas relacionadas ao equipamento e as ações lá desenvolvidas. A veiculação de notícias e matérias gerou alguma visibilidade pública para o equipamento e o trabalho realizado. O desenvolvimento do projeto Capistrano de Abreu consistia, segundo relato de Ruoso:

[...] Osmírio Barreto visitava escolas junto com outros professores de História que trabalhavam no museu e apresentava um conjunto de slides com fotos das exposições do MHACE e de objetos, com o intuito de educar e despertar o interesse de visita e pesquisa por parte dos estudantes (RUOSO, 2009, p.138).

O que por alguns foi visto como uma atividade dinamizadora por parte do museu, não escapou de um forma de reafirmar uma abordagem tradicional da história, pois, a ampliação do alcance da instituição, através das visitas às escolas para apresentação dos slides, partia de um conceito tradicional de se pensar, produzir e ensinar a história. “A história narrada no Museu e nas suas palestras estava pronta e acabada, cabendo ao receptor apenas receber e acatar aqueles conhecimentos.” (RUOSO, 2009, p.140). O diretor da instituição realizava uma abordagem educativa que entendia o “museu como um lugar da verdade histórica” (idem).

A realização do encontro em Recife estabeleceu um marco na orientação dos profissionais ligados ao trabalho com museus, para a elaboração e execução de projetos expositivos. Os anais do encontro resultaram na produção de um livro que serviu como um guia aos profissionais. Pode-se afirmar que estas ações formaram um embrião para a posterior criação do primeiro Sistema Nacional de Museus, em 1986. A realização desses encontros e a participação de profissionais de diferentes instituições, com vivências diversas na área, se caracterizava como um momento de intensa troca de experiências, o que era extremamente importante em uma época em que o intercâmbio de informações e ideias se dava de maneira lenta, em comparação com os dias atuais, com a disponibilidade da internet e as redes sociais.

Foi um encontro de caráter propositivo. Nas recomendações sugeridas, advindas de análises de problemas enfrentados pelos trabalhadores de museus e de trocas de experiências, é possível verificar o grau de dificuldade no Brasil para compreender quais eram seus níveis de inserção no debate museológico (RUOSO, 2009, p.132).

A atuação das instituições federais, como é o caso do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, estava articulada a uma política cultural propagada pelo governo federal. Esta política pretendia fomentar a visão elitista, autoritária e assimétrica nos museus para que estes estivessem a serviço da divulgação da ideologia do regime militar brasileiro como bem expressa Ruoso:

Os museus seriam símbolo da memória nacional, capazes de fortalecer nos cidadãos o sentimento de pertencimento e de amor à pátria. Através dos museus, seria possível ensinar valores como o de respeito ao patrimônio nacional e reverência aos representantes da cultura brasileira que com seus feitos heroicos construíram o país. (RUOSO, 2009, p.133)

O modelo elitista de apresentação do acervo do museu se perpetuou ao longo da gestão de Osmírio Barreto, que foi diretor da instituição entre os anos de 1971 a 1990. Na década de 1980, a relação da exposição com o contexto cultural e histórico vivenciado no Brasil, com o desgaste do regime militar e o seu distanciamento do poder, começou a apresentar sinais de deterioração.

O distanciamento do museu em relação as inovações que estavam sendo pensadas e implementadas em outras instituições museais do Brasil e do Mundo, associado a precária condição de conservação do acervo, foram elementos que passaram a chamar a atenção, do público, da imprensa e das pessoas interessadas e preocupadas com os rumos da política cultural pensada pelo governo do estado no período.

Começou a ganhar força o discurso de qualificação da atuação dos museus a partir da profissionalização de seus servidores. Ficou clara a necessidade de dotar os equipamentos de memória de profissionais com a devida formação técnica para o exercício das funções, principalmente, museólogos.

Surgiu uma maior preocupação quanto a necessidade de qualificar a abordagem didática dessas instituições junto aos seus visitantes, principalmente os

estudantes. Com as transformações socioculturais em curso no país, o ensino de história passa a ser revisitado em sua forma e conteúdo. As transformações transpõem os muros da escola e chegam, enquanto reflexão, aos demais ambientes vinculados a preservação e disseminação de um determinado conhecimento histórico.

No caso do Museu do Ceará, após a criação do Projeto Capistrano de Abreu, a renovação da abordagem pedagógica do museu junto aos seus visitantes foi pensada e implementada apenas na década de 90, quando surgiu um núcleo educativo no Museu do Ceará. A criação deste núcleo ocorre enquanto reflexo de uma demanda de transformação sobre a prática dos museus que começa a ser pensada institucionalmente no Brasil na década de 1970, quando aconteceu na cidade do Recife o Encontro Nacional de Dirigentes de Museus, evento realizado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Esta afirmação é ressaltada por Ruoso, que discorre sobre as recomendações estabelecidas pelos grupos de trabalho desenvolvidos durante o evento, sobre as práticas a serem desenvolvidas nos museus, como por exemplo a criação de setores para atuarem diretamente no processo educativo, na divulgação e promoção da instituição.

As recomendações elaboradas neste encontro podem ser compreendidas como sonhos, ou seja, um projeto para as ações educativas com museus. Mas também como indícios de uma intervenção substancial no pensamento e na prática museológica, porque foram utilizadas posteriormente como instrumentos de orientação para a elaboração de atividades museológicas (RUOSO, 2009, p.142).

Para implementação das propostas, a questão estrutural aparecia como entrave conforme pois:

Não havia profissionalização, não havia recursos financeiros e não havia um número de trabalhadores satisfatório para realizar qualquer trabalho além do básico atendimento ao público, que ainda em muitos museus era precário (RUOSO, 2009, p.146).

Chama atenção o lapso temporal entre a realização do encontro, em 1975, e o início do estabelecimento de parte dessas recomendações, com a efetiva criação do núcleo educativo no Museu do Ceará, em 1998. Há um enorme hiato entre os dois

momentos, bem como, as diferentes gestões que estiveram a frente da instituição ao longo desse tempo foram submetidas a pouca atenção do poder público, quanto a assistência ao equipamento através da maior dotação de recursos e capacitação dos profissionais envolvidos

A influência dos diferentes contextos de ordem política e de direcionamento cultural oficial existentes ao longo deste período. Esta análise possibilita inferir que essa influência não ocorreu de forma direta, mas sim, como fruto de um processo de transformações e influências que perpassaram a instituição, as pessoas que estiveram a frente dela neste intervalo e a própria política cultural pensada para os museus pelos governos Federal e Estadual ao longo deste tempo.

Somente a partir da última década do século XX, quando historiadores passam a administrar o museu em sua nova sede e com o novo nome (Museu do Ceará), as influências de museólogos como Maria Célia Santos e Mario Chagas e do historiador Ulpiano Bezerra de Menezes passam a fazer parte do cotidiano, entre conceitos e práticas de ação museológica. Também se iniciam as pesquisas dos museus como objeto de pesquisa e do acervo como cultura material geradora de diálogos na escrita de uma história/historiografia (RUOSO, 2009, p.150).

Antes porém, da efetiva atuação do núcleo educativo, uma significativa transformação começa a ser gestada no Museu do Ceará, No início da década de 90, em meio a gestão do então governador Tasso Jereissati, há uma decisão de promover a mudança do museu para o recém restaurado Palácio Senador Alencar, antiga sede da Assembleia Legislativa do Estado localizada no centro de Fortaleza. Essa mudança era considerada uma das principais ações do governo no âmbito da cultura e estava associada a um discurso modernizante implementado pelo novo governador, que buscava distanciar-se de seus antecessores através da identificação de seu governo com agendas mais progressistas. Nesse contexto a transferência do museu para uma nova casa ocorre em meio a promoção de uma série de debates públicos que versaram sobre o novo direcionamento a ser seguido pelo museu a partir de então. Conforme relata Yazid Jorge Guimarães Costa:

No período 1990 a 1993, temos o momento no qual as transformações físicas da instituição são priorizadas, fruto de

debates que antecedem o momento recortado, o Museu Histórico e Antropológico do Ceará torna-se Museu do Ceará e muda-se de sede e de função, no sentido de se modernizar e se afastar da identificação institucional anterior. Tal momento é marcado pelas discussões, na sociedade cearense, mas principalmente no âmbito da capital do Estado, Fortaleza, da criação de um “Corredor Cultural”, no Centro da Cidade, que permitiria não apenas o acesso aos cidadãos aos diversos equipamentos culturais da cidade, que encontravam-se, naquele momento, “abandonados” pelo poder público, mas também o afluxo de turistas na região (COSTA, 2012, p. 25).

Com a efetiva mudança da instituição para o novo prédio, os primeiros três anos foram consumidos pela realização de vários debates acerca do novo rumo a ser tomado pela instituição. Esse esforço contou com a participação de pesquisadores ligados às universidades locais, como Universidade Federal do Ceará-UFC e aos órgãos federais de preservação, como o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, que neste momento, estavam envolvidos no processo de redefinição do novo modelo de museu a ser implementado.

A partir de 1993, toma posse como diretora do museu, a historiadora Valéria Laena Bezerra Rolim, que cumpre o desafio de catalisar as propostas, opiniões e definições levantadas no processo de discussão, com o objetivo de implementar uma nova roupagem para a exposição permanente do museu. Paralelo a esse trabalho, outras ações também são realizadas como a recuperação e catalogação do acervo, criação da Associação dos Amigos do Museu do Ceará e do núcleo educativo e a realização de reformas para adequar o espaço do sobrado a utilização do museu.

Entre 1993 e 1998 é que acreditamos ocorrer a efetiva modernização do Museu do Ceará. Apesar dos planos gestados durante os três (03) anos anteriores, a necessidade de reformas constantes, a demora e os conflitos acerca de como e quais histórias serem representadas no Museu do Ceará impediram a efetivação da reformulação da exposição de longa duração do Museu do Ceará, sendo marca deste período a profusão de exposições de curta duração de temática artística, por meio de fotografias ou artefatos da cultura cearense, bem como de temática histórica, sendo estas, fruto de pesquisas realizadas no acervo da própria instituição (COSTA, 2012, p. 26).

Paralelamente a esse processo de modernização, a gestão da instituição iniciou em 1995 a realização de oficinas de educação patrimonial. Eram os encaminhamentos iniciais do que posteriormente seria formalizado com a criação do núcleo educativo. Esta ação se enquadrava no conjunto de mudanças que estavam sendo gestadas e que pretendiam dotar o Museu de uma atuação mais contextualizada com a museologia da época. Buscava-se com esta ação o desenvolvimento de mecanismos voltados para o fomento da pesquisa, da comunicação e da qualificação da atuação do museu enquanto uma entidade dotada de responsabilidade educativa e formativa. O museu reconhecia a sua importância para o desenvolvimento da identidade cultural da sociedade cearense e, conseqüentemente, de questões relacionadas a cidadania deste mesmo grupo.

A discussão da educação patrimonial realizada a partir das oficinas, configurava-se em uma relevante influência sobre a atuação educativa do “novo” Museu do Ceará. A reestruturação em gestação fundamentava-se na oposição ao modelo anteriormente adotado, baseado em uma prática instrucionista e sem contornos de reflexão crítica sobre os contextos, narrativa e objetos em exposição. Buscava-se portanto, uma abordagem educativa integrada ao desenvolvimento de um sentimento identitário do visitante, em relação ao objeto, a exposição e a instituição, o que desenvolveria também o sentimento de pertencimento.

Objetivava-se ainda a realização de pesquisas temáticas sobre o acervo, como forma de pavimentar os caminhos para o desenvolvimento de uma proposta educativa baseada no conhecimento do potencial disponível na instituição. Esta ação complementava a intenção de criar um espaço privilegiado para desenvolvimento da pesquisa, preservação e comunicação.

Durante grande parte da década de 90 o museu operou apresentando exposições temporárias baseadas nas peças de seu acervo ou na apresentação de outras coleções e trabalhos artísticos. Somente no ano de 1998 a aguardada exposição permanente é entregue ao público, com o título “Ceará terra da luz ou Ceará moleque: que história é essa?”.

A programação e os recursos expográficos foram constituindo-se com a proposta de conceber uma nova roupagem ao MC, desatrelada do senso comum de “lugar de coisas antigas”, buscando atrair um maior número de visitantes (PASSOS, 2011, p. 40-41).

A reestruturação da exposição reacendeu um importante campo de disputa estabelecido à época, sobre como a memória oficial exposta no museu deveria ser apresentada ao público e tratada pela curadoria. À época de sua abertura a exposição gerou uma série de debates sobre como o museu deveria se estruturar enquanto espaço de memória. As opiniões sobre a nova exposição se dividiam, na medida em que determinados setores sentiram-se contemplados com uma abordagem mais leve e potencialmente atrativa a um novo público. Por outro lado, esta mesma exposição foi caracterizada como demasiadamente indutora de estereótipos acerca do modo de ser do cearense, desconsiderando, por vezes, a diversidade de costumes inerentes a um grupo social. Outra crítica realizada fazia referência a uma certa carnavalização do acervo, através da utilização excessiva de luzes coloridas e músicas de fundo, que ofuscavam os objetos patrimonializados em exposição.

No referente ao conteúdo, a mostra de longa duração possuía algumas brechas de informações, principalmente no módulo *Que história é essa?*, expondo objetos com pesquisas escassas, deixando a cargo do visitante a livre interpretação, denotando uma nítida necessidade de implantação de investigações sistemáticas sobre o acervo. As demais partes constituíram uma identidade cearense, presente no senso comum, a partir de fatos e personagens consagrados pela historiografia (PASSOS, 2011, p.45).

Esse debate pôs em questão o embate existente acerca da finalidade de uma instituição de memória. No caso do museu do Ceará, esta exposição, enquadrou-se dentro de uma política cultural que visava a revitalização do centro histórico da cidade e a sua qualificação como um destino atrativo ao turismo. Dessa maneira, o museu se juntava a outros equipamentos de lazer e cultura, como o Teatro José de Alencar e o Centro de Turismo do Ceará, agregando valor ao potencial econômico e comercial já bem desenvolvido.

Associado a este contexto, a exposição teve um reconhecimento quanto às inovações expositivas e temáticas implementadas, que romperam com a forma tradicional de expressão do museu vivenciada até então. Por outro lado, foi caracterizada pela ausência de uma postura reflexiva crítica.

A partir da descrição e análise deste projeto expográfico podemos afirmar que, de fato, a exposição “Terra da Luz e Ceará Moleque.

Que história é essa?” consegue se distanciar de uma narrativa histórica linear e de cunho evolutivo, aliada aos cânones da história tradicional, mas constrói e reforça padrões identitários, ao invés de realizar reflexões sobre estes (COSTA, 2012, pág. 141).

No contexto da inauguração da nova exposição permanente, o núcleo educativo do museu iniciou as suas atividades efetivamente em março de 1998. Em suas primeiras ações, o núcleo estabeleceu alguns objetivos a serem alcançados, com o intuito de delimitar e direcionar os procedimentos a serem desenvolvidas conforme nos relata Yazid Costa.

Serão ações desenvolvidas pelo Núcleo, a partir da sua criação: a estruturação da equipe, cronograma de trabalho, públicos-alvo atendidos; elaboração da programação do Núcleo; impressão do fôlder do Núcleo; Estudo das coleções da exposição permanente; atendimento às escolas; monitoramento às visitas; capacitação de professores e guias turísticos; correspondência para as escolas (COSTA, 2012, p. 196).

Era perceptível a preocupação do Museu em organizar a atuação do núcleo a partir de diretrizes que promovessem a qualificação da atuação de seus membros e, por consequência, a mediação direta com um determinado grupo de visitantes, seja através da capacitação de professores ou guias de turismo. Para tanto, vale destacar a preocupação com a instrumentalização dos próprios integrantes do núcleo, através do estudo do acervo em exposição. Acreditava-se que através dessas ações, os objetivos estabelecidos para o novo funcionamento do Museu do Ceará estariam mais próximos de serem alcançados e que a instituição cumpriria a sua função social.

Para qualificar e valorizar a atuação dos educadores do museu, ação considerada necessária por conta da boa demanda de visitas oriundas dos estabelecimentos escolares, foi realizado o curso “Fortaleza, Ceará: Temas em exposição”. Ministrado em conjunto pelos historiadores Sebastião Rogério Ponte e Berenice Abreu de Castro Neves, o curso buscava capacitar os mediadores para o trabalho com os temas em destaque na nova exposição. Tal medida, apesar de abranger a todos os frequentadores, tinha como foco principal, a preparação dos educadores para a interação com o público escolar e a mediação dos objetos em relação ao cotidiano dos visitantes.

Pouco tempo depois da inauguração da nova exposição permanente do museu, Valéria Laena Bezerra Rolim deixa a direção da instituição e, em seu lugar, assume por um breve tempo, a historiadora Berenice Abreu de Castro Neves. Sua Curta gestão caracterizou-se pela dinamização da função social do museu ao realizar trabalhos específicos para públicos em situação de vulnerabilidade e que normalmente encontram-se excluídos das atividades museais, como meninos de rua e prostitutas.

A partir do ano 2000, assume a direção do museu o historiador Régis Lopes. A nova gestão iniciou um processo de revisão e reconfiguração da exposição “Ceará terra da luz ou Ceará moleque: que história é essa?,” por identificar aspectos considerados em desacordo com a museologia e com a abordagem histórica.

Criticas contundentes foram efetuadas à tendência homogeneizante estabelecida sobre a cultura cearense, pautada principalmente pela marca da irreverência, como também da legitimação do episódio de abolição dos escravos no Ceará, pautada numa memória oficial que buscou negar a participação dos negros no processo e não previu a integração destes em ganhos sociais e econômicos (PASSOS, 2011, p. 66).

A partir da reconfiguração da exposição, que passou a denominar-se “Ceará: história no plural”, optou-se por estabelecer uma proposta menos chamativa, do ponto de vista visual, com uma maior sobriedade nas cores e iluminação, apresentando linhas mais simples para privilegiar a atenção aos objetos. Estes estariam em destaque em uma abordagem histórica que pretendia valorizar a diversidade e as múltiplas possibilidades interpretativas, conforme descreveu Passos:

Neste reordenamento buscou-se, através de painéis e divisória, destacar e valorizar o acervo como documento passível de reflexão. O foco estaria voltado às características atreladas aos objetos. Assim, a cenografia foi modelada com o objetivo de não bloquear a percepção arquitetônica do edifício, nem de ser um concorrente a reflexão sobre os objetos (PASSOS, 2011, p. 69).

Com o reordenamento implementado, houve um esforço para integrar a nova exposição e suas possibilidades de abordagem histórica ao contexto comunicativo representado pela pesquisa e pela ação educativa. A exemplo da realidade vivenciada, a partir da gestão de Valéria Laena, a atuação do núcleo educativo, através da pesquisa e

da mediação, foi considerada estratégica na conjuntura das reflexões objetivadas na nova exposição.

Composto por alunos oriundos das graduações em Pedagogia e principalmente História, das universidades da capital, o núcleo educativo continuou a ser uma engrenagem importante do processo comunicativo do museu e tinha como alicerce o constante processo formativo de seus membros através do aprofundamento teórico e do debate de temas relevantes para o exercício da mediação como: a ação educativa, história do Ceará, cultura material, história dos museus e do Museu do Ceará, expografia, entre outros.

Segundo Passos, a estrutura do núcleo educativo do Museu do Ceará durante a administração do professor Régis Lopes se configurou da seguinte forma:

Constituída por uma coordenação geral e educadores estagiários dos cursos universitários de História e Pedagogia, teve suas atividades permeadas, em grande parte, pelas discussões teóricas de dois intelectuais: Paulo Freire e Ulpiano Bezerra de Menezes, culminando no desenvolvimento da metodologia do objeto gerador (PASSOS, 2011, p. 72).

A partir do conceito de “objeto gerador”, foram estruturadas as ações de mediação dos educadores da instituição, baseadas na problematização dos artefatos expostos, como fontes históricas passíveis de contestação e questionamento, quanto a sua historicidade. O passado analisado sob a ótica das necessidades cotidianas e sob a perspectiva das múltiplas temporalidades. O enfoque na relação entre o espectador e o objeto, como “estímulo a alfabetização museológica, para o exercício do olhar sobre as coisas do mundo” (PASSOS, 2011).

Através desta perspectiva de mediação didática, a ação do núcleo educativo se desenvolveu complementarmente a outras atividades relacionadas a manutenção e pesquisa sobre o acervo, que possibilitaram a realização de exposições de curta duração e estudos posteriormente publicados; formação continuada através da realização de laboratórios, como o “Laboratório de Museologia” e estabelecimento de linhas de pesquisa como a “Comissão Científica de Exploração” e a articulação de um programa editorial, que permitiu a publicação dos trabalhos relacionados às investigações e pesquisas realizadas, através das coleções “Outras histórias”, “Outras Historinhas”, “Cadernos Paulo Freire”, “Edições fac-similares” e “Memórias do Museu do Ceará”.

A estrutura expositiva e metodológica estabelecida durante a Gestão de Régis Lopes, na primeira década do século XIX, mantêm-se praticamente da mesma forma como foi estruturada. Após sua saída da direção do museu, o cargo foi ocupado pelas Historiadoras Cristina Rodrigues Holanda e posteriormente Carla Vieira, que deram continuidade ao modelo implementado, com o enfoque na salvaguarda e pesquisa sobre o acervo, formação e ação educativa e política editorial. Passados aproximadamente dez anos desde a última grande intervenção em sua estrutura expositiva, o Museu do Ceará convive atualmente com alguns problemas estruturais visíveis para um visitante, como por exemplo, a conservação da pintura e da iluminação em determinados ambientes. As salas de exposição também apresentam sinais de desgaste e envelhecimento quando se observam painéis informativos esmaecidos, legendas perdendo a cor e fotografias representativas desbotadas. Apesar de problemas relacionados a manutenção das instalações, a criação de mecanismos de disponibilização do acervo da reserva técnica para pesquisa e consulta e a atualização em sua proposta expositiva, o museu continua cumprindo uma importante função cultural enquanto reduto das reflexões e problematizações sobre a história do Ceará.

3 Patrimônio Histórico, Roteiros Didáticos e o Ensino de História

Todo museu, por natureza, se configura como um centro irradiador de informação e conhecimento e a forma como esse processo acontece decorre de escolhas relacionadas ao processo comunicativo. Enquanto equipamento cultural que estabelece um diálogo com a sociedade, os museus dispõem de incontáveis maneiras de realizar uma (ou várias) ação comunicativa. A interlocução visa estabelecer, através da interação com seu público, a disseminação da informação e do conhecimento a que se pretende.

Todo museu é fruto das escolhas efetuadas por aqueles que, em um dado momento e contexto, tem algum poder direcionador sobre a instituição, e o exerce orientado por sua carga simbólica, seus valores e conhecimentos previamente adquiridos. A comunicação proposta, portanto, ressona esse conjunto de escolhas, situações e vivências, inerentes as individualidades formativas ou ao reconhecimento em relação a uma determinada consciência social.

A museologia contemporânea se estabeleceu embasada nas reconfigurações assimiladas pela área, a partir da segunda metade do século XX. A ênfase na elitização dos acervos, até então observada, cedeu lugar para a atenção ao desenvolvimento humano, por meio de uma museologia social. Atrelada a esta mudança, surgiu a necessidade de estreitar um maior diálogo das instituições com o universo educativo. Com base nas novas necessidades delimitadas pela museologia, o conceito de museu teve que alargar seu universo de atuação e passou a englobar outras questões como a ampliação a concepção de patrimônio, a valorização de outros segmentos sociais não pertencentes às elites políticas e econômicas e a incorporação de um discurso educativo amparado na reflexão e não na contemplação.

A partir da ascensão dessas questões e dos problemas decorrentes dos conflitos bélicos vivenciados no século XX, que resultaram na destruição e pilhagem de muitos museus no mundo, foi criado o Conselho Internacional de Museus – ICOM. Surgiu com a responsabilidade de liderar os museus no sentido de serem atuantes na preservação e difusão do conhecimento e com o objetivo de criar parâmetros para a adoção de práticas e procedimentos relacionados aos novos propósitos museológicos. Em 2007, na 21ª Conferência Geral do conselho, realizada na cidade de Viena, o ICOM aprovou uma nova atualização para o conceito de museu

Um museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e aberto ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (ICOM, 2007)

Desde a sua fundação, o Museu do Ceará reproduziu diferentes formas de comunicar uma narrativa histórica a partir da exposição das peças do seu acervo até chegar a exposição atualmente apresentada. Ao longo do tempo o museu reproduziu a tradição antiquária, baseada em uma mostra de objetos considerados como relíquias capazes de recontar a história. Representou a história “*magistra vitae*”, com a organização de uma abordagem que priorizava os heróis da pátria, considerados exemplos a serem seguidos pela sociedade. Paralelamente ao contexto de transferência do museu para o Palacete Senador Alencar, entre as décadas de 80 e 90, teve início um processo de reflexão e reestruturação influenciado pela museologia contemporânea.

Para o professor Régis Lopes, que foi diretor do Museu do Ceará e um dos historiadores responsáveis pela elaboração da atual exposição permanente, o museu contemporâneo ampliou seu arco de atuação e significado. A partir da assimilação de novas atribuições, as instituições museais suplantaram a função de coleta e exposição de objetos patrimonializados.

Afinal, se é possível definir o museu ideal, deve-se pensá-lo como um centro de estudos dos objetos, que publica e discute pesquisas não só através de textos e cursos, mas sobretudo no próprio discurso que poderá se compor depois que o objeto perde valor de uso para assumir a condição de coisa exposta (RAMOS, 2004, p. 135).

Ainda sobre o museu contemporâneo, o professor e museólogo Ulpiano Bezerra de Menezes ressaltou o papel das instituições de memória enquanto centros de produção de conhecimento e interpretação da sociedade na qual estão inseridas. Essa perspectiva atribuiu aos museus uma função colaborativa em relação a outros espaços institucionais de fomento da ciência, como é o caso das universidades.

Estou convicto de que, no século XXI, os museus não serão espaços anacrônicos e nostálgicos, receosos de se contaminarem com os vírus da sociedade de massas, mas antes, poderão constituir

extraordinárias vias de conhecimento e exame dessa mesma sociedade. Serão, assim, bolsões para os ritmos personalizados de fruição e para a formação da consciência crítica, que não pode ser massificada (MENEZES, 1992, p. 14).

Enquanto espaço irradiador de um discurso historicamente construído, a partir da influência do tempo presente e das crenças reconhecidamente válidas para este tempo, o Museu do Ceará caracteriza-se pela constituição de uma trajetória expositiva embasada no conhecimento histórico cientificamente produzido. Este conhecimento chegou às exposições através das escolhas realizadas pelos indivíduos responsáveis pela direção, idealização e condução da instituição e refletiu a formação e as influências intrínsecas a esses personagens. A exposição é apresentada ao público a partir de uma idealização pautada no conhecimento histórico construído e torna-se um reflexo da produção e da pesquisa historiográfica, que por sua vez, segundo Certeau:

se articula com um lugar de produção soioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (CERTEU, 2015, p. 47).

No Museu do Ceará, a organização da exposição tem o objetivo de criar uma representação simbólica de um determinado acontecimento, ou até mesmo, ou um questionamento, para que através deste, o expectador desenvolva ferramentas que o possibilite criar suas próprias representações. O papel dessa ação mental reverte-se de importância no que concerne ao desenvolvimento de uma comunicação e, no estabelecimento ou estruturação de um determinado conhecimento.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a

impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação (CHARTIER, 1988, p. 17).

Um dos princípios pedagógicos que nortearam a organização da atual exposição do Museu do Ceará foi o conceito do trabalho por meio do “objeto gerador”. A criação dessa concepção está diretamente influenciada pelos fundamentos da obra do educador Paulo Freire, quanto a necessidade de relacionar as experiências de vida com a aprendizagem que se pretende ensinar. Esse conceito tem como base a crença de que a leitura de mundo antecede a leitura das letras.

O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisas que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e, a seguir, escreveram as palavras (FREIRE, 1990, p. 32).

Inspirado neste princípio e no diálogo com a museologia contemporânea, o conceito de objeto gerador busca “desenvolver o saber histórico através dos objetos”, que problematizados, auxiliam na compreensão de conceitos como historicidade e múltiplas temporalidades. (RAMOS, 2004)

O trabalho com o objeto gerador parte de exercícios que enfocam a experiência cotidiana e insere-se, portanto, na pedagogia da provocação, como diria Paulo Freire. A partir do vivido, é gerado o “debate de situações desafiadoras” (RAMOS, 2004, p. 34).

Desta forma, a exposição, juntamente às ações de mediação e de formação de professores, objetiva oportunizar uma experiência de contato com os objetos musealizados, que proporcione o desenvolvimento de noções históricas complexas e reflexões acerca dos usos, transformações e interações que perpassam a historicidade das coisas.

Na multiplicidade dos tempos, interessa esmiuçar as várias dimensões sociais que caracterizam a criação e o uso dos objetos. Torna-se fundamental estudar como os seres humanos criam e usam objetos. Por outro lado, é igualmente necessário refletir sobre as formas pelas quais os objetos criam e usam os seres humanos (RAMOS, 2004, p. 36).

Um momento desafiador na realização das atividades inerentes ao curso de mestrado do programa PROFHISTÓRIA, foi o pensar no desenvolvimento de um produto didático/pedagógico voltado para o exercício do ensino de História.

A partir desse desafio e com base no tema que se pretendia estudar, o ensino de história no Museu do Ceará, surgiu a ideia de produzir um blog, destinado principalmente a professores de História, com o intuito de propor planos de aula temáticos a partir dos objetos, módulos e narrativas presentes na exposição permanente do Museu do Ceará. Desta forma surgiu o blog <https://ensinodehistoriaemuseu.blogspot.com/>.

As análises realizadas no presente trabalho tem o objetivo de subsidiar o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que se baseia na apresentação de planos para aulas de história integrados ao patrimônio histórico presente no Museu do Ceará e nos equipamentos e espaços, públicos e privados, que compõe o centro histórico de Fortaleza e que representam uma parte significativa da memória de nossa história. Pretende-se portanto, ofertar através do blog, uma série de percursos didáticos planejados a partir das temáticas e objetos problematizados na exposição permanente do Museu do Ceará e estabelecer um diálogo entre o museu e o seu entorno.

A proposta constitui-se através da socialização dessas informações utilizando-se de um blog, que consiste em uma ferramenta de comunicação digital via internet e que possibilita o acesso dos professores e demais pessoas interessadas no tema, através da utilização das ferramentas tecnológicas atualmente existentes como *notebook*, *tablet* e *smartphone*.

Pretende-se, através desta ação, oportunizar a professores de história e demais membros da comunidade interessados no tema educação e museus, estabelecer, através do blog, uma possibilidade de diálogo e intercâmbio de propostas pedagógicas. Essas propostas têm o objetivo de fomentar a utilização do Museu do Ceará como ferramenta didática para o ensino de História. Desta forma intenciona-se colaborar com o incremento da divulgação da atual exposição permanente do museu e oportunizando uma maior interação entre a comunidade educativa e a instituição. Cabe destacar que esta

proposição se estabelece paralelamente à reflexão sobre a proposta educativa planejada e desenvolvida pelo museu, através da atuação do seu núcleo educativo.

A criação de materiais didáticos com acesso via ferramentas virtuais da internet representa uma busca de renovação das formas de comunicação e interação com o público. Uma característica positiva nesta forma de publicação é amplitude do alcance do material postado e a possibilidade fazer essa comunicação chegar a muitas pessoas, o que representa uma transformação na interação e nas trocas simbólicas com esse público. Um outro fator relevante nesse contexto é a facilidade de acesso e divulgação desse material junto ao público interessado, que tem a oportunidade de conectar-se através de variadas ferramentas tecnológicas, que cada vez mais se popularizam e se inserem no cotidiano das pessoas, como por exemplo os *smartphones*.

No contexto das reflexões para a realização deste trabalho, um acontecimento em especial, provocou um profundo impacto quanto a necessidade de preservação e divulgação dos espaços de memória e de produção e do conhecimento. No dia 02/09/2018, o país inteiro foi abalado com a notícia do incêndio que atingiu as instalações do Museu Nacional no Rio de Janeiro. A repercussão deste fato teve espaço no noticiário internacional, por meio de uma narrativa de profundo lamento quanto as perdas irreparáveis decorrentes do incêndio.

Considerado uma das instituições científicas mais antigas do Brasil, o museu foi criado no ano de 1818 na cidade do Rio de Janeiro e estabeleceu-se definitivamente em 1892, nas instalações do Palácio de São Cristóvão, antiga edificação que serviu durante quase todo o século XIX, como residência oficial da família imperial brasileira. O Museu Nacional era considerado um dos maiores e mais importantes acervos dedicados a história natural e a antropologia da América Latina. Da mesma forma que outros equipamentos dedicados a memória, a cultura e a ciência no Brasil, o museu padecia com a escassez de recursos e com uma estrutura precarizada. Essa realidade já havia sido denunciada e alardeada em diversas oportunidades pelas autoridades responsáveis pela gestão e manutenção do equipamento. Carência de recursos, de funcionários, de manutenção das instalações, de sistemas eficazes de combate à incêndios, de um plano de segurança para situações emergenciais, eram algumas das realidades observadas.

Estabelecido em uma edificação do início do século XIX e que tinha como importante matéria-prima na sua construção a madeira, que representa um componente inflamável, o fogo inicial encontrou farto combustível para se alastrar e consumir o prédio e o conteúdo em seu interior. Além dos elementos constituintes da estrutura física do

prédio, grande parte do seu acervo era formado de materiais altamente inflamáveis como documentos em papel e produtos químicos.

Com cerca de 90% do seu acervo consumido pelas chamas, segundo levantamentos iniciais, a tragédia ocorrida nas dependências do Museu Nacional concentrou a atenção de especialistas e da opinião pública, para a urgente necessidade de criação de mecanismos mais eficazes de proteção do patrimônio histórico, científico e cultural resguardado em outras instituições oficiais. Como demonstra matéria do jornal O Povo, publicada no dia 17/09/2018.

Pesquisadores afirmam que a situação de abandono que levou à perda irreparável do acervo do Museu Nacional não é isolada. "A Luzia, assim como milhares de outras coleções, faz parte da construção da memória desse País. E agora está tudo perdido por um descaso total. E o Museu Nacional não é uma coisa única, à parte, vários museus têm pegado fogo, ou estão fechados, ou estão caindo no Brasil. Ele era para nós como o Louvre é para França. Imagine como está a situação de museus menores", levanta Maria Jacqueline Rodet, professora de arqueologia da UFMG (OPOVO, 17 set. 2018).

O incêndio que devastou o Museu Nacional provocou uma repercussão a nível local, expressa através de reportagens, quanto a segurança e manutenção dos equipamentos culturais e históricos geridos pelo poder público no estado do Ceará. Dentre estes equipamentos, destacou-se a preocupação relacionada ao Museu do Ceará, por ser uma instituição localizada em uma antiga edificação e por resguardar um numeroso e rico acervo sobre a história do Ceará.

No jornal O Povo do dia 05/09/2018, em matéria assinada pela jornalista Isabel Costa, o Corpo de Bombeiros anuncia a confecção de um levantamento dos museus existentes no estado com o objetivo de oferecer suporte técnico e apoio quanto ao atendimento das normas de segurança.

O Corpo de Bombeiros do Ceará vai finalizar hoje, 5, o levantamento de todos os museus existentes no Estado. De posse desse número - explica o tenente coronel Wagner Maia, chefe do setor de Análise de Projetos - o órgão vai entrar em contato com os responsáveis pelas edificações para debater a certificação, oferecer apoio no tratamento das normas de segurança e disponibilizar suporte técnico. O mapeamento foi iniciado na segunda-feira, 3, após o incêndio

ocorrido no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, servir de alerta para a situação do patrimônio material brasileiro (O Povo 05 out. 2018).

Em outra matéria, publicada também no dia 05/09/2018, pelo mesmo jornal, a reportagem informa sobre um comunicado emitido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), acerca de problemas que afetam a segurança do museu, sem no entanto, explicitar quais seriam esses problemas.

No fim de 2017, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) emitiu um comunicado para a pasta estadual pontuando alguns problemas estruturais que afetam o museu (O Povo 05 out. 2018).

Em sequência, a reportagem informa estar em curso a elaboração de um projeto de reforma da instituição que, entre outros aspectos, contempla a qualificação do sistema de prevenção e combate a incêndios.

Quando assumiu a secretaria, pontua Fabiano, havia um projeto para reforma do Museu do Ceará. Mas, segundo o secretário, o texto apresentava uma série de lacunas, incluindo a prevenção de acidentes e incêndios. Novo projeto foi encomendado. Realizado pela empresa cearense Umpraum Projetos Integrados, o texto prevê especificações que vão da disposição dos extintores de incêndio aos alarmes, hidrantes e sinalizações (O Povo 05 out. 2018).

A recorrência de matérias abordando os riscos à preservação de museus e monumentos históricos é comprovação do impacto e da repercussão promovida pela tragédia vivenciada pelo Museu Nacional. Tal fato direcionou a atenção da opinião pública, dos agentes governamentais e da mídia para os perigos de reincidência de acidentes como este em outros espaços e para a necessidade urgente de prevenção e manutenção das instituições.

Em meio a essa gama de informações e imagens angustiantes, veiculadas constantemente nos dias subsequentes ao incêndio, surge com maior relevância a necessidade de adoção de medidas protetivas em associação a ações de catalogação, digitalização e outras formas de coleta de informações sobre o acervo das instituições. Esse processo possibilita o acesso ao acervo de uma maneira mais prática, segura e

resguarda importantes informações frente a trágicos incidentes de destruição, como o observado no Museu Nacional.

Em face desses acontecimentos e da realidade observada no Museu do Ceará, que não disponibiliza uma interface de acesso via plataformas digitais, a oferta do blog, mesmo que não tenha a pretensão de se configurar como um instrumento institucional voltado a catalogação e difusão do acervo, representa uma alternativa para o exercício do diálogo pedagógico com educadores, através da internet.

Alguns museus no Brasil disponibilizam ao público ferramentas de visita virtual em seus sites. Destaca-se nesta ação o Museu Casa de Portinari em Brodowski, interior de São Paulo e o Museu Oscar Niemeyer em Curitiba. Há também o Museu Virtual de Brasília que, como fica explícito em sua denominação, não possui uma sede ou acervo físico e existe somente na internet. Em todos esses exemplos, o público tem a possibilidade de realizar um passeio pelo acervo em exposição na sede das instituições, através da disponibilização de imagens em 360 graus, acompanhadas de legendas com informações relacionadas às imagens.

Não defende-se aqui a substituição da visita presencial e o esvaziamento de seu significado e importância. Esta permanece insubstituível quanto aproximação com as peças em exposição, a influência estética proporcionada pela iluminação, a visão geral do conjunto da exposição e a estrutura da edificação, quando trata-se de um museu localizado em um prédio com valor histórico. Possibilitar uma visita virtual significa abrir as portas do museu para o mundo e permitir que um número maior de pessoas conheçam os acervos e as exposições, fato que inclusive serve de estímulo para a concretização de uma visita presencial.

Em oposição às vantagens enumeradas, quanto a utilização da internet como ferramenta de diálogo educacional, destaca-se a dificuldade de ser visto no universo da informação virtual, caracterizado pelo excesso de canais de informação e, talvez por isso, marcado pela velocidade com a qual os usuários interagem com essa informação, seja para consumi-la, seja para descartá-la.

De toda forma, a oferta de conteúdos didáticos através das ferramentas possibilitadas pela internet, atuam em favor de uma dinamização da comunicação e da interação simbólica entre instituições e os sujeitos sociais que a elas recorrem.

Esta ampliação das possibilidades de conexão entre museu e público, proporcionadas pela criação de mecanismos de comunicação através das mídias digitais, deve se realizar levando em conta o não esvaziamento de sentido do material exibido, a

proposta expográfica e a narrativa instituída. Deve-se evitar uma banalização dessa relação, sob o risco de direcionar a conexão para uma lógica que não garanta o entendimento e tampouco, produza sentido, a partir da proposta estabelecida pelo equipamento.

Vale ressaltar o reconhecimento ao poder de significação individual de cada pessoa que estabelece uma interação com os objetos ou exposições nos museus, seja através de uma visita física ao espaço, seja pelo acesso de algum mecanismo tecnológico de comunicação. Em todos os casos, as significações produzidas se estabelecem como resultado de influências e relações que precederam a realização do contato. Estas são muito particulares a cada indivíduo, em suas intencionalidades, interesses e conhecimentos previamente estabelecidos, tudo isso relacionado a configuração mental produzida a partir do contato.

O museu formula e comunica sentidos a partir de seu acervo. O público, sujeito criativo, redefine o discurso museológico ao interpretar e (re)significar. O público, então, faz circular o novo discurso em seu cotidiano. No entanto, o público não se faz sujeito sozinho, ele se faz sujeito na relação com os profissionais de museus, sujeitos também, pois ninguém significa sozinho. Todos aqueles que (re)significam o objeto museológico – o seu criador, o usuário, os agentes da coleta e do processo de musealização e, não finalmente, o público – são sujeitos do processo museológico (CURY, 2006, p. 76).

A comunicação de um museu através de uma plataforma digital via internet não garante uma intervenção eficaz, quando se tem o objetivo de produzir um conhecimento histórico. A relação mediada virtualmente não pode ser estabelecida através de uma mera exibição de objetos e suas descrições, sob pena de se incorrer no regresso ao tempo que as instituições museias apresentavam coleções particulares, destinadas a contemplação de um seleto grupo, o qual tinha relação com os objetos expostos, que por sua vez, passavam a exibir uma sacralidade.

Pensar desta forma remete ao tempo em que uma exposição caracterizava-se como um instrumento a serviço da mera contemplação e da divulgação de curiosidades. Encarcerada em um gabinete e, normalmente, devotada ao culto de fragmentos da história ligada a estes grupos, era por eles valorizada e difundida, como exemplo para o todo e para todos. Ao visitante não era ofertado o estímulo a reflexão, a dúvida e a

realização de inferências, a partir de provocações intencionais, para a construção de um conhecimento, para o desenvolvimento do conceito de patrimônio, de identidade e para a valorização cultural.

Surge, portanto, como importante demanda na contemporaneidade a significação do conceito comunicacional dos museus, pois, como afirma Giselle De Conte Gubernikoff, em ensaio publicado na Revista Estética em 2017:

Mudanças estão sendo impostas aos museus diante da necessidade de adequarem-se e inserirem-se em uma sociedade marcada pelo surgimento de novas tecnologias, que valorizam a informação, gerando novos sentidos, novas reflexões e, conseqüentemente, mudanças em suas práticas. O fato de a exposição museal ser encarada como um processo de comunicação a introduz naturalmente neste fenômeno, reorganizando as práticas museológicas (GUBERNIKOFF, 2017, p. 12).

Enquanto uma instituição que se manifesta através da preocupação com a geração de informação, a partir do que se expõe, os museus ganham, com o incremento da tecnologia da informação e comunicação virtual, a possibilidade de agregar um novo público e uma nova ferramenta de comunicação. A internet permite ao museu perpassar as barreiras estabelecidas pela limitação física, geográfica e econômica. Agregar a utilização dessas ferramentas ao contexto já estabelecido, sem descaracterizá-lo, possibilita o diálogo com novos grupos gestados nesse universo e por ele mais atraído.

Um dos elementos que motivou o pensar sobre este produto foi a percepção da ausência de uma política institucional, voltada para uma interação com profissionais da educação e com o público em geral, através da utilização de ferramentas tecnológicas e da comunicação virtual proporcionada pela internet. Verificou-se que esta interação ocorre através da realização de eventos e da estruturação de uma organização voltada para o diálogo com os visitantes através da qualificação da visita mediada pelos educadores do núcleo educativo do Museu.

Associada a essa questão, o presente trabalho objetiva a realização de uma proposta que permita a integração dos objetos, módulos e narrativas históricas presentes no Museu do Ceará a outros equipamentos culturais, logradouros e espaços de memória existentes no seu entorno, no chamado centro histórico de Fortaleza. Um dos objetivos dessa abordagem é o de propor um olhar sobre o museu, colocando-o como instrumento de memória interligado ao restante da cidade e não apenas como um espaço onde essa

memória foi depositada, ao longo dos anos, por personagens que tiveram em suas mãos o poder de selecionar o que deveria ter visibilidade na posteridade.

Essa reflexão se faz por acreditar-se que, no contexto atual, onde cada vez mais as pessoas lidam com um grau de conectividade virtual maior, criar esses canais de comunicação, diálogo e divulgação, possibilita a ampliação de informações sobre a instituição para um público mais abrangente, além de permitir o acesso a quem está geograficamente distante e gerar um maior estímulo ao conhecimento do equipamento.

Na contemporaneidade, isolar-se da comunicação proporcionada pelas novas tecnologias pode significar um distanciamento cada vez maior do público e o desperdício de um relevante canal de divulgação do trabalho desenvolvido pela instituição.

Não se pretende contudo, negar a importância e o impacto proporcionado pelo projeto expográfico e comunicativo atual e pela visita presencial ao equipamento. Esta experiência se configura como foco principal e motivo fundante da existência do museu. Portanto, não há neste trabalho a intenção de desqualificar a maneira atual como o museu apresenta seu acervo ao público. As reflexões propostas têm o objetivo de embasar a importância da ampliação das possibilidades de comunicação da instituição com o público, e particularmente neste trabalho, com profissionais da educação interessados na temática ensino de história e museu.

Almeja-se a construção de uma ferramenta que possa conectar professores e estudantes em torno do desenvolvimento de práticas didáticas e pedagógicas de utilização do museu como instrumento que instigue o interesse ao debate histórico, principalmente no contexto da educação básica.

Um elemento que reforça a importância do desenvolvimento de ferramentas que possibilitem uma maior acesso e conhecimento do público às instituições de memória, no contexto atual, pode ser constatado através da realização da 16ª Semana de Museus, evento realizado pelo Instituto Brasileiro de Museus e que no ano de 2018 propôs o debate a partir do tema “Museus Hiperconectados: novas abordagens, novos públicos”.

Cultura digital é um termo genérico. Designa desde a cultura mediada por tecnologias de comunicação em rede até os artefatos criados por novos processos de prototipagem, como as impressões 3D. Híbrida, expressa no seu nome a interlocução entre as humanidades (a cultura) e as ciências (o digital). Com a popularização da internet tornou-se de tal modo entranhada ao

nosso cotidiano que impacta praticamente todas as esferas da vida social. São tantas as evidências da cultura digital que mais preciso seria dizer que vivemos um processo de digitalização da cultura. No que diz respeito aos museus, esse processo afeta seus campos tradicionais de atuação e cria circuitos nas redes dos quais ele não pode deixar de participar. Modificam-se as formas de gestão de acervos e abre-se a possibilidade do público acessar as coleções na internet, em redes locais ou interconectar os acervos a outros pela combinação de dados e usando aplicativos relacionados à instituição (BEIGUELMAN, 2018, p. 67).

Através deste evento, que tem uma abrangência nacional e ocorreu simultaneamente em mais de mil museus em todo o Brasil, o Instituto Brasileiro de Museus propôs as instituições participantes a amplificação das suas relações com a comunidade e seu entorno, através da diversificação das atividades e ações desenvolvidas, utilizando como ferramenta comunicativa e interativa, os recursos tecnológicos atualmente disponíveis.

No caso específico do Museu do Ceará, com a exceção de atividades pontuais, como a participação neste evento, não há uma política institucional específica que tenha o objetivo de fomentar a participação da instituição nas mídias sociais e ferramentas tecnológicas de maneira sistemática. Atualmente, nos meios virtuais, o Museu do Ceará apresenta-se institucionalmente através de um site, vinculado ao sítio eletrônico da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – SECULT, pasta a qual o museu é subordinado e através de uma página no *Facebook*, esta gerida pelo próprio museu, e muito utilizada para divulgação dos eventos realizados na instituição (divulgação de atividades, cursos, novas exposições e demais eventos realizados no museu).

No site institucional do museu estão concentradas informações importantes sobre a instituição. Seguindo o “design” padrão do governo do Estado do Ceará, a apresentação da página expõe ao visitante virtual um breve histórico da instituição, desde sua fundação até os dias atuais. Destaca-se as diversas transformações ocorridas em decorrência de fatores variados como as muitas mudanças de endereço, as diferentes gestões, a aquisição do acervo, as políticas públicas implementadas e os diferentes contextos históricos perpassados.

Logo abaixo deste breve histórico encontram-se três *link's* que direcionam o visitante para o acesso a outras informações: Os espaços do Museu; Atividades e Serviços permanentes e Projetos e Programas Especiais.

No primeiro *link*, o visitante pode ter uma resumida descrição dos módulos que compõem a atual exposição permanente do Museu do Ceará e o Memorial Frei Tito, que é um espaço localizado no piso térreo do museu em referência ao religioso cearense morto no contexto da Ditadura Militar.

No segundo *link*, Atividades e Serviços Permanentes, o site apresenta uma descrição dos objetivos e formas de abordagem ofertados aos grupos que visitam as instalações e exposições do museu. Neste espaço há uma apresentação do funcionamento do Núcleo Pedagógico da instituição e das formas de abordagem histórica, propostas pelos educadores do museu. Também é apresentado um outro projeto ofertado, denominado de O Teatro no Museu, projeto este mais direcionado para o público infantil e que tem o objetivo de fomentar as discussões históricas possibilitadas pela exposição de longa duração através da atuação da boneca Dorinha, que articula o conhecimento através da ludicidade e de uma linguagem acessível ao público infantil.

O terceiro *link*, direciona o visitante a uma página que apresenta outros projetos desenvolvidos pela instituição, com destaque para as ações direcionadas à publicação de livros, folhetos e cadernos, como a Coleção Outras Histórias, os Cadernos Paulo Freire, a Edição Fac-similar e folhetos de cordel. Além de apresentar as propostas editoriais do museu, aborda-se também outros eventos realizados como as oficinas para professores e as atividades especiais voltadas para o público infantil que se realizam na semana do dia das crianças.

Em uma rápida análise sobre informações contidas no site institucional do museu, pode-se facilmente perceber a ausência de uma construção interativa entre a instituição e o público que recorre a internet através desta ferramenta. Há a predominância de uma exposição de informações de maneira resumida com o objetivo de apresentar a estrutura do museu e os principais projetos nele desenvolvidos. A página funciona como uma fração de um contexto mais amplo que é o conjunto de equipamentos culturais vinculados a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – SECULT, onde o Museu do Ceará figura como uma parte desse todo. A ausência de informações mais atualizadas e de mecanismos de interação denotam não ser esta uma ferramenta usual para interação com o público virtual.

Na página do *facebook* institucional do Museu do Ceará, percebe-se uma maior interatividade da instituição com o público, bem como, uma atualização das informações postadas. Nesta ferramenta o museu divulga as ações em destaque, os projetos desenvolvidos, publica fotografias dos eventos realizados e recebe devolutivas das

atividades desenvolvidas por meio de mensagens postadas pelos visitantes da página. Em várias ocasiões, percebe-se que os comentários são realizados por pessoas que visitaram o museu e externam uma opinião, o que, de alguma maneira, proporciona aos dirigentes da instituição, uma forma de resposta do público às propostas desenvolvidas pela instituição.

Percebe-se, portanto, nesta ferramenta, um maior potencial de interatividade, atualização e diálogo com a comunidade interessada nas ações realizadas pelo museu. Isso decorre da própria dinâmica da ferramenta, que cruza informações com outros usuários e proporciona uma maior facilidade de manuseio, realização de postagens e disseminação das informações alimentadas com outras pessoas cadastradas.

Saliento que a identificação da não utilização destas ferramentas pela instituição não se faz com o objetivo de criticar ou depreciar o trabalho desenvolvido, tampouco, desfazer a atuação dos funcionários e demais membros do museu, pois esta atividade se configura enquanto uma proposta de atuação e ação, dentre muitas outras possíveis, sendo a estruturação e organização atual do Museu do Ceará fruto de uma escolha culturalmente relevante e com reconhecida atuação no desenvolvimento cultural do estado e no campo educacional, mais precisamente junto ao ensino de história.

O presente trabalho apresentará quatro roteiros didáticos. Os itinerários foram planejados com o objetivo de integrar os temas abordados na exposição permanente do Museu do Ceará a espaços públicos e equipamentos culturais que compõem o seu entorno, no centro histórico de Fortaleza. Estes roteiros, descritos nesta dissertação em forma de texto, estarão presentes no blog, juntamente a outros elementos como imagens, mapas, vídeos, artigos e informações complementares a realização do itinerário didático. O blog será uma ferramenta em constante construção, a partir das quatro propostas iniciais.

O objetivo é fazer do blog um portal destinado a postagem periódica de novos roteiros didáticos e sugestões de abordagem pedagógica e metodológica, com base na formulação de novas propostas. Também objetiva-se a socialização de material didático, artigos, imagens, vídeos, *podcasts* e outros elementos relacionados aos temas abordados nos roteiros e que tenham um potencial de colaboração pedagógica junto as propostas didáticas formuladas. Salienta-se um outro intuito que é a criação de mecanismos de interação com os visitantes do blog, no sentido de possibilitar a colaboração destes, através da sugestão de roteiros, temas, atividades e materiais relevantes de serem incorporados à ferramenta, tornando-a colaborativa.

Os quatro roteiros propostos abordam temas relacionados a abolição dos negros escravizados no Ceará, a relação da história com a produção literária, científica e cultural e as transformações e permanências observadas na constituição da cidade de Fortaleza a partir de um olhar sobre o centro da cidade. Essas temáticas encontram-se encaixadas nas propostas de itinerário didático que tem as seguintes denominações: “Abolição no Ceará: entre a luta e o esquecimento”; “A literatura nos redutos intelectuais”; “A expressão da cultura popular na literatura cearense” e “Olhares sobre Fortaleza”.

A elaboração dos roteiros e todas as sugestões complementares, como atividades e problematizações, foram planejadas a partir da realidade e dos pressupostos didáticos relacionados ao ensino médio da educação básica. Realizar estes itinerários da forma como foram concebidos, constitui a significação de metodologias e abordagens inerentes às complexidades relativas a esta etapa educacional. Este fato porém, não impossibilita a aplicação junto a alunos de outras etapas da educação. Para tanto, faz-se necessária a reconfiguração de determinadas situações, para que se contemplem as especificidades de uma outra faixa etária ou etapa educacional.

Para a efetiva realização das propostas, alguns desafios apresentam-se ao professor que media a visita. A busca por uma abordagem menos formal dos temas históricos, quando se está visitando um museu com alunos, é um desses desafios. É significativo refletir sobre esta questão pois, deve-se levar em conta que o papel das instituições de memória, não se resume apenas a salvaguarda dos objetos, ideias e sentimentos ligados a acontecimentos relevantes para a sociedade. Estas instituições também são espaços de pesquisa, de produção e disseminação de conhecimento, de entretenimento para a sociedade e de fomento a atividades correlatas, como o turismo.

A sensibilidade do educador, seja ele professor da turma ou mediador da instituição em visita, é fundamental na realização da mediação de uma visita que tem como pressuposto a construção de um conhecimento

O educador de museu poderá aumentar a capacidade de compreensão dos visitantes adaptando e esclarecendo os códigos da exposição de acordo com o interesse e o perfil do público-alvo (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 1997, p. 108).

Por conta da complexa variedade de objetivos, um museu não é pensado apenas para contemplar os anseios de um professor de história que busca qualificar o a sua abordagem didática. Ele assume o desafiador compromisso de conectar todos

diferentes interesses em uma proposta que os contemple, conforme explicita Ulpiano Bezerra de Menezes ao afirmar que:

por sua natureza mesma, o museu tenha algo a ver com o universo do conhecimento. Isto não significa atrelá-lo exclusivamente a esse universo. Não ignoro as tarefas educacionais do museu(mas se não tiverem como referência o conhecimento, tratar-se-á de mera doutrinação), a fruição estética, o lúdico, o afetivo, o devaneio, o sonho, a mística da comunicação e da comunhão, a curiosidade, a necessidade de mera informação e assim por diante (MENEZES, 1994, p. 10).

Um outro desafio a se destacar está relacionado à preparação necessária para a realização da atividade. Comum a todos os roteiros didáticos e temáticas propostas, o planejamento da atividade, através da escolha dos locais a serem visitados e dos temas a serem debatidos, deve preceder a preparação da turma. É importante que esta ocorra em um momento prévio, para introduzir e contextualizar as questões a serem abordadas ao longo da visita. A ideia de antecipar aos alunos informações, questionamentos, imagens e análises, potencializa o momento da visita e, principalmente, possibilita o desenvolvimento da curiosidade e da cultura da pesquisa prévia. Essas ações permitem a aquisição de conhecimentos que podem ser melhor debatidos e aprofundado com o contato mais próximo, possibilitado pela experiência sensorial vivenciada na visita aos espaços de memória ligados às temáticas estudadas e abordadas.

Pois é justamente no âmbito escolar que o professor tem condições de incentivar a criatividade dos alunos no contato com os objetos, mostrar o propósito e a pertinência de conhecer o museu, realizar atividades práticas que desenvolvam o senso de observação e eduquem a sensibilidade (especialmente o olhar), avaliar os êxitos e desafios relacionados a um fazer interdisciplinar e voltado para o conhecimento histórico (SILVA FILHO, 2000, p.1).

A preparação dos alunos pode ser realizada de várias maneiras. O professor pode desenvolver uma aula introdutória para apresentar o roteiro a ser realizado e as temáticas a serem abordadas ao longo do trajeto. Pode também propor aos alunos a efetuação de uma pesquisa prévia, dividindo os temas e espaços a serem percorridos entre diferentes grupos, e posteriormente, reservando um espaço da aula para que cada

grupo apresente aos demais as conclusões acerca das temáticas pesquisadas. Sugerir que cada grupo fique responsável pela realização da mediação de uma determinada parte do roteiro traçado, o que estimula os alunos a pesquisarem o universo a ser explorado, apresentado e questionado perante os colegas. Cabe também, a formulação e apresentação de problematizações sobre os temas e contextos explorados ao longo do roteiro, para posterior confronto das questões durante a realização das visitas e debates.

Além dessas possibilidades de preparação dos alunos, cada professor interessado em realizar esse tipo de atividade deve pensar em uma metodologia de abordagem das temáticas e questões que privilegie a atuação e o protagonismo dos alunos. Portanto, deve-se estimular os discentes para que estes realizem pesquisas, proponham temas e problematizações e apresentem resultados e conclusões. É importante criar maneiras de aproximação deles com os objetivos que se pretendem alcançar para a que tenham a oportunidade de empoderar-se dos assuntos e temas, assim como, de opinar e propor elementos, a partir dos seus pontos de vista e interesses. Dessa forma o professor disponibiliza espaço para atuação dos jovens, para que apresentem questões mais ligadas as suas preocupações e ao seu universo simbólico.

É importante ressaltar que a realização destas atividades, tem a finalidade de estabelecer uma relação entre a aula externa, realizada por meio do roteiro didático e a vivência cotidiana da sala de aula. Esta relação torna-se importante, para que o grupo de alunos não perceba o roteiro didático como um apêndice do contexto educativo, ao qual não será atribuído uma importância de compreensão e uma necessidade de avaliação do conhecimento construído. Pelo contrário, a realização de atividades de campo, devem ser revestidas de relevância pedagógica. Para o efetivo alcance dos objetivos pensados. Para isso, essas atividades necessitam de um cuidadoso planejamento pois, além de possibilitar uma relação diferenciada de construção de sentido acerca do conhecimento, também representam uma oportunidade de apresentar aos jovens uma série de espaços, equipamentos, temas e possibilidades de pesquisa, através de uma metodologia que quebra momentaneamente a rotina espacial e didática vivenciada no dia a dia da sala de aula. Essa quebra pode ser uma importante ferramenta para potencializar, inclusive, o cotidiano vivenciado dentro do ambiente e do tempo escolar.

Figura 1: Print do Blog - Tela de apresentação do blog



The image shows a screenshot of a blog's presentation page. The background is a black and white photograph of a large, classical-style building with a series of arched windows. The text is overlaid on this image. At the top right, there is a search icon. The main title 'OLHARES SOBRE O MUSEU' is in large, bold, teal letters. Below it, a paragraph in white text describes the blog's purpose. A red 'Arquivo' link is visible on the left. Below the main title, there are three teal navigation links: 'ROTEIROS DIDÁTICOS', 'ESCRavidÃO E ABOLICIONISMO', 'A LITERATURA NOS REDUTOS INTELCTUAIS', and 'OLHARES SOBRE FORTALEZA'. At the bottom, there is a yellow-orange banner with the word 'APRESENTAÇÃO' in bold red letters, a share icon, and a paragraph of text.

OLHARES SOBRE O MUSEU

Este blog tem o objetivo de propor aos seus visitantes, ideias de roteiros didáticos para aulas de história a partir do rico acervo existente no Museu do Ceará. Pretende-se também a apresentação de atividades que permitam a integração entre o Museu do Ceará e outros equipamentos urbanos e culturais existentes no seu entorno, como forma de se explorar as possibilidades de ensino através do patrimônio histórico e cultural existente na cidade de Fortaleza.

Arquivo

ROTEIROS DIDÁTICOS

ESCRavidÃO E ABOLICIONISMO

A LITERATURA NOS REDUTOS INTELCTUAIS

OLHARES SOBRE FORTALEZA

APRESENTAÇÃO

Este blog tem o objetivo de propor aos seus visitantes, ideias de roteiros didáticos para aulas de história a partir do rico acervo existente no Museu do Ceará. Propomos também, através desses roteiros, a integração entre o Museu do Ceará e outros equipamentos urbanos e culturais existentes no seu entorno, como forma de se explorar as possibilidades de ensino através do patrimônio histórico e cultural existente na cidade de Fortaleza. A ferramenta também se propõe a possibilitar uma interação entre professores de história que tenham interesse pelo tema, através da troca de experiênc...

3.1 Abolição no Ceará: Entre a Luta e o Esquecimento

A proposição do primeiro roteiro pedagógico parte de um tema que ocupa um importante espaço na exposição permanente do museu do Ceará e na construção da identidade do povo cearense, que é o pioneirismo na implementação da abolição dos escravos no final do século XIX. Com a narrativa descrita abaixo, o museu apresenta ao público o módulo “Escravidão e Abolicionismo”, através da exposição de variados objetos, que são organizados com o objetivo de estimular um debate sobre os acontecimentos que marcaram esse processo, no Ceará e no Brasil e os seus desdobramentos junto as populações diretamente afetadas por este contexto.

O Ceará foi a primeira província a libertar os escravos, em 1884, ficando conhecida como “Terra da Luz”. Por causa disso, objetos de abolicionistas e instrumentos para torturar os cativos foram doados ao museu. Pedacos do passado que, no presente, podem gerar reflexões sobre os limites do humanismo abolicionista e a participação dos negros na história do Ceará, em sua dimensão econômica, social e cultural. Por outro lado, colocam-se em evidência as atuais formas de exploração do trabalhador, inclusive no âmbito da escravidão contemporânea (RAMOS; SILVA FILHO, 2007, p. 456).

A ideia inicial de proposição desse roteiro teve como base a observação de algumas questões consideradas importantes de serem abordadas. A primeira tem relação com a relevância do debate sobre os movimentos que defendiam a abolição no Estado. A segunda está relacionada ao entendimento sobre as formas de resistência estabelecida pelos povos escravizados e pelo estabelecimento de uma relação entre essa resistência e o movimento abolicionista. Neste ponto o objetivo recai sobre a necessidade de compreender a resistência como uma ferramenta de combate e contraposição à escravidão. Um outro ponto considerado relevante relaciona-se a perpetuação de uma narrativa que coloca a libertação dos escravos, como fruto de uma atuação estabelecida pelos grêmios e associações abolicionistas, excluindo desse contexto a importância da participação dos negros. Uma última questão abordada, está ligada a possibilidade de explorar, a partir do próprio museu, outros espaços urbanos que apresentam vinculação com o tema proposto, como a Igreja do Rosário, santuário católico vizinho ao museu e o Passeio Público, logradouro importante para o contexto histórico de Fortaleza.

A possibilidade de abordagem interdisciplinar do tema, através da incorporação de questões ligadas a outras disciplinas apresenta-se como outro elemento relevante de ser mencionado. O desenvolvimento de uma estruturação urbana segregacionista, através do panorama geográfico, a observação sobre a formação de uma identidade cultural, sob a ótica da Antropologia e a construção literária contextualizada ao tema. Essas disciplinas representam áreas do conhecimento importantes para a compreensão do complexo processo de constituição do conhecimento histórico.

Para realização desse roteiro propõe-se a realização de um trajeto de aproximadamente 1,8 quilômetro, que a partir do Museu do Ceará, percorre a Igreja do Rosário e o Passeio Público. Esse percurso foi planejado para ser executado em um intervalo de aproximadamente duas horas, já levando em conta o tempo necessário para os deslocamentos. Cabe ressaltar que esta é uma proposta, dentre muitas outras possíveis, cabendo aos professores a análise para decisão sobre o cumprimento integral do roteiro, ou a adaptação do mesmo, a partir dos seus objetivos pedagógicos e condições para realização.

Um outro elemento a ser ressaltado, reside no fato de ser esta uma proposta inicialmente planejada para ser executada com alunos do Ensino Médio, porém, ela pode facilmente ser adaptada, nos seus aspectos didáticos, temáticos e de percurso, para discentes oriundos das demais etapas da educação básica.

Por meio da realização desse itinerário, pretende-se estimular nos alunos a reflexão sobre diversos temas e questões importantes para a formação de uma compreensão do processo abolicionista realizado na segunda metade do século XIX no Brasil. A participação das populações afrodescendentes nesse contexto e a ausência de reconhecimento acerca dessa participação ao longo da história, as formas de resistência implementadas pelos povos escravizados, a influência destes na configuração cultural brasileira, os limites do humanismo abolicionista no Ceará e as maneiras de exploração análogas à escravidão praticadas na contemporaneidade, são elementos possíveis de serem abordados ao longo do roteiro, a partir das necessidades e objetivos pensados por cada professor que decida realizá-lo.

Pretende-se, como estratégia metodológica, propor a reflexão sobre o tema a partir da contextualização dos objetos e espaços apresentados e da provocação por meio de diversas indagações acerca do tema, como por exemplo: Qual o papel dos povos afrodescendentes no processo abolicionista realizado no Ceará? A partir de que momento torna-se interessante, para determinados segmentos sociais, o fim da escravidão no

Ceará? Como o processo abolicionista realizado aqui contribuiu para a edificação de uma narrativa histórica fundada no ideal de liberdade e igualdade? Como se constrói o mito do “Ceará Terra da Luz”? Qual a importância do personagem Chico da Matilde (Dragão do Mar) no contexto da luta pela liberdade das populações escravizadas? Como a segregação social se institucionalizava através de uma arquitetura urbana excludente e separatista? Quais as formas de exploração, análogas a escravidão, que podemos observar na atualidade?

A proposta consiste em associar a visita e a contemplação de determinados espaços, contextos e objetos ao estímulo à reflexão e a proposição de explicações históricas, a partir de indagações.

É interessante que os questionamentos e os debates aconteçam após a realização de uma contextualização, que em alguns casos, poderá ser realizada pela instituição visitada, como no Museu do Ceará, que dispõe de um núcleo Educativo. Em outras instituições e espaços, o professor que acompanha o grupo ficará responsável por realizar esta ação, como é o caso da visita a Igreja do Rosário.

Portanto, proporcionar a alunos da educação básica, uma proposta pedagógica a partir desses princípios, pode contribuir para estímulo no desenvolvimento do senso de preservação da memória social, que por sua vez, fortalece a construção de um conceito de cidadania e identidade nacional plural.

Consideramos que a escola e, em particular o ensino de História, tem um papel fundamental nesse processo. É ela, em última instância, o *locus* privilegiado para o exercício e formação da cidadania, que se traduz, também, no conhecimento e na valorização dos elementos que compõem o nosso patrimônio cultural. Ao socializar o conhecimento historicamente produzido e preparar as atuais e futuras gerações para a construção de novos conhecimentos, a escola está cumprindo seu papel social (ORÍÁ, 2002, p. 130).

Esta proposta de roteiro tem início com a visita ao módulo do Museu do Ceará intitulado “Escravidão e Abolicionismo”. A partir do diálogo estabelecido pelos educadores da instituição, o professor pode implementar uma discussão sobre a participação dos povos afrodescendentes no combate a escravidão, assim como, refletir sobre o silêncio que existiu na história oficial, acerca dessa participação.

O debate pode ser iniciado por meio da análise de um importante objeto presente na exposição, o quadro “Fortaleza Liberta”. Esta obra, confeccionada pelo pintor José Irineu de Souza, provavelmente no ano de 1884, retrata a solenidade de libertação dos escravos em Fortaleza, no dia 24 de maio de 1883. Em uma rápida observação, evidencia-se estarem retratados predominantemente pessoas brancas. A partir dessa observação, cabe a realização do seguinte questionamento: Os povos afrodescendentes não tiveram participação no processo de abolição?

A indagação proposta tem o objetivo de gerar uma inquietação, através da constatação da ausência de personagens afrodescendentes no quadro. Por meio desse movimento o professor tem a possibilidade de abordar junto aos alunos as diferenciadas maneiras de luta implementadas pelos povos cativos, como forma de resistência ao processo de escravização ao qual foram submetidos. Para realização desse debate, o professor pode apresentar os objetos de castigo e tortura expostos nesse mesmo ambiente, como as algemas, gargalheiras e o tronco. Esse objetos apresentam a materialização do castigo como forma de controle social sobre os povos escravizados. A submissão destes a escravização ocorria, sobretudo por conta da implementação de uma sistemática e violenta repressão e, mesmo diante do risco de sofrerem as dores dessa repressão, as tentativas de fuga, a sublevação e a desobediência foram instrumentos de luta destes povos contra o cativo escravista. É importante que estes objetos sejam problematizados não apenas como meros instrumentos de repressão aos escravos, mas sim, como símbolos da necessidade de implementação de um rigoroso e violento controle, frente a um comportamento constante de resistência, reprimido por meio de uma violência desproporcional.

A partir desses questionamentos propõe-se ao professor a apresentação aos alunos a figura de proa da barca “Laura II”.

Em uma primeira observação a escultura ornamental representando a imagem de uma mulher em nada lembra o tema da escravidão, porém, a embarcação a qual fazia parte, era utilizada para o tráfico de homens e mulheres escravizadas, na primeira metade do século XIX e foi cenário de um levante em que esses personagens tomaram o controle da embarcação durante uma de suas viagens pelo litoral brasileiro.

A barca partiu do Maranhão para o Pernambuco, tornando-se cenário de um motim de escravos na costa cearense, que culminou com a morte de toda a tripulação. Depois de atracarem na praia do

Iguape-CE, nove escravos foram presos e levados a julgamento em Fortaleza. Destes, seis foram condenados à morte, um às galés perpétuas, e outro à açoites e a andar com ferros. Apenas um foi absolvido (MUSEU DO CEARÁ, 2012, p. 201).

Ao realçar o olhar e a análise sobre este objeto, o professor tem a possibilidade de indagar os seus alunos acerca da relação existente entre e a resistência dos povos escravizados e o silêncio sobre essa resistência, silêncio este que prevaleceu em boa parte da produção historiográfica. Possibilita também problematizar as interpretações e valores atribuídos a este objeto e ao acontecimento em questão, a partir das diferentes narrativas históricas construídas e consolidadas no Museu do Ceará ao longo de sua história. Esta análise se mostra possível ao analisarmos o enfoque atribuído ao objeto na exposição atual, em contraposição a forma como era exibido na época em que o Museu estava sob a direção de Osmírio Barreto (1971-1990), momento em que, buscou-se dissociar o objeto do referido levante, ao colocá-lo na sala da exposição permanente destinada as peças ligados ao folclore.

Talvez, a ideia de dissociar a carranca do tema escravidão e abolição tivesse a intenção de dar menos visibilidade a um acontecimento que representava desordem, subversão. É importante ressaltar que, dentre todos os objetos que fazem referência à temática abolicionista no Museu, a figura de proa é aquele que mais evidencia a insatisfação dos negros em relação à sua condição de cativo, negando o caráter de passividade atribuído a eles (OLIVEIRA, 2009, p.192-193).

Em um período dominado pela ascensão e divulgação dos valores ligados ao regime militarista, implantado a partir de 1964, parecia não ser interessante para este regime, a divulgação, em uma instituição dedicada a guardar, expor e divulgar a memória oficial do Estado, de acontecimentos caracterizados pelo exercício da subordinação e a desobediência hierárquica frente a uma situação de exploração, de repressão e de injustiça.

A partir disso, abre-se a possibilidade para o professor questionar um importante tema para o ensino de história, que está relacionado com as intencionalidades presentes na produção de narrativas históricas. A análise desse objeto e a sua contextualização pode representar uma possibilidade de reflexão sobre como uma narrativa histórica é socialmente construída, a partir de valores e influências que

representam as preocupações ligadas ao presente em que se produz, e como estas narrativas assumem a natureza, do indivíduo ou grupo, responsável pela sua produção e reprodução. Possibilita observar como a tecitura do conhecimento histórico se faz, a partir da congregação de um conjunto de interesses e visões de mundo, ligados a elementos como a origem do indivíduo, os valores ideológicos, a época, dentre outros, que mostra como uma narrativa histórica é construída, a partir de seleções e escolhas muito influenciadas pelos interesses de que produz.

Após o encerramento dos debates possibilitados pela análise dos objetos apresentados no módulo Escravidão e Abolicionismo, do Museu do Ceará, propõe-se ao professor o deslocamento à Igreja do Rosário, que é um outro espaço histórico de Fortaleza que possibilita a realização de importantes questionamentos e problematizações relacionadas ao tema em questão.

A Igreja do Rosário fica localizada a poucos metros do próprio museu, no largo da Praça General Tibúrcio, popularmente denominada de Praça dos Leões. A caminhada até o templo religioso é rapidamente realizada e se faz sob a sombra das centenárias árvores que encobrem o caminho que leva a este segundo destino.

Para apresentar a questão, se faz importante retomar a indagação anteriormente proposta. Como a segregação social se institucionalizava através de uma arquitetura urbana segregacionista?

Propor a Igreja do Rosário como segundo ponto de parada do roteiro, se deu, em decorrência de ter esse espaço, uma historicidade que possibilita a realização de um debate sobre as práticas simbólicas de exercício da segregação, do preconceito e da exclusão social para com os povos afrodescendentes residentes na cidade de Fortaleza, fossem eles escravizados ou libertos. Um outro importante elemento a ser problematizado está relacionado às formas de manifestação religiosas praticadas por parte da população negra radicada em Fortaleza nesse período.

Diante de um templo católico, muito semelhante a tantos outros existentes, qual a relação que este, em caso especial, apresenta com o tema em questão?

Edificada por volta do ano de 1730, em pleno período colonial, a Igreja do Rosário foi construída em um espaço considerado distante do núcleo urbano da vila de Fortaleza, que se restringia ao entorno da antiga Igreja Matriz, local atualmente ocupado pela Catedral de São José. O templo foi edificado com a finalidade de servir de espaço para a realização de cultos católicos destinados a população afrodescendente da cidade, os quais não eram bem aceitos em outros templos já existentes na época. A construção

desta pequena e modesta igreja ocorreu através dos esforços dessas populações que, socialmente alijada dos espaços religiosos então existentes, e necessitadas de espaço para a prática do catolicismo, uniram esforços e recursos para a materialização de um singelo templo, inicialmente feito de taipa e palha, e posteriormente ganhando melhorias em sua estrutura e feição. Atualmente é considerada uma das igrejas mais antigas da cidade.

Para realização dessa construção, os negros se uniram através da Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos e edificaram o espaço onde podiam assistir misas, rezar terços e exercitar as demais atividades relativas ao catolicismo. Com o passar dos anos o templo foi assimilado pelo crescimento da cidade, que se deu justamente na direção onde estava localizado, e passou a compor o conjunto de equipamentos urbanos da urbe. Outros atores e agrupamentos sociais passaram a também ocupar esse espaço que, dentro de uma dinâmica urbana, foi sofrendo uma série de transformações sociais de usos e ocupação, o que colaborou para a mudança de configuração do templo que, de uso exclusivo dos negros, passou a ser frequentado e ocupado por outros segmentos da sociedade.

Neste espaço, o objetivo é propor ao professor o estímulo ao olhar dos alunos para o debate acerca das formas de segregação social estabelecidas na cidade, contra as populações afrodescendentes aqui radicadas. A partir dessa análise, pode-se também problematizar o debate acerca da extensão do caráter excludente da segregação social para com os povos afrodescendentes nos dias atuais, correlacionando este contexto aos anos em que existiu a escravidão institucionalizada no Brasil.

Esta segregação fica evidente ao se identificar a necessidade, dos povos afrodescendentes, de edificação de um templo para realização de suas práticas religiosas. Por meio desta constatação abre-se espaço para que se proponha um entendimento sobre as formas de distinção social praticadas a partir de valores relacionados a origem social e, principalmente, a cor da pele. Essa discussão objetiva também estabelecer questionamentos acerca das formas atuais de segregação existentes em nossa sociedade que, mesmo após tantas décadas da eliminação da escravidão, ainda é profundamente caracterizada pelo exercício da exclusão social e do preconceito.

As tensões existentes entre as áreas nobres e a periferia, a ascensão da violência urbana, a criminalização dos habitantes das áreas periféricas são ingredientes que possibilitam a reflexão acerca de uma cidade plural, marcada por suas várias

singularidades, que convivem no mesmo ambiente, sob o mesmo nome, porém, exercitando experiências profundamente distintas e muitas vezes conflituosas.

Uma outra abordagem reside na maneira como o desenvolvimento urbano, através do crescimento da cidade, ocorre empurrando os segmentos menos privilegiados, social e economicamente, para espaços cada vez mais distantes das zonas centrais e desprovidas de infraestrutura, para privilegiar atividades e ocupações públicas e privadas vinculadas a uma determinada ideia de progresso. A materialização desse progresso, destinado aos anseios dos grupos sociais dominantes, se faz através da edificação de residências, templos religiosos, equipamentos e infraestrutura urbana, em detrimento dos interesses de outros segmentos sociais, que passam a ocupar áreas mais distantes e degradadas, que, sem infraestrutura, crescem a margem dessa visão de progresso e tornam-se, posteriormente, espaços marginalizados e estigmatizados socialmente.

Através da análise da Igreja do rosário enquanto representação simbólica de uma necessidade de manifestação religiosa, objetiva-se também propor a compreensão acerca da necessidade da comunidade negra de Fortaleza, ou pelo menos parte dela, do exercício do culto católico. Nesse contexto, algumas indagações podem ser realizadas, com o intuito de estimular o pensar sobre outras relações estabelecidas por esses atores com a religiosidade. Onde se encaixava a prática das religiões afro-brasileiras? De que forma essa religiosidade se manifestava, a despeito da forte repressão e marginalização estabelecida? Em que espaços da cidade se praticavam os cultos das religiões afro-brasileiras? Como essas matrizes religiosas distintas interagem e se integram? Como as religiões afro-brasileiras não sucumbiram frente a forte repressão, marginalização e repúdio a qual foram submetidas ao longo dos séculos?

Após a conclusão das análises estimuladas pela historicidade explorada na Igreja do Rosário, propõe-se o prosseguimento do roteiro em direção a ao Passeio Público que é um outro espaço urbano reconhecidamente importante no centro histórico de Fortaleza. Localizado entre as ruas Barão do Rio Branco e Dr. João Moreira, defronte a entrada principal da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, o equipamento encontra-se rodeado de outros importantes espaços públicos com relevância histórica para Fortaleza.

Distante cerca de seis quarteirões da Igreja do Rosário, a caminhada necessária para alcançar esse destino é um pouco mais longa e menos desprovida de sombra, por se tratar de um deslocamento em que quase não há presença de árvores.

O Passeio Público de Fortaleza é um logradouro que, ao contrário de quase todas as outras praças públicas da cidade, mantém bem conservadas as características

originais estabelecidas no final do século XIX. Este fato pode ser facilmente constatado em fotografia antigas existentes no museu, onde se percebe a manutenção da estrutura, dos ornamentos, da arborização e das características gerais da praça.

Edificado próximo a outros importantes equipamentos urbanos do século XIX em Fortaleza, como a Santa Casa de Misericórdia, a Estação Ferroviária João Felipe, o prédio onde atualmente funciona o Museu da Indústria, a Cadeia Pública e a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, o Passeio Público começou a ser construído a partir 1864 e era uma praça composta de três níveis distintos, um plano mais alto, a altura da atual rua Dr. João Moreira, ricamente ornamentado com estátuas, bancos, jardins e posteriormente equipado com iluminação pública, cafés e dois planos mais baixos no sentido da praia e bem mais simplórios.

Durante algumas décadas esse logradouro foi um importante espaço de sociabilidade da elite da cidade, por onde as mulheres desfilavam seus vestidos costurados com tecidos importados, reproduzidos a partir dos modelos das vestimentas vindas da Europa ou dos centros urbanos mais importantes do país. As famílias que faziam uso do espaço encontravam um local fresco e agradável, por conta da sombra das árvores e da brisa vinda do mar.

Também conhecida como praça dos mártires, devido ter sido palco do fuzilamento de alguns militantes acusados de envolvimento com a revolução denominada Confederação do Equador, em 1824, o Passeio Público foi edificado levando em conta a criação de espaços diferenciados que eram destinados aos diferentes grupos, a partir do ponto de vista econômico e social, institucionalizando a separação de grupos sociais a determinados espaços de sociabilidade na cidade.

Os três diferentes planos existentes representavam a institucionalização de uma hierarquia social, de uma cidade que crescia e buscava reservar e direcionar os espaços destinados a cada grupo existente dentro dessa divisão. Um primeiro plano, no local mais alto, próximo ao centro da cidade, no nível da rua, defronte a brisa do mar e ricamente adornado e equipado, para o deleite das famílias tradicionais, para o passeio das moças e a diversão das crianças, oriundas das classes sociais mais abastadas da cidade. Os outros planos, mais abaixo, eram locais reservados para as pessoas representantes das classes médias e dos mais desvalidos, respectivamente. Neste último plano, os frequentadores eram majoritariamente membros da comunidade afrodescendente de fortaleza, escravizados ou libertos. Estes compunham a grande

maioria dos habitantes considerados pobres e, portanto, desprovidos de acesso aos níveis superiores.

Nesse contexto, a escolha desse logradouro tem o objetivo de levantar questionamentos acerca das formas de institucionalização da segregação social praticada para com as populações afrodescendentes e pobres da cidade.

Estamos na atualidade vivendo em uma cidade que eliminou a segregação social? Os moradores de todos os bairros e origens sociais são bem recebidos em todos os espaços privados e públicos existentes na cidade? Existem locais em que a presença de pessoas oriundas das classes mais pobres é repelida? Quais as formas de segregação velada que ainda podemos observar em Fortaleza nos dias atuais? Estas são algumas indagações que podem ser realizadas para fomentar a discussão acerca do tema em questão

Com o olhar para a historicidade presente no Passeio Público, este momento do roteiro tem a intenção de levantar as questões relativas ao preconceito e a segregação ainda muito presentes na atualidade. Parte do entendimento dessa questão se faz ao compreendermos ela como fruto de um processo que tem início em algum momento do passado e que perpassa as temporalidades sem que ações efetivas de reparação se estabeleçam, fato que proporciona a reprodução de práticas e mentalidades vinculadas aos valores da época em que havia uma escravidão institucionalizada.

Figura 2: Print do Blog - Passo 01 do Roteiro Abolição no Ceará

Passo 02 - Módulo Escravidão e Abolicionismo

Esta proposta de roteiro tem início com a visita ao módulo do Museu do Ceará intitulado Escravidão e Abolicionismo. A partir do diálogo estabelecido pelos educadores da instituição, o professor tem a possibilidade de estabelecer uma discussão sobre a participação dos povos afrodescendentes no combate a escravidão, assim como, refletir também sobre o silêncio que existiu, acerca dessa participação, por muito tempo na história oficial. Esse debate pode ser iniciado através da análise de um importante objeto presente na exposição, o quadro Fortaleza Liberta



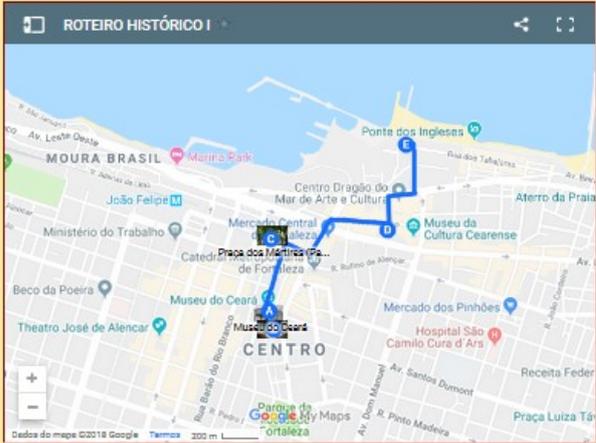
Esta obra, confeccionada pelo pintor José Inênu de Souza, provavelmente no ano de 1884, retrata a solenidade de libertação dos escravos em Fortaleza, no dia 24 de maio de 1883. Em uma rápida observação, pode ser evidenciada a predominância, entre as muitas pessoas retratadas, de braços no quadro. Partindo dessa observação cabe a realização do seguinte questionamento: Os povos afrodescendentes não tiveram participação no processo de abolição?

Figura 3: Print do Blog - Mapa com o itinerário do roteiro Abolição no Ceará

Percurso do roteiro Escravidão e Abolicionismo

Percurso Escravidão e Abolicionismo

- 01 - Museu do Ceará: Módulo Escravidão e Abolicionismo
- 02 - Igreja do Rosário - Praça dos Leões
- 03 - Passeio Público de Fortaleza
- 04 - Centro Cultural Dragão do Mar
- 05 - Ponte Metálica - Poço da Draga



ESCRavidão E ABOLICIONISMO ROTEIRO 01

3.2 Artes da Escrita

O segundo roteiro didático proposto para o blog foi planejado a partir da sala de exposição do Museu do Ceará dedicada a literatura, denominada “Artes da Escrita”. Neste espaço, a exposição permanente do museu apresenta ao público um conjunto de objetos vinculados à produção literária desenvolvida por autores cearenses e a agremiação literária surgida no final do século XIX, denominada Padaria Espiritual, que obteve destaque no cenário literário através da publicação do jornal O Pão.

Por conta das inúmeras possibilidades de articulação desta temática com os variados equipamentos culturais existentes no entorno do Museu do Ceará, como a Academia Cearense de Letras, o Instituto do Ceará, a Casa de Juvenal Galeno e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e da impossibilidade de realização de um itinerário didático que contemple a visitação qualitativa de todos esses equipamentos, essa temática será abordada através de dois roteiros: “A literatura nos redutos intelectuais” e “A expressão da cultura popular na literatura cearense”

A divisão decorre da observação do tempo necessário para o cumprimento das propostas pensadas para cada local visitado, bem como, das atividades a serem realizadas pelos alunos. A proposta pode ser realizada pelo professor em dois dias seguidos, ou alternados, bem como, pode-se também optar por uma ou outra abordagem, a partir da necessidade e objetivos pensados pelo professor.

No Museu do Ceará, o módulo “Artes da Escrita” tem início com a proposição da seguinte reflexão, em um texto exibido na parede, próximo a entrada do ambiente:

Vários objetos de escritores foram doados ao Museu do Ceará, formando um conjunto de fragmentos do passado que testemunham a determinação de homens e mulheres para mostrar a força da escrita. Movimentando-se na arte e na ciência, esses militantes da palavra enfocaram problemas, fizeram denúncias e apontaram soluções. Fizeram da escrita uma forma de anúncio e denúncia. É impossível citar todos em pouco tempo, mas alguns logo se destacam no plano nacional: o romantismo de José de Alencar, com a grandiosa mitologia de Iracema; a pesquisa histórica de Capistrano de Abreu para se entender a formação do Brasil; a contribuição de Clóvis Beviláqua para as ciências jurídicas; a criação do Museu Histórico Nacional por Gustavo Barroso; os estudos antropológicos de Tomás Pompeu Sobrinho; a crítica literária de Araripe Júnior.

Dias da Rocha fundou no final do século XIX um Museu Histórico Natural. O barão de Studart ampliou e aprofundou a pesquisa sobre a história do Ceará. Eusébio de Sousa, em 1932, organizou o Museu do Ceará. Martins Filho criou a Universidade do Ceará no início dos anos 1950.

E há mais, muito mais: as propostas inovadoras da Padaria Espiritual e a literatura de Leonardo Mota, Rachel de Queiroz, Moreira Campos, Patativa do Assaré e João de Cristo Rei.

Muitos escreveram sobre o problema das secas, como o senador Pompeu, Rodolfo Teófilo e Joaquim Alves. Outros foram jornalistas destemidos, como Padre Mororó ou João Brígido.

Além de objetos pessoais, há pinturas a óleo realizadas pelo poeta Otacílio de Azevedo e folhetos de cordel. Esse módulo é, portanto, um caleidoscópio de traços e pistas sobre a potência criadora da letra gravada no papel (RAMOS; SILVA FILHO, 2007, p. 456).

A partir deste texto introdutório, o museu apresenta aos visitantes um contexto relacionado aos acontecimentos representados na exposição. Através da exibição dos objetos, a proposta apresentada visa expor ao público alguns fragmentos da vida e obra de renomados escritores, que obtiveram projeção no plano local e nacional. Há também uma intenção de ressaltar a importância do Ceará no contexto literário do Brasil.

Assim como em toda a exposição, este espaço privilegia ao professor a possibilidade de realizar uma abordagem didática baseada no conceito do “objeto gerador”. Influenciado pela obra do educador Paulo Freire, o professor Régis Lopes, diretor do museu na época em que a atual exposição foi planejada e constituída, implementou uma abordagem que defende a relação entre o visitante e o objeto. O espectador é convidado a construir uma narrativa histórica através da leitura dos objetos.

Em certo sentido, a pedagogia do diálogo contida na “palavra geradora” constitui uma fonte de inspiração para o papel do museu no ensino de história. É plausível defender que uma das possibilidades para o início da “alfabetização museológica” pode ser o trabalho com objetos geradores. Em sala de aula, no museu, ou em outros espaços, o professor ou o “orientador” faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos, ou participantes de certo grupo, e a partir daí realizaria exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos selecionados (RAMOS, 2004, p. 32).

Em uma visita mediada, o professor, a partir da definição dos objetivos, desempenha o papel de mediador da interação dos alunos com os objetos. Através de problematizações e questionamentos, tem a função de estimular o desenvolvimento de um olhar investigativo e curioso, que não permita que a visita se caracterize como uma mera contemplação ou um ajuntamento de informações.

Uma outra característica nesta parte da exposição está relacionada a diversidade de áreas literárias em que houve a atuação de autores cearenses, conforme explicita o texto introdutório. Esta diversidade é percebida ao serem apresentados objetos e personagens com uma produção vinculada as mais variadas áreas do conhecimento como a prosa, a poesia e a literatura científica, expressa através da História, Antropologia e Ciências Jurídicas, assim como, a literatura popular de cordel.

Desta forma, o módulo apresenta os autores ao público visitante, com o objetivo de debater as realizações implementadas e a importância da produção literária para o desenvolvimento da cultura e da ciência local.

Outra abordagem relevante no módulo está relacionada à Padaria Espiritual, agremiação literária surgida em Fortaleza na última década do século XIX. Através da exposição da bandeira com o emblema do grupo, de fotografias dos integrantes e de trechos do regulamento que ditava as normas da agremiação, o movimento é apresentado como fruto de uma intelectualidade inquieta, vanguardista e, sobretudo, irreverente. Essa abordagem busca demonstrar uma certa espontaneidade desenvolvida pelos membros da agremiação frente a uma tradição literária fortemente caracterizada pelo apego a forma e ao rigor linguístico e estilístico.

Para a execução dos dois roteiros propostos, a partir da temática Literatura no Ceará, algumas ações podem representar uma qualificação na realização da atividade, como a efetivação de um planejamento prévio que busque integrar a visita ao contexto a ser trabalhado em sala de aula. No caso específico desta temática, torna-se muito relevante a realização desse planejamento em conjunto com um professor de Língua Portuguesa, pois essa troca de experiências e conhecimentos, pode representar uma potencialização do olhar e entendimento do professor de história para o universo da literatura e, através desse planejamento, amplifica-se o potencial pedagógico de abordagem da temática.

Para utilizarmos o museu em sala de aula é preciso ter em mente que a visita se inicia muito antes do professor e seus alunos

chegarem ao museu. E se estende para além deste momento. Acreditamos que a qualidade da atividade e seu significado pedagógico dependem da qualidade do cuidado do professor no momento do planejamento da atividade. É esta previsão das ações que direciona a atenção dos alunos para as atividades didáticas e potencializa o impacto da experiência vivida para o aluno (PACHECO, 2012, p. 68-69).

Uma outra ação que tem impacto positivo na execução dos itinerários seria a participação direta de um professor da área de linguagens e códigos para auxiliar a mediação das questões e problemáticas mais diretamente ligadas e afetadas pelo contexto da literatura. Esta participação possibilitaria o exercício da interdisciplinaridade através da co-mediação das visitas e agregaria conhecimento específico às reflexões relevantes acerca da temática.

3.2.1 A literatura nos redutos intelectuais

A primeira proposta planejada a partir do Módulo “Artes da Escrita”, denominada “A Produção Literária e Científica nos Redutos Intelectuais”, visa estabelecer uma reflexão acerca da construção literária realizada por escritores cearenses, por meio da visita de importantes espaços dedicados à valorização das letras e da produção do Conhecimento. A partir do Museu do Ceará, especificamente do módulo em questão, o itinerário contempla a visita a estátua de Raquel de Queiroz, localizada na praça dos Leões, a Academia Cearense de Letras, situada no mesmo logradouro e o Instituto do Ceará, estabelecido no Palacete Jeremias Arruda, na rua Barão do Rio Branco.

Outro objetivo pensado para este roteiro, reside na investigação e problematização acerca do impacto exercido sobre a produção de conhecimento na cidade de Fortaleza, a partir da formação e atuação dessas agremiações literárias e científicas, entre os séculos XIX e XX.

Ao visitar esses espaços os alunos estarão em contato com um contexto histórico relacionado a personalidades literárias, obras, movimentos e associações que, na maioria dos casos, remetem ao século XIX e primeira metade do século XX. A partir desta constatação, apresenta-se como desafio a proposição de uma abordagem que instigue os alunos à investigação e entendimento de um universo temporalmente tão

distante da realidade vivenciada e aparentemente dissociado das questões inerentes à contemporaneidade.

Para contextualizar a temática em questão, promover o contato inicial com informações a ela relacionadas e estimular as primeiras reflexões, propõe-se a realização de uma pesquisa sobre as informações básicas acerca dos autores, movimentos e associações literárias e científicas representadas nos espaços a serem visitados. Essa atividade pode ser realizada em grupo, através da utilização da biblioteca ou do laboratório de informática da escola e tem por objetivo, estabelecer um primeiro contato dos alunos com as informações inerentes ao contexto do roteiro a ser realizado. Desta forma, os alunos não seriam surpreendidos ao se depararem com personalidades literárias e científicas como Capistrano de Abreu, Rodolfo Teófilo e Barão de Studart, que talvez, somente habitem seu universo de informações enquanto denominação de logradouros público da cidade.

O módulo Artes da Escrita é o ponto de partida dessa primeira proposta de abordagem temática ligada a literatura no Ceará. Para início desse itinerário, propõe-se a visita ao espaço através da mediação do núcleo educativo do museu.

A abordagem desenvolvida pelos educadores da instituição possibilita a reflexão de um importante panorama da produção literária e científica do Ceará, principalmente entre os séculos XIX e XX. Abordam-se aspectos relacionados a educação escolar formal desse período, caracterizada dentre outras coisas, pela separação entre meninos, que eram preparados para a atuação no mundo profissional e as meninas que tinham uma educação voltada para as prendas e afazeres doméstico. Em ambos os casos, a educação escolar era privilégio de uma pequena parcela da população, enquanto o restante encontrava-se excluída desse processo.

Através da problematização possibilitada pela historicidade de vários objetos, como máquinas de escrever, livros, folhetos de cordel, fotografias, pinturas, móveis e placas de rua, a mediação busca provocar uma reflexão no público através do contexto de produção e difusão do saber no Ceará. Por meio desta ação o professor tem a possibilidade de estimular a observação dos alunos sobre variados autores que estão representados nesta exposição, através de suas obras e objetos pessoais, que posteriormente estarão representados em outros espaços e equipamentos ligados a valorização da literatura e da produção de conhecimento, como a Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará.

No rol de escritores e intelectuais, destacam-se autores que atuaram em variadas áreas como a poesia, a ficção, a história, a antropologia, a geografia, a botânica e as ciências jurídicas. São apresentadas personalidades como Rodolfo Teófilo, Rachel de Queiroz, Gustavo Barroso, Tomás Pompeu Sobrinho, Barão de Studart, Antônio Sales, Patativa do Assaré, Clóvis Beviláqua, dentre outros.

Cabe destacar a importância de se abordar o panorama literário cearense, através da proposição de uma observação e contextualização dos elementos expostos no museu, vinculados à Padaria Espiritual, que foi um movimento literário criado em Fortaleza o ano de 1892. Caracterizado pela crítica a política e a sociedade da época, que buscava copiar os valores e costumes oriundos da Europa, os membros da agremiação publicavam semanalmente um jornal intitulado “O Pão”. Estes escritores, denominados de padeiros, apresentavam-se como críticos sociais, através de uma literatura bem humorada e satírica, características essas expressas no histórico Estatuto da instituição, escrito pelo “Padeiro-Mor” Antônio Sales.

Através das questões levantadas pela contextualização da Padaria Espiritual, propõe-se a realização de uma reflexão através do confronto entre o estereótipo atual, que caracteriza o cearense como um povo descontraído e bem humorado e a irreverência que marcou a organização, produção e atuação dos membros do movimento literário em análise.

Este tipo de comparação tem o objetivo de estimular o debate junto aos alunos, sobre a forma como os estereótipos são construídos e culturalmente vinculados a determinados segmentos ou grupos sociais. Salienta-se a forma como esta construção está ligada a valorização de uma identidade cultural que se apresenta homogeneizada em torno de características consideradas positivas, como bom humor, a simpatia e a espontaneidade. Desta maneira, estimula-se um sentimento de pertencimento e reconhecimento social.

Por tratar-se de uma organização literária pioneira e singular, no que tange aos outros movimento literários que surgiram no mesmo período no Ceará e no Brasil, pretende-se analisar a influência exercida na vida cultural da cidade. Destaca-se também o estímulo à produção literária no final do século XIX, através da atuação das agremiações literárias como a própria Padaria Espiritual, a Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará.

Para fazer um contraponto a hegemônica presença masculina neste módulo do Museu do Ceará, os educadores da instituição apresentam a atuação da escritora Rachel

de Queiroz. Primeira mulher a ser reconhecida como “imortal” pela Academia Brasileira de Letras, a memória da escritora é retratada como exemplo de vanguarda e pioneirismo, através da exibição de objetos pessoais como o leque que portava quando tomou posse na ABL, exemplares de importantes obras literárias publicadas e um quadro pintado pelo artista cearense Otacílio de Azevedo.

Com a representação construída a partir da historicidade existente nos objetos vinculados à Rachel de Queiroz, propõe-se a indagação junto aos alunos, a respeito das questões relativas ao papel da mulher na sociedade atual. Ao propor esse debate, objetiva-se refletir sobre questões ainda marcantes em nossa sociedade como o machismo, a violência doméstica e a supremacia masculina em determinadas áreas e espaços de poder da sociedade.

Para dar continuidade a esta reflexão, o roteiro apresenta como segunda parada a visita a estátua da escritora, que encontra-se na praça General Tibúrcio, popularmente conhecida como praça dos Leões, localizada ao lado do museu. Neste logradouro, repousada em um banco, encontra-se uma estátua de bronze, em tamanho natural.

Neste momento, o professor tem a oportunidade de retomar a abordagem iniciada no museu para apresentar a escritora como um expoente feminino na literatura do século XX. Algumas problematizações podem ser realizadas para auxiliar o debate e a reflexão sobre o papel da mulher na literatura e na sociedade. Qual o papel da mulher na sociedade da primeira metade do século XX? A partir de quando o conceito de feminismo começa a ser difundido?

Com base na simbologia inerente a atuação da escritora Rachel de Queiroz, que desde muito jovem se fez presente no meio literário e participou da vida cultural e política do Brasil ao longo de sua existência, o professor dispõe de elementos para desenvolver questionamentos relacionados ao papel e aos desafios da mulher no século XXI. A relevância do debate sobre tais indagações pode representar uma importante ferramenta para a reflexão sobre persistentes problemas ligados a realidade feminina no contexto social atual.

Por proporcionar um ambiente agradável, por conta da ventilação e arborização, este espaço possibilita a realização de registros fotográficos junto a estátua. É um momento em que os alunos podem interagir através da realização de fotografias, *selfies* e registros individuais, como uma forma de descontrair e descansar.

Em sequência ao roteiro, propõe-se uma breve caminhada, através da Praça dos Leões, em direção a Academia Cearense de Letras, que atualmente está localizada no Palácio da Luz, antiga edificação que abrigou o poder executivo estadual até o ano de 1960. A estrutura da academia é composta por uma ampla biblioteca, com cerca de vinte e cinco mil títulos, auditórios, salões para solenidades e algumas obras de arte de renomados artistas, como o cearense Raimundo Cella.

A partir de um agendamento prévio, a instituição disponibiliza um mediador para acompanhar a turma e apresentar a história da ACL e do Palácio da Luz, através das fotografias e pinturas expostas nas galerias e corredores. Os atuais membros, os fundadores, a Padaria Espiritual e o contexto literário que permeou a existência da academia compõem a mediação realizada.

A visita a este equipamento tem o objetivo de proporcionar uma abordagem interdisciplinar entre história e literatura. Enquanto sede oficial de uma instituição ligada a valorização e divulgação dos autores e da literatura local, o Palácio da Luz carrega consigo uma historicidade que perpassa os limites da produção literária. Sua trajetória está também associada ao contexto político. Sede do poder estadual por longos 160 anos, aproximadamente, seus corredores, salões e cômodos abrigaram governantes e seus familiares (além de sede política, a edificação também abrigava a residência oficial do chefe do poder executivo), funcionários, políticos e, principalmente, decisões e diretrizes que repercutiram na vida da população cearense ao longo desse período.

Portanto, visitar a Academia Cearense de Letras proporciona uma abordagem sobre a produção literária local e sobre as escolas literárias desenvolvidas ou adotadas por importantes nomes da literatura cearense como José de Alencar, Barão de Studart, Tomaz Pompeu, Capistrano de Abreu, Rachel de Queiroz, Eduardo Campos e Moreira Campos, dentre muitos outros. Permite aprofundar o conhecimento sobre o contexto mais amplo da literatura universal a partir de um mergulho no universo literário produzido no Ceará, ou por autores nascidos aqui.

Associado ao mergulho no universo de uma importante e significativa parte da história literária local e nacional, a visita ao Palácio da Luz, possibilita discutir aspectos sobre a história do poder político no estado do Ceará, sobre a simbologia do poder e as transformações que esta simbologia sofreu no decorrer do tempo. A edificação, testemunho de acontecimentos e decisões importantes para o contexto da história do estado, representa uma época em que a política era um exercício mais explícito do empoderamento do poder econômico sobre a sociedade.

Como descrito anteriormente, o Palácio da Luz foi sede do poder executivo estadual por longos 160 anos. A partir da década de 1960, com o crescimento da cidade e as transformações na estrutura e dinâmica administrativa do governo, começou a ganhar espaço um discurso que colocava como necessária a transferência da sede do poder público para um outro local que permitisse a incorporação de uma administração mais moderna, em um ambiente com mais espaço e em uma área considerada mais adequada para este tipo de atividade. O antigo prédio passa a ser considerado acanhado e obsoleto para abrigar a instância executiva da máquina pública estadual.

A partir de então, a sede do governo ocupou três diferentes espaços públicos em Fortaleza: o Palácio da Abolição, inaugurado no ano de 1970, o Centro administrativo do Cambé, mais um espaço administrativo construído sob a signo da necessidade de modernização da máquina pública, o Palácio Iracema, em um breve período, retornando ao Palácio da Abolição no século XIX, após a realização de uma reforma em suas instalações. Através dessa contextualização, o professor tem a possibilidade de debater temas relacionados ao crescimento urbano, a ocupação do espaço e as transformações da máquina e da administração pública no Ceará.

Após encerrar a visita da Academia Cearense de Letras o roteiro prossegue para o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), que será o último destino desta proposta de roteiro didático. Também localizado no Centro da cidade, este equipamento representa um outro importante espaço público ligado a produção científica e literária do estado e abrigou renomados intelectuais.

Sediado no palacete Jeremias Arruda, uma edificação tombada pelo Patrimônio Histórico Estadual e distante cerca de oitocentos metros da Academia Cearense de Letras, o Instituto do Ceará foi fundado no ano de 1887, por um conjunto de intelectuais, políticos e professores, com o objetivo de ser um centro de debates, pesquisas, produção e disseminação de conhecimento, relacionado a História, Geografia e Antropologia do Ceará. A criação desta instituição estava diretamente ligada ao surgimento de outros institutos, da mesma natureza e finalidade, em outras capitais do Brasil.

Assim como as transformações e as melhorias urbanas implementadas na virada do século XIX para o XX, como a iluminação e o transporte público, o abastecimento de água e as reformas urbanas e arquitetônicas de vias e praças, a criação de um centro de conhecimento, nos moldes do instituto, caracterizava-se também como uma tentativa de vincular Fortaleza a um projeto de sociedade moderna, nos moldes praticados nos principais centros urbanos do Brasil e, sobretudo, da Europa.

Da mesma forma como pode ser evidenciado na visita a Academia Cearense de Letras, o Instituto do Ceará também encontra-se diretamente vinculado ao módulo Artes da Escrita, da exposição permanente do Museu do Ceará. Diversos escritores representados no museu, através da exposição de seus livros, objetos pessoais, fotografias e pinturas, também estão diretamente ligados a história do instituto, seja como fundadores, membros ou colaboradores.

Contando com uma estrutura que oferece aos visitantes e associados uma biblioteca com cerca de 39.000 mil títulos, auditório, livraria, salões para realização de solenidades, hemeroteca, setor audiovisual, laboratório de restauro e conservação de documentos e obras raras e museu, o Instituto oferece gratuitamente aos visitantes uma visita guiada por mediadores que apresentam a história da instituição.

Além dessa estrutura, o instituto também mantém uma política voltada para a publicação de revistas, livros e monografias. Através desta ação, são lançados novos estudos ligados às áreas de atuação da instituição, bem como, são reeditados livros e estudos que compõem seu rico acervo.

Neste espaço a ideia é propor aos alunos a uma observação das instalações e história da instituição, representada no museu e na mediação feita pelos educadores do instituto para, na sequência, discutir algumas questões relacionadas a produção do conhecimento em nosso estado. Uma indagação a ser proposta consiste na relação entre poder político e econômico e a produção de conhecimento. Entender como as personalidades que buscavam interpretar a dinâmica social, política e econômica tinham uma vinculação com as estruturas de poder estabelecidas.

Criado em um período em que o Ceará não dispunha de universidades, que somente foram implementadas a partir de 1953, com a criação da Universidade Federal do Ceará, o instituto foi durante mais de meio século, um espaço importante para o desenvolvimento da pesquisa científica e disseminação desse conhecimento. Com a criação da UFC, abriu-se um outro campo para o desenvolvimento da ciência e do conhecimento no estado.

Além da perda de seu principal membro, a dificuldade seguinte enfrentada pela agremiação de letrados, foi a criação de nova instituição, a Universidade Federal do Ceará, que disputaria o posto de mais importante círculo de pensamento do Estado. Apesar da impossibilidade de superar a nova instituição, o Instituto permanece

em funcionamento, manteve suas publicações ininterruptamente, sua revista encontra-se no tomo CXXIV (MENESCAL, 2012, p. 53).

O acervo produzido apresentou uma interpretação científica sobre o desenvolvimento do Ceará, nos aspectos histórico, econômico, geográfico, ambiental e social e estes estudos embasaram àqueles que buscavam informações acerca do território cearense.

A partir da análise do instituto enquanto importante centro de desenvolvimento do conhecimento, o professor problematiza questões relacionadas as formas de produção do conhecimento científico neste período e a maneira como esse conhecimento repercutia socialmente e politicamente, através das narrativas históricas e dos estudos geográficos e científicos, apresentados nas publicações regulares da instituição.

Outro ponto a ser indagado, constitui-se na relação estabelecida entre produção de conhecimento e exercício do poder. Grande parte dos membros e colaboradores da instituição atuavam profissionalmente como professores, médicos, engenheiros, políticos, jornalistas, dentre outros, e participavam da agremiação espontaneamente e sem receber recompensa financeira.

O destaque social e político da instituição no final do século XIX se devia à representatividade de seus membros, todos reconhecidos intelectuais da sociedade cearense, alguns ligados ao ensino atuando, na Província, como professores do Liceu do Ceará, da Escola Normal ou da Escola Militar, outros eram políticos, médicos e jornalistas (MENESCAL, 2012, p. 50).

Estar associado ao instituto significava atrelar sua biografia ao campo do conhecimento e da ilustração e isso repercutia como sinal de prestígio e destaque. Havia uma relação entre estes e o exercício do poder político e econômico no estado. Produzir e ter acesso ao conhecimento, formalmente e cientificamente construído, representava sinal de reconhecimento social, que repercutia em privilégios de ordem econômica e também política.

Fundamentado na relação apresentada, pode-se questionar como a produção e o domínio do conhecimento formal detinha relação com o exercício do poder econômico e político. Esta propositura tem como finalidade, analisar a simbologia silenciosa da dominação social, estabelecida pelos grupos que detinham o monopólio do conhecimento formalmente construído, como uma forma de domínio social. O domínio em questão se

manifesta através da ação do poder público que, representado e respaldado pelos membros das comunidades científicas, estabelecia o direcionamento das políticas e dos recursos públicos e legitimava uma interpretação do espaço e da sociedade. Neste contexto, a ação dos governos ocorria, ignorando as camadas sociais excluídas do processo de constituição do conhecimento formal.

Enquanto uma entidade que preserva a memória de diversos segmentos da sociedade cearense, o Instituto mantém-se ativo na contemporaneidade e ainda abriga intelectuais e pensadores que dedicam atenção e energia para produzir trabalhos voltados a compreensão da história, antropologia e geografia local.

Ao fim da visita, os alunos podem conhecer a loja do instituto que oferece a aquisição de variados produtos como livros revistas, catálogos e periódicos editados pelo próprio instituto, assim como, camisetas e bolsas personalizadas.

Como forma de proporcionar aos alunos a conclusão das atividades relacionadas ao roteiro didático e o aprofundamento dos assuntos abordados, propõe-se aos alunos a realização de um produto final, baseado nas histórias e contextos debatidos no decorrer das visitas. A realização desta atividade possibilita também a criação de elementos e parâmetros para a realização de uma avaliação, caso esta ação se faça necessária no planejamento do professor.

Cabe ressaltar a importância de propor a realização de uma atividade que estimule os alunos a revisitar os debates e as experiências experimentadas no roteiro, através do aprofundamento de estudos e da pesquisa. Também é importante que esta atividade tenha uma relação com o universo de atuação e de interesses do grupo e provoque um maior estímulo para o engajamento.

Uma sugestão que considero ser viável e interessante de executar, seria a realização de um festival de quadrinhos. Através da divisão da turma em grupos, o professor define uma temática para cada uma das equipes, a partir dos debates propostos, dos equipamentos visitados e das personalidades e obras problematizadas. Cada equipe ficaria com a responsabilidade de desenvolver uma pequena história a partir das inferências e conclusões, observadas ao longo do percurso e nas pesquisas realizadas posteriormente. Cada grupo teria a autonomia para se organizar quanto a confecção do produto, que levaria em conta as diferentes habilidades necessárias para realização de um quadrinho como desenho, roteiro, produção, apresentação e divulgação. Em uma aula destinada especificamente para esta ação, cada equipe apresentaria a

turma a sua temática a partir do entendimento obtido e formulado através da participação no roteiro e da realização da pesquisa.

Figura 4: Print do blog - Itinerário do roteiro A Literatura nos Redutos Intelectuais

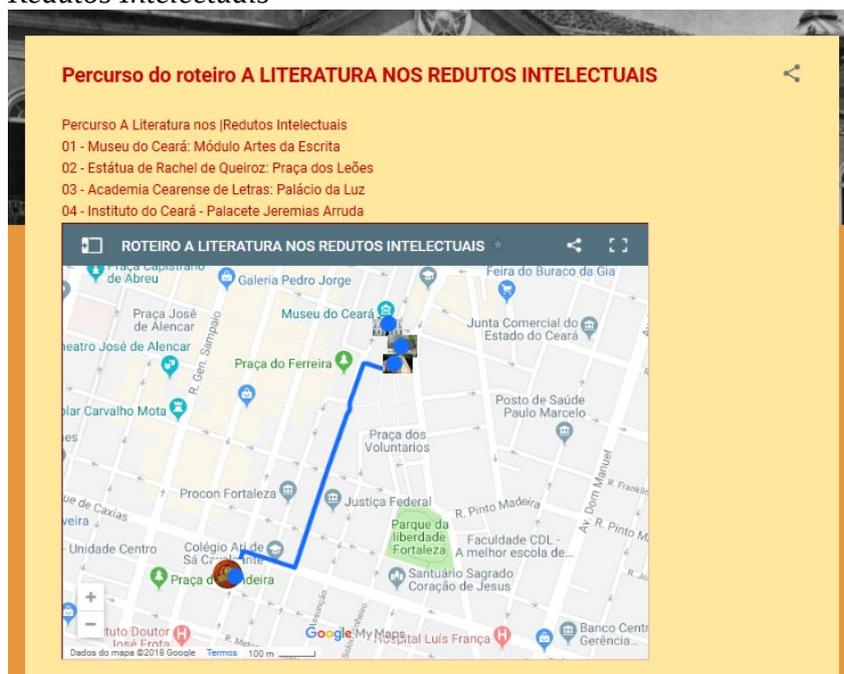


Figura 5: Print do blog - Apresentação do roteiro A Literatura nos Redutos Intelectuais



3.2.2 A expressão da cultura popular na literatura cearense

O segundo roteiro didático proposto a partir do Módulo “Artes da Escrita”, denominado “A expressão da cultura popular na literatura cearense”, objetiva realizar uma análise acerca da produção literária e artística vinculada a cultura popular, sobretudo através da literatura de cordel. Coloca-se também como intuito, a apresentação aos alunos da contribuição do poeta cearense Patativa do Assaré para a literatura popular nordestina, a partir da constituição de uma obra caracterizada por uma atenta observação da natureza em um forte apelo social.

Para alcance dos objetivos propostos, o roteiro tem como ponto inicial o módulo Artes da Escrita, do Museu do Ceará. A partir deste equipamento o itinerário contempla na sequência a visita a Casa de Juvenal Galeno, na rua General Sampaio, a exposição “Vaqueiros” e a estátua de Patativa do Assaré, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

Como sugestão de atividade prévia ao momento das visitas, os alunos podem ser orientados para a realização de uma pesquisa acerca de algumas questões que estarão representadas ao longo do roteiro. A primeira pesquisa teria como tema a obra *Iracema*, do escritor José de Alencar e sua ligação a construção de uma identidade acerca do povo cearense. A outra proposta de pesquisa teria como tema a produção da literatura de cordel enquanto representação da cultura popular nordestina. Complementarmente a esta segunda sugestão de atividade prévia, também seria interessante a realização de uma minioficina de produção de cordel na qual os alunos pudessem estabelecer uma vivência prática com alguns aspectos acerca da linguagem, como a métrica comumente utilizada pelos autores, as principais temáticas abordadas, a estruturação da publicação e composição das capas.

Além desse fato, a realização deste exercício proporciona aos alunos o desenvolvimento de habilidades cognitivas ligadas a pesquisa, a observação, a criatividade e a interação social, o que possibilita a articulação de conhecimentos de diferentes áreas como a história e a literatura.

Para este itinerário, proponho que a abordagem inicial da temática ocorra a partir da visita aos objetos expostos no museu, pertencentes ao poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré. Esta opção se faz em virtude da relevância do poeta, que teve sua obra marcada pela valorização da cultura, da natureza e do povo nordestino, através de uma poética que se debruçou sobre a natureza

e a dura realidade vivenciada pelo homem do campo. De acordo com o pesquisador Gilmar de Carvalho:

A produção poética de Patativa se configuraria como um texto cultural, outra vez como diria Lotman, *um programa condensado de toda a cultura*. O poeta investido da função de porta-voz de nossas inquietações, de nossos anseios e mais que isso, como se pudéssemos encontrar em Patativa, além do telúrico, do lirismo e da contundência da crítica social, as bases em que se estrutura a sociedade brasileira, mais especificamente a nordestina, e tivéssemos nesta poética uma síntese ou um espelho da economia, das condições sociais, um inventário das crenças, dos saberes e do imaginário de um povo (CARVALHO, 2011, p. 63).

Este espaço da exposição tem o objetivo de contextualizar a construção da literatura popular e espontânea, representada no museu através dos folhetos de cordel produzidos pelo poeta Patativa do Assaré e de alguns objetos pessoais bastante representativos da sua imagem: O chapéu de feltro (ou de “massa”, como popularmente é chamado) e os óculos escuros.

Além de proporcionar a merecida valorização a esta manifestação cultural característica da região nordeste do Brasil e a obra de Patativa, que transcende a literatura de cordel, a exposição também objetiva neste espaço, promover o diálogo entre os diferentes campos do saber humano. Ao mesmo tempo em que apresenta a produção vinculada aos campos tradicionais de produção de conhecimento, abordados no roteiro anterior, também expõe elementos representativos da produção literária popular. Através do confronto dessas duas vertentes, abre-se a possibilidade para problematizar as formas de enquadramento e hierarquização historicamente estabelecidas sobre essa dicotomia.

A partir da proposta sugerida pelo professor Regis Lopes, baseada no conceito de “objeto gerador”, o roteiro propõe uma abordagem sobre a importância do poeta Patativa do Assaré, a partir da problematização possibilitada pela leitura desses dois objetos, o chapéu e os óculos.

O objetivo nesta ação é instigar os alunos a refletirem sobre as formas de leitura realizadas pelo poeta, através do seu olhar sobre o mundo, olhar este, que no museu, está representado pelos óculos escuros e pelos exemplares de cordel que expressam sua linguagem poética. Através dessa leitura de mundo singular e de um talento aguçado, Patativa denunciou injustiças sociais, exaltou e interpretou a natureza e

demonstrou o sofrimento do povo humilde e o seu poder de superação frente as adversidades.

Como o museu não dispõe de folhetos de cordel ou livros para manuseio e leitura, há uma inviabilidade de aproximação direta dos alunos com aspectos estéticos e literários sobre a obra do poeta. Para realizar uma reflexão acerca do teor poético da obra, o professor tem que selecionar e disponibilizar exemplares de poemas e trechos de cordéis, que podem ser pesquisados na internet ou no acervo da biblioteca escolar.

A partir da observação do chapéu, assessorio utilizado para protege-se do sol forte ou como uma composição estética, denota-se a forma de vida de Patativa, que a despeito da dedicação a poesia, mantinha seu sustento através do trabalho como agricultor. A dedicação a árdua atividade no campo permitia um contato direto com a natureza, as suas manifestações, as relações humanas de cooperação e exploração. Esses elementos sutilmente e delicadamente compuseram a narrativa poética de Patativa, descortinada por meio da sensibilidade do seu olhar sobre a realidade. Através de uma linguagem simples, para abordar temas sofisticados, Patativa alcançou uma evidência no campo da literatura, que extrapolou os limites regionais e alcançou o Brasil.

As relações entre Patativa do Assaré e a política passam pela compreensão da síntese que ele fez entre o trabalho manual e o intelectual, superando a velha dicotomia que tanto inquietou filósofos e cientistas sociais. Interessante como ele se refere ao campo como local privilegiado para o seu fazer poético. Recolhido ao seu roçado, longe da conversa – que nos momentos de trabalho ele evitava -, Patativa se concentrava na preparação do solo para o cultivo e na transformação em verso das imagens que se formavam em sua mente e eram a matéria-prima de uma poética marcadamente social (CARVALHO, 2002, p. 46).

Após concluir as observações e problematizações propostas para a visita ao Museu do Ceará, os alunos podem ser direcionados para a entrada do museu onde encontra-se uma lojinha, na qual os visitantes podem adquirir variados produtos relacionados ao museu. Entre esses produtos destaca-se a oferta de lembranças identificadas com o museu, como blusas, chaveiros e bolsas, e de publicações sobre a instituição e seu acervo, com destaque para a coleção *Outras Histórias*, editada pela Associação dos Amigos do Museu do Ceará.

Em sequência ao itinerário estabelecido, propõe-se que o roteiro tenha prosseguimento em direção a Casa de Juvenal Galeno.

Localizada na rua General Sampaio, no centro de Fortaleza, próximo ao Teatro José de Alencar, a casa do poeta cearense Juvenal Galeno, no ano de 1919, foi transformada por sua filha, Henriqueta Galeno, em um centro de disseminação da produção literária dos escritores do estado. No início do século XX, em uma época anterior a disseminação da comunicação via rádio e televisão, a Casa de Juvenal Galeno, juntamente a outros espaços e equipamentos da bucólica cidade de Fortaleza, se apresentava como mais um local de encontro e sociabilidade da população, voltado para a produção e compartilhamento da produção literária.

Dotado inicialmente de um auditório para realização de reuniões e solenidades, o equipamento, originalmente idealizado e gerido pela filha do afamado poeta, tornou-se local frequentado por escritores, intelectuais, jornalistas e amantes das letras, que, em suas reuniões, compartilhavam leituras, realizavam saraus e apresentavam suas incursões pelo universo da literatura.

Dividindo sua função como residência do poeta e centro literário, após o falecimento deste, a residência passou a ser ocupada integralmente com as ações culturais já desenvolvidas e teve uma ampliação de suas atividades junto a sociedade cearense, ao tempo em que sua estrutura foi modernizada, com a criação de uma biblioteca e de outros salões e auditórios.

A partir desse momento, o equipamento, gerido pela família de Juvenal Galeno, além de espaço para valorização da literatura, assimila a função de homenagear a vida e obra do poeta. Através da preservação de parte dos seus pertences pessoais e do antigo mobiliário, a residência, além de centro cultural literário, apresenta-se como um pequeno museu dedicado a memória e principalmente a obra de seu antigo proprietário.

Com o crescimento da cidade e a dinamização de sua vida cultural, outras opções de entretenimento e comunicação foram postas a disposição da sociedade, porém, a Casa de Juvenal Galeno resistiu a esse processo, bem como, ao declínio do centro da cidade enquanto espaço principal de convivência da intelectualidade literária, cultural e política de Fortaleza.

Atualmente dotada de dois auditórios, salões decorados com peças do antigo mobiliário da residência, um espaço para realização de eventos culturais e uma biblioteca com aproximadamente vinte mil livros, a Casa de Juvenal Galeno mantém-se ativa na vida cultural da cidade e congrega associações e entidades ligadas a literatura e a cultura,

sediando várias delas, como por exemplo a Comissão Cearense de Folclore – CCF e o Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste – CECORDEL.

A visita a Casa de Juvenal Galeno possibilita ao professor a problematização da produção literária do poeta, que foi caracterizada pela valorização de aspectos da regionalidade cearense, em uma época em que essas questões não figuravam na literatura produzida para o consumo da elite letrada. Arquétipos como o do vaqueiro, do jangadeiro, da rendeira, do escravo, são incorporados à sua obra, realizada através de uma aguçada e atenta observação e convivência junto a esses tipos populares. Como forma de enriquecer o debate, essa análise pode ser confrontada com o contexto literário nacional, dominado pelo romantismo e o contexto histórico do Brasil imperial da segunda metade do século XIX, época de intensa valorização dos hábitos e costumes europeus, sobretudo após a ascensão da influência francesa, evidenciada em vários segmentos da vida sociocultural, através da chamada *belle époque*.

Além da interdisciplinaridade entre história e literatura, uma outra questão a ser trabalhada pelo professor, através da realização de indagações junto aos alunos, é a relação que a instituição estabelece com a produção artística e literária ligada a cultura popular, notadamente a literatura de cordel, aos cantadores de viola e aos estudos relacionados ao folclore local. Cabe portanto a realização de uma análise sobre as formas de valorização e desvalorização observadas junto a este segmento cultural, constatadas em diferentes instituições, períodos e realizadas nas instituições culturais e científicas criadas e estabelecidas na cidade de Fortaleza entre os séculos XIX e XX.

Compete ressaltar que este olhar mais atento para a incorporação dessa tradição popular, no contexto da produção cultural, em uma instituição organizada para essa finalidade, retrata a influência exercida pelo patrono da casa, que de forma pioneira, introduziu no meio literário e cultural, o olhar para com as tradições e os tipos populares. Essa característica da obra de Juvenal Galeno apresenta-se como vanguarda na produção editorial local e lhe confere um respeito entre seus pares e contemporâneos. A admiração e representatividade do escrito é evidenciada através de sua participação como membro fundador de agremiações literárias importantes como a Padaria Espiritual, a Academia Cearense de Letra e o Instituto do Ceará.

Uma outra atividade proposta para esse momento da visita seria a realização de um festival de declamações. Para esta atividade, há a necessidade de solicitar com antecedência a direção da casa, a permissão para utilização de um dos espaços disponíveis. Em observância ao tempo necessário para as demais atividades previstas no

itinerário, propõe-se que o professor escolha, em acordo com os alunos participantes, três jovens para executarem uma performance, a partir da seleção de histórias observadas nos folhetos de cordel disponíveis para consulta na instituição.

Como forma de aproximar a atividade da vivência dos alunos, a apresentação inicial desta atividade, pode ser realizada através de algum texto do poeta cearense contemporâneo Bráulio Bessa. Essa sugestão tem o objetivo de incorporar ao roteiro, um diálogo entre o universo da literatura de cordel tradicional, representada por inúmeros e talentosos autores, com o universo contemporâneo surgido a partir da internet, ferramenta que possibilitou a divulgação do trabalho de Bráulio Bessa junto ao grande público. Um outro motivo que justifica a escolha deste poeta, reside no fato de ser um artista que divulga sua obra principalmente por meio de declamações veiculadas em programas de televisão e, principalmente, na internet, o que o torna bastante popular e, conseqüentemente, conhecido dos alunos.

Após a conclusão das atividades propostas na Casa de Juvenal Galeno, o próximo destino sugerido é o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Considerado um dos principais equipamentos culturais de Fortaleza, o CDMAC abrange equipamentos como teatro, cinemas, anfiteatros, planetário, espaços para shows e apresentações públicas, galerias para exposições artísticas, espaços para oficinas e formação artística, cafés e restaurantes. Localizado na Praia de Iracema a instituição desenvolve ações em paralelo aos equipamentos privados estabelecidos no seu entorno, que ofertam atividades e serviços ligados a área da cultura e do entretenimento como bares, boates, apresentações humorísticas, teatrais e shows musicais.

A visita ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura tem o objetivo de apresentar aos alunos a estátua do poeta cearense Patativa do Assaré e a exposição de longa duração “Vaqueiros”. Por tratar-se de um roteiro didático que analisa aspectos da literatura popular e contempla a importância da cultura popular para a formação da identidade do povo cearense, conhecer esses espaços, possibilita trabalhar elementos diretamente ligados ao universo simbólico que permeou a produção artística e a constituição do modo de vida da população sertaneja em nosso estado.

Propõe-se que a visita tenha início pela exposição “Vaqueiros”, que compõe o Memorial da Cultura Cearense e está em cartaz desde a inauguração do centro cultural em 1998. Composta por uma variada gama de objetos e representações relacionadas a esse personagem ícone da cultura nordestina, a exposição reproduz a imagem dos

vaqueiros, seus utensílios de trabalho, seu modo de morar, suas manifestações culturais e sua religiosidade.

Uma gama de objetos compõem a exposição. Fotografias de pessoas e lugares, utensílios de couro como celas para montaria, arreios, chapéu, sandália e gibão, chocalhos, estribos, prensas para fabricação de queijo, carro de boi e a representação de uma simples casa do sertão, composta de peças características como o tamborete de madeira e couro, o pote para guardar água, o fogão a lenha, o pilão e a panela de barro.

Através da organização desses objetos a exposição busca sensibilizar o olhar do expectador para a beleza e simplicidade do modo de vida dos habitantes do sertão nordestino, representados na imagem do vaqueiro. A escolha deste como representante de outros tantos agentes que compuseram a identidade cultural nordestina, como os agricultores e artesãos, se dá em decorrência da relevância desempenhada pelos vaqueiros no estabelecimento de uma civilização colonial no interior do nordeste, através da constituição de fazendas dedicadas a criação de gado. Foi principalmente através desta atividade que a colonização encontrou uma maneira de se estabelecer no sertão e expandir seu domínio para uma porção de terra cada vez maior, com o decorrer dos anos. Através dessa presença, indígenas foram dominados, caminhos foram abertos e pequenas cidades surgiram em uma dinâmica denominada pelo historiador cearense Capistrano de Abreu como “Civilização do Couro”.

Mesmo não sendo o único personagem responsável pela implementação da dominação colonial dos sertões, o vaqueiro foi incorporado como símbolo desse processo e estabeleceu as bases para a construção de uma cultura estética, laboral, moral, religiosa e simbólica ainda presente no imaginário de parte da população nordestina.

Neste processo é importante ressaltar a contribuição de personagens que, em suas áreas de atuação, promoveram, valorizaram e apresentaram os elementos da cultura dos vaqueiros nordestinos. Na historiografia destacam-se as narrativas do já citado historiador Capistrano de Abreu, que em sua obra “Capítulos de História Colonial”, estabeleceu profunda reflexão sobre a ocupação do sertão nordestino através das fazendas de gado criadas no período colonial. Na área da cultura, ressalva-se a presença e obra de Luiz Gonzaga que, além de cantar o cotidiano do vaqueiro, apresentava-se sempre caracterizado com uma indumentária que mesclava elementos oriundos da estética do cangaço e da estética dos vaqueiros. Através do sucesso que alcançou, popularizou e propagou essa imagem por todo o Brasil.

Ao possibilitar um mergulho no universo do sertão, a exposição “Vaqueiros” oportuniza a reflexão sobre a constituição de representações simbólicas que formataram uma racionalidade do sertanejo. A partir desse universo, além das práticas laborais e cotidianas, emergiram elementos que sintetizaram as manifestações populares, através da religião, da cultura e das artes. Formatos nessas vivências, cantadores, repentistas, cordelistas, rabequeiros, sanfoneiros, rezadeiras, profetas, entre outros, encontraram o fértil caminho para desenvolvimento dos seus saberes.

Após a conclusão da visita a exposição sobre os vaqueiros, o itinerário segue para sua última parada, a estátua de Patativa do Assaré. Localizada no andar térreo do Centro Dragão do Mar, o monumento em bronze, de tamanho natural apresenta-se como local ideal para que os alunos possam fazer registros fotográficos com a representação de um personagem central nos debates propostos para o roteiro.

A visita a estátua, além de apresentar aos alunos o monumento erguido em homenagem a um símbolo da cultura cearense, tem o objetivo de fortalecer a imagem de Patativa enquanto importante expoente da literatura, em contraposição a segregação e hierarquização estabelecida entre o conhecimento popular e o conhecimento formal acadêmico.

Como proposta de atividade pedagógica complementar a realização do itinerário o professor pode organizar com os alunos a confecção e apresentação de folhetos de cordel na escola, em complementação a oficina de cordel sugerida enquanto atividade anterior a efetuação do roteiro didático. A partir das informações adquiridas ao longo das visitas e dos debates, os participantes estarão com um maior arcabouço de conhecimentos acerca dos temas, da poética e do universo da literatura de cordel. Para realização da atividade, os alunos organizam-se em grupos que, a partir dos contextos analisados ao longo do itinerário, responsabilizam-se pela elaboração de uma pequena história no formato de cordel, em todos os elementos que o caracteriza como rima, métrica e ilustração.

Para apresentar os folhetos produzidos na oficina, o professor seleciona uma aula para que os grupos realizem a declamação de suas histórias para a turma. Paralelamente a estas performances, pode-se também realizar uma feira de troca de folhetos entre os grupos. Caso exista a disponibilidade de material para reprodução, os alunos podem montar uma banca, representando a antiga comercialização do cordel nas feiras, para apresentar e ofertar os folhetos produzidos aos demais alunos da escola no horário do intervalo.

Figura 6: Print do blog - Itinerário do roteiro A Expressão da Cultura Popular na Literatura Cearense

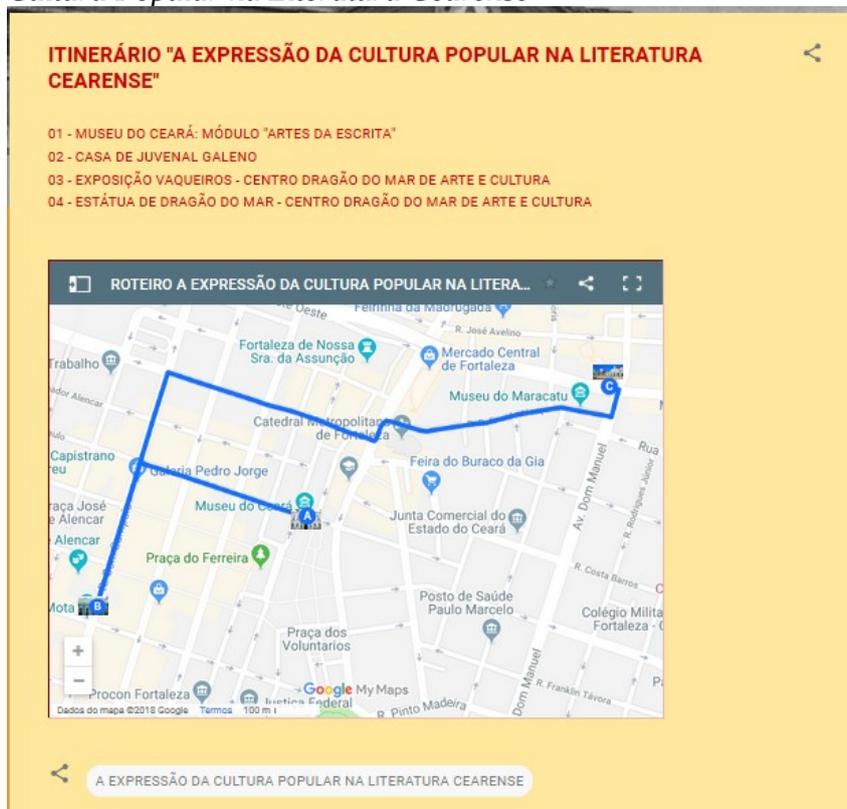


Figura 7: Print do blog - Apresentação do roteiro A Expressão da Cultura Popular na Literatura Cearense



3.3 Olhares Sobre Fortaleza

O terceiro roteiro didático surgiu da observação do módulo do Museu do Ceará denominado *Fortaleza Imagens Da Cidade*. Neste espaço a exposição problematiza a maneira como a cidade, desde o início da colonização europeia, foi se construindo. Essa construção estrutural e cultural ocorreu partir da necessidade de ocupação e defesa do território, das influências exercidas pelas ações e omissões do poder público, pela espírito modernizador de uma elite desejosa de olhar a cidade como espelho da França. Também foi fruto da ação de uma população diversa que, a despeito das ações infraestruturais e sociais relacionadas com a racionalidade científica e o controle comportamental, não deixou de exercitar e explicitar sua essência, suas contestações e suas contradições.

Este roteiro didático, denominado de “Olhares sobre Fortaleza”, tem o objetivo de apresentar algumas questões relacionadas a constituição da cidade de Fortaleza, através do estabelecimento de problematizações relacionadas aos locais e equipamentos visitados. O itinerário proposto tem início no módulo Fortaleza Imagens da Cidade, do Museu do Ceará, seguido da visita à Praça do Ferreira, considerada o coração da cidade e finaliza com a visita ao Sobrado Dr. José Lourenço, situado a rua Major Facundo, também no centro da cidade.

Cabe salientar que a análise da construção urbana de Fortaleza aqui proposta, tem o objetivo de refletir sobre as transformações urbanas implementadas a partir das ações de mudança estrutural da cidade, suas reformas, adequações, ordenamentos e construções. Objetiva ainda analisar os impactos provocados nos hábitos urbanos, no desenvolvimento cultural da população e, sobretudo, na constituição de uma cidade extremamente desigual do ponto de vista socioeconômico.

Pretende-se também analisar as transformações que a cidade sofreu em decorrência do surgimento de novas demandas de ordem estrutural, econômica, cultural e simbólica, como o surgimento dos conjuntos habitacionais, a realização de reformas viárias para abertura e alargamento de avenidas e a remoção de moradias para ceder espaço a novas vias e empreendimentos. Nesse contexto, obras são realizadas, espaços são ocupados ou abandonados, famílias são removidas de seus lares, equipamento são criados para permitir a manifestação cultural da sociedade, e ordenamentos são construídos socialmente ou impostos, para legitimar a ação do poder público.

Em sua trajetória, Fortaleza tem sido local de construção e destruição, de experimentação, adquirindo imagens extremamente cambiantes, com mudanças aceleradas de sua estrutura, forma e perfil. Essa cidade, quase um laboratório, aberta às novas propostas e intervenções, torna-se cada vez mais excludente e perversa. A cidade tem um significativo contingente de pobres. Pobres que não encontram na porção formal e legal da cidade, as suas referências (SILVA, 2005, p. 25).

Para articulação deste roteiro com o contexto didático vivenciado na sala de aula, propõe-se a realização de um trabalho com os alunos através do exercício da linguagem fotográfica. A opção por esta atividade decorre de dois motivos. O primeiro está associado as facilidades existentes na atualidade, possibilitadas pela difusão da fotografia após a popularização dos *smartphones*, fato que tornou mais fácil e barato a realização de uma proposta de atividade através dessa linguagem. O segundo motivo decorre da importância dessa linguagem para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à sensibilidade estética, à criatividade, ao aprimoramento do olhar sobre o cotidiano, à interpretação social através de uma linguagem não verbal e a integração da história com a arte.

Para concretização desta proposta se faz necessária a realização de uma sensibilização para o olhar fotográfico em um momento anterior a visita. Sugiro o termo sensibilização devido o professor não ter necessariamente o domínio dos conhecimentos técnicos sobre a linguagem fotográfica. Esta sensibilização deve ser feita através de uma aula em que se apresente aos alunos algumas fotografias, que permitam ao professor exemplificar uma relação entre imagem, memória e sociedade. Esta apresentação pode ser feita através da seleção de fotografias que facilmente são encontradas na internet, ou até mesmo, folheando o livro didático de História dos alunos, que já apresenta variadas imagens atreladas a uma narrativa histórica. Saliento que esta atividade não tem o objetivo e a pretensão de ser uma oficina fotográfica. A ideia é desenvolver uma ação que aproveite uma ferramenta extremamente relacionada ao cotidiano dos alunos, para o desenvolvimento de um olhar diferenciado sobre a história e o mundo que os circunda.

Propõe-se portanto que ao longo das visitas, dos debates e das reflexões, os alunos, divididos em alguns pequenos grupos, façam registros fotográficos dos locais, de situações, de interações sociais, enfim, da realidade vivenciada ao longo do percurso. A ideia é que ao final da visita, cada grupo tenha um apanhado de imagens, para que possam elaborar uma apresentação que represente uma história, a partir da construção

de uma narrativa possibilitada pelos olhares dos participantes. Esta história pode ser construída a partir da observação sobre a situação dos moradores de rua, como também pode representar um acontecimento histórico emblemático associado a algum local visitado ou personagem mencionado nas abordagens. Cabe nesta atividade o pleno exercício da criatividade.

Para que as reflexões realizadas ao longo do itinerário não sejam interrompidas para a coleta das imagens durante as visitas, é importante que se estabeleça um acordo com os alunos, em que se determine um tempo em cada local visitado, para a realização das fotografias.

Assim como em qualquer outra atividade pedagógica, o planejamento bem estruturado e a delimitação para a turma, dos objetivos a serem atingidos qualificam a abordagem, as problematizações e a interação com os alunos. Essa preparação prévia para a visita é uma ação essencial para estimular o envolvimento dos alunos com os temas a serem debatidos ao longo do percurso e a realização da captação das imagens, para a construção da apresentação final. Outras atividades prévias também podem ser realizadas como a realização de pesquisas bibliográficas acerca da temática sugerida, a exibição de vídeos que contam a historicidade dos locais a serem visitados ao longo do roteiro e a proposição de alguns questionamentos prévios para estimular o raciocínio e a reflexão sobre as questões a serem debatidas. A página do blog, além de ser o local para sugerir os roteiros, tem a função de apresentar aos professores sugestões de livros e textos, vídeos, atividades e sites relacionados com cada roteiro proposto.

Nesta perspectiva Regis Lopes argumenta que:

é muito improdutivo percorrer as salas do museu sem fazer delimitações para privilegiar certos aspectos. Depois, é trabalhada a ideia de construir problemáticas a partir do tema, desenvolvendo, na sala de aula, indagações específicas sobre as peças em exposição. Além de oferecer possibilidades para despertar o interesse da turma, as perguntas – que devem fazer parte do que está sendo ensinado – procuram ampliar a própria noção de história, na medida em que se induzem a questionamentos sobre a complexidade da nossa inserção nos processos históricos (RAMOS, 2004, p. 25).

Uma outra possibilidade de preparação prévia para a realização da visita ao Museu do Ceará e ao restante do roteiro proposto, baseia-se na contextualização do conceito de objeto gerador. Apoiado a esta concepção, objetiva-se estimular nos alunos a

reflexão sobre a construção do conhecimento histórico a partir do questionamento aos objetos patrimonializados e as formas como esses objetos podem representar a própria concepção de história ao assumirem, ao longo de sua historicidade, variados usos, significações, representações e utilidades na sociedade.

Regis Lopes destaca a importância da realização dessa compreensão a partir do exercício de reflexão sobre objetos que constituem o cotidiano dos alunos pois, para o autor:

O fundamental é partir do mundo vivido. Contudo, não se trata de um método de revelação do real. Pelo contrário, o intuito dessa pedagogia do objeto é ampliar a nossa percepção sobre a historicidade do real, sobre a multiplicidade cultural entranhada nos objetos – a trama de valores e seres humanos que reside na criação, no uso, na transformação, na destruição ou na reconstrução dos objetos (RAMOS, 2004, p. 34).

Portanto, é importante ressaltar que a proposta apresentada, que tem como base a metodologia estabelecida na exposição do Museu do Ceará, assume a influência do trabalho pedagógico a partir da abordagem do objeto gerador.

A proposta do roteiro “Olhares sobre Fortaleza” inicia com a visita ao módulo “Fortaleza Imagens da Cidade, da exposição permanente do Museu do Ceará. A opção por esse espaço decorre das possibilidades de abordagem didáticas proporcionadas pela exposição, que debate elementos relacionados ao início da constituição da cidade, através da exposição de uma maquete que reproduz o pequeno vilarejo no período colonial e os problemas atuais enfrentados pela grande metrópole, como é o caso da ascensão da violência urbana.

A apresentação do módulo Fortaleza Imagens da Cidade, igualmente aos outros espaços temáticos da exposição permanente do museu, ocorre através de um texto introdutório que apresenta as primeiras reflexões e abordagens alusivas aos objetos expostos e aos temas que compõem a sala em questão.

Que dizer de uma cidade cujo nome soa como demonstração de força e violência? As origens da capital cearense remontam à construção militar erigida por holandeses nos meados do século XVII – o forte Schoonennborch. Após cinco anos, os portugueses ocuparam o lugar e o rebatizaram - Fortaleza Nossa Senhora da Assunção. Como em outras povoações brasileiras, a defesa do

território foi indispensável à colonização, com a marca dos conflitos entre europeus e indígenas pela afirmação de seus poderes e culturas.

Ao longo do tempo, Fortaleza tem sofrido várias intervenções do poder público: Tentativas de racionalizar o espaço, ambição de transformar a cidade em vitrine do progresso e da beleza. Mas ela também se tornou lugar da desigualdade e do medo. Hoje fortaleza abriga um sem-número de fortalezas privadas – indício da violência presente na metrópole. Seríamos prisioneiros da necessidade de segurança?

Lidar com imagens urbanas supõe e experiência da diversidade, jogo entre o existente e o possível: imaginar a cidade que corresponde aos nossos anseios e desejos. Pensar Fortaleza é um ato de reflexão sobre nós mesmos (RAMOS; SILVA FILHO, 2007, p. 457).

Esse texto introdutório, exposto na entrada do módulo, oferece ao visitante um indício do caminho a ser percorrido na exposição. Através desta reflexão, a exposição Fortaleza Imagens da Cidade opta pelo descortinamento das realidades esquecidas ou omitidas, acerca da imagem construída sobre Fortaleza. Estabelece-se um olhar sobre as contradições que caracterizaram a construção da cidade de Fortaleza, desde as disputas territoriais entre colonizadores europeus e indígenas, até a vertiginosa ascensão da violência urbana, que reconfigura práticas sociais e formas de relacionamento da população com a própria cidade. Cria-se uma estruturação que busca descortinar a narrativa épica e enaltecida acerca da cidade, suas belezas e glórias. Opta-se portanto, por desnudar ao visitante uma realidade social complexa, com características que ultrapassam a força dos estereótipos ligados as belezas naturais, a hospitalidade da população e a forma bem humorada de encarar a vida. Busca-se um rompimento com os estereótipos que homogeneízam as diferentes faces que compõe a desigual Fortaleza, estereótipos estes tão bem explorados por segmentos produtivos como a cadeia turística.

A primeira reflexão possibilitada por esta inicial abordagem, recai sobre a busca por um entendimento da cidade enquanto um conjunto de variadas e distintas realidades, que interagem entre si, através de movimentos que refletem uma disputa, normalmente desigual, por espaço, reconhecimento e poder, entre os grupos sociais que compõem essas diferentes realidades.

Para iniciar um debate acerca dos embates sociais que forjaram a cidade, propõe-se a realização de uma reflexão a respeito das desproporcionalidades existentes

entre o aparato bélico dos colonizadores, dotado de fortalezas protetoras (que tinham função de combate aos ataques externo e internos) e armas de fogo e o indígena, que utilizava basicamente suas armas feitas de madeira e pedra. Para realização dessa reflexão, o professor dispõe de três elementos que encontram-se em exposição no museu, mesmo que em módulos diferentes: a maquete que reconstitui a primeira planta da vila de Fortaleza, o painel que apresenta a configuração atual da demarcação de terras indígenas no Ceará e as armas e canhões remanescentes do forte que deu origem a ocupação inicial do território de Fortaleza pelo colonizador europeu (inicialmente os holandeses e, posteriormente, os portugueses).

A análise desses três objetos possibilitam as seguintes indagações: Qual o papel do território de Fortaleza no panorama da colonização europeia realizada no Brasil? Quais as estratégias de resistência utilizadas pelos povos indígenas para lidar com o avanço da ocupação colonizadora? Com se dá o reconhecimento aos povos ancestrais em nossa sociedade atual? Através desses questionamentos, objetiva-se criar uma reflexão inicial acerca da formação da cidade enquanto fruto de uma severa disputa entre colonizadores e colonizados, bem como, atentar para a configuração atualmente vivenciada pelos descendentes dos povos ancestrais de nossa região.

Após a realização dessas reflexões, a percurso continua através da análise da planta que estabeleceu a organização urbanísticas para a “moderna Fortaleza” da segunda metade do século XIX, projetada pelo engenheiro Adolfo Herbster, que também foi responsável por outras importantes obras nesse período.

O projeto de Adolfo Herbster (engenheiro da Província e arquiteto da Câmara Municipal) tencionava retificar, classificar e disciplinar a configuração espacial de Fortaleza. Sua Planta da Cidade de Fortaleza, Capital da Província do Ceará, de 1888, sugere não somente uma ação preventiva na ocupação do solo urbano, como também se insere num conjunto de procedimentos públicos destinados a legitimar a ordem social mediante estratégias de intervenção social. Neste projeto são reforçadas e atualizadas algumas medidas já presentes na Planta Topográfica da Cidade de Fortaleza e Subúrbios (1875), como o alinhamento de ruas e casas, e abertura de três bulevares limítrofes da zona urbana de então, a fim de ampliar a circulação de pessoas, veículos e mercadorias no espaço da cidade (SILVA FILHO, 204, p. 104-105).

Cabe salientar que a atuação de Adolfo Herbster representava uma ação do poder público municipal, no sentido de racionalizar a constituição e o crescimento da cidade, através de um planejamento urbano que disciplinava o ordenamento das ruas e interligava o núcleo urbano à outras localidades.

Através dessa análise, objetiva-se refletir sobre o direcionamento que foi estabelecido para o crescimento da cidade, a partir de uma ação proposta pelo poder público. Refletir sobre este documento permite também vislumbrar os limites urbanos da cidade no final do século XIX, bem como, compreender o crescimento desses limites desde essa época até os dias atuais.

Associado a esta questão do ordenamento urbano, determinado pelo traçado em xadrez do engenheiro Adolfo Herbster, apresenta-se a reflexão acerca das tentativas de disciplinar o comportamento social através do estabelecimento de leis e de códigos de conduta pelo poder público. Em uma cidade que buscava projetar uma imagem de modernidade, por meio de importantes obras de infraestrutura, nos moldes das mais modernas cidades do mundo, determinados comportamentos sociais passaram a não ser mais aceitos pela elite dominante, que estava representada também pelas instituições públicas.

Para debater essa questão relacionada a tentativa de normatização do comportamento social pelo poder público, faz-se necessário recorrer a peça mais emblemática do museu: o bode loiô. A trajetória do animal apresenta-se como um exemplo vivenciado na cidade de desobediência as leis impostas pelo governo, por meio da espontânea ação do meio social.

Na Fortaleza do início do século XX, o bode loiô tornou-se um ícone da cidade ao acompanhar as andanças de escritores e boêmios pelas noitadas em bares e serestas. Passava o dia perambulando entre a Praia de Iracema e o centro da cidade e, ao contrário do que ocorria com outros animais, gozava do reconhecimento e respeito dos habitantes. Ganhou fama em sua época e teve suas histórias relatadas por cronistas e memorialistas de Fortaleza, como o intelectual cearense Raimundo Girão, em seu livro “Geografia da Estética Cearense”. Sua presença na cidade foi tão marcante que, após sua morte, teve seu corpo embalsamado e posteriormente, foi doado ao Museu do Ceará.

Esse comportamento vivenciado pelo bode, bem como a interação que estabelecida com os habitantes e espaços públicos da cidade, confrontava o Código de Posturas do Município de Fortaleza vigente na época. O documento determinava ser

proibido a circulação destas espécies animais nas áreas centrais da cidade, sob pena de apreensão e recolhimento ao depósito municipal.

A partir dessa análise, cabe indagar aos alunos a opinião que possuem sobre as vivências sociais atuais e sua relação com as leis estabelecidas. Para esse exercício, algumas provocações são importantes. As leis criadas pelo poder público refletem a expectativa de comportamento social? Como equacionar a difícil lógica de estabelecer leis padronizadas para uma sociedade tão diversa?

Esse exercício tem o objetivo de despertar o olhar dos estudantes para as práticas sociais vividas e observadas, que por sua vez, fomentam o desenvolvimento de ideias para a coleta das imagens fotográficas propostas como atividade paralela a realização do roteiro didático.

Para finalizar a visita a exposição Fortaleza Imagens da Cidade, propõe-se uma observação mais atenta aos objetos relacionados as diferentes formas de iluminação, estabelecidas no contexto privado e público, representados no museu.

Acerca deste tema, a exposição apresenta um gasômetro, aparelho utilizado para controlar a passagem de gás subterrâneo que alimentava os postes de iluminação pública, uma fotografia antiga da cidade onde pode ser observado os postes de iluminação pública e seis exemplares de candeeiros e lamparinas. Juntamente a esses objetos, são expostos um relógio de parede e uma fotografia da antiga Coluna da Hora, monumento erguido no centro da Praça do Ferreira na década de 1930.

A análise desses objetos deve ser realizada através de um paralelo acerca da representatividade do tempo. Este paralelo se justifica pelo fato de ter tido a iluminação pública uma influência significativa na transformação da relação dos habitantes da cidade com o tempo. A partir da instituição da iluminação artificial, o dia vivenciado pelos habitantes da cidade se distancia cada vez mais do tempo da natureza, vinculado a iluminação natural, para estar associado ao tempo mecânico, medido pelo relógio e associado a iluminação artificial.

Com a conclusão da visita a exposição Imagens da Cidade, no Museu do Ceará, o itinerário Olhares sobre Fortaleza prossegue em direção a Praça do Ferreira.

Considerada como o coração da cidade, a Praça do Ferreira, passou por várias reformas e remodelações ao longo de sua existência. Para além das questões estruturais, o logradouro também sofreu diversas transformações, quanto as formas de interação com os habitantes da cidade. Tornou-se uma referência para os cidadãos e símbolo representativo de Fortaleza.

Em uma de suas antigas configurações, entre o final do século XIX e o ano de 1920, a praça possuía quatro cafés, um em cada canto do terreno. Neles, reuniam-se intelectuais, artistas, políticos e cidadão comuns, que buscavam realizar uma refeição, degustar um quitute qualquer ou apenas, encontrar com amigos para uma conversa de fim de tarde. A partir deste ano a praça foi palco de diversas reformas e modificações ao longo do século XX. A remoção dos cafés, a construção de um coreto, que posteriormente deu lugar a Coluna da Hora. A construção do Abrigo Central motivada pela necessidade de ordenamento do tráfego, provocado pelo aumento do fluxo de veículos automotores e a grandiosa reformulação realizada em 1967, que colocou abaixo todos os antigos símbolos do logradouro. Por fim, a última grande reforma, realizada em 1991, que buscou resgatar antigas características da praça com a construção de uma nova coluna da hora e novos quiosques, nos quatro cantos do terreno.

A primeira atividade a ser proposta para os alunos na praça é a visita a tradicional pastelaria Leão do Sul, localizada na rua Pedro Borges, quase esquina com a rua Floriano Peixoto. Funcionando na praça desde 1926, a pastelaria hoje representa o mais antigo e tradicional ponto alimentar do centro e, para muitos fortalezenses que frequentam o bairro, representa muito mais que uma simples lanchonete que comercializa pastel com caldo de cana. No acanhado espaço da pastelaria é possível observar uma galeria de fotografias antigas da praça, de onde se evidencia as diversas e diferentes transformações estabelecidas no logradouro com o passar dos anos. Visitar o estabelecimento e saborear um pastel significa o estabelecimento de um contato direto com a história simbólica da praça e da cidade.

Propõe-se a visita a pastelaria para que sejam observadas as já citadas fotografias antigas da praça. O objetivo desta observação é estabelecer uma olhar comparativo entre as diferenças percebidas nas fotografias expostas, assim como, na configuração atual do logradouro. Após essa visita, os alunos devem ser direcionados para a observação de outros dois importantes ícones da praça do Ferreira, A Farmácia Oswaldo Cruz e o Cine São Luiz.

A observação desses três espaços tem o objetivo de apresentar aos alunos um pouco da historicidade ligada aos referidos equipamentos, assim como, possibilitar a realização de uma discussão acerca das diferentes relações que a sociedade estabelece com determinados equipamentos no decorrer dos anos e de acordo com as transformações que perpassam essa sociedade.

Para exemplificar essa contextualização acima proposta, apresento o exemplo possibilitado através da história vivenciada pelo Cine São Luiz. Inaugurado no ano de 1958, pelo grupo Severiano Ribeiro, ligado ao ramo de exibição de filmes, o Cine São Luiz foi edificado com o intuito de ser um dos cinemas mais luxuosos e requintados do Brasil. Assim como ocorreu com o Teatro José de Alencar, o referido cinema teve sua inauguração concorrida e rapidamente tornou-se a principal sala de exibição de filmes da capital, título que ostentou durante décadas. Com o advento do *shopping center*, o crescimento urbano, o esvaziamento político do centro, a popularização da televisão e posteriormente do vídeo cassete e as transformações relacionadas ao modo de consumo e de lazer, teve início um processo de decadência e falência dos cinemas de rua, conforme análise do geógrafo José Borzacchiello:

O cinema no interior de shoppings é uma tendência universal com salas pequenas, acopladas ao que se chama de multiplaex, ofertando uma programação rica e variada. Entretanto, não se pode deixar de dizer que, mesmo operando nos moldes de teorias locacionais complexas, aplicadas sobre indicadores socioeconômicos e análises de múltiplas variáveis, envolvendo itens de conforto, segurança e acessibilidade, é lamentável esta concentração desconcentrada que pouco a pouco esvazia o centro da cidade no que tange a entretenimentos e lazer (SILVA, p. 123, 2005).

O Cine São Luiz não escapou a essa realidade e funcionou precariamente nas décadas de 90 e 2000. Tombado pelo Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural do Estado do Ceará desde 1991, foi desapropriado pelo Governo do Estado e transformado em um equipamento cultural vinculado a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Hoje é um representante solitário dos cinemas de rua de Fortaleza e resistiu enquanto reconhecido monumento histórico da cidade.

Através da contextualização da historicidade do Cine São Luiz, objetiva-se debater como as transformações provocadas pela dinâmica social promovem a necessidade de mudança, mesmo quando há a preservação. Assim como um objeto musealizado, que abandona sua função utilitária para assumir uma outra natureza, um patrimônio histórico também se transforma na preservação.

Atualmente, o cinema conta com uma programação diversificada que conta com exibição de filmes, espetáculos musicais e teatrais e mostras de cinema. Parte das

atividades promovidas são gratuitas e abertas ao público escolar através de agendamento prévio através de contato com a administração. Há também a possibilidade de visita às instalações do cinema através de agendamento.

No contexto atual, caracterizado pelo fácil acesso à produção audiovisual, através dos dispositivos de exibição informatizados, ter a possibilidade de adentrar em um antigo cinema de rua do final dos anos 50, com suas características originais totalmente preservadas, possibilita a reflexão sobre a importância cultural e social do cinema no século XX. Durante muitos anos, frequentar o Cine São Luiz representava estar inserido em um contexto de reconhecida importância social e que não estava disponível para todos os membros da sociedade.

A visita a Farmácia Oswaldo Cruz, fundada na década de 30 e localizada na rua Major Facundo, no calçadão da Praça do Ferreira, é o próximo ponto de parada do itinerário Olhares sobre Fortaleza. A escolha deste estabelecimento tem como objetivo, apresentar aos alunos um exemplar de bem histórico, tombado pelo Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Histórico e Cultural de Fortaleza (COMPHIC) em sua materialidade física (edificação), assim como, os bens que o integram, como utensílios, equipamentos, ladrilho, prateleiras, livros e galerias. Este tipo de tombamento garante uma proteção legal a partir do poder público, que impede a descaracterização da farmácia em sua identidade estrutural, visual e utilitária.

Por se tratar de um ambiente privado e que exerce uma atividade comercial no contexto da rotina do centro de Fortaleza, não há uma estrutura para atendimento pedagógico e educacional para visitantes. A visita ao local deve ser realizada em grupos pequenos e nos locais do estabelecimento restritos aos clientes.

Visitar a Farmácia Oswaldo Cruz representa a possibilidade de mergulhar no universo da comercialização de medicamentos realizada ao longo do século XX. Caracterizada pela produção de medicamentos manipulados, serviço ofertado até os dias atuais, o estabelecimento apresenta arquitetura, mobiliário e utensílios farmacêuticos característicos das décadas de 30 e 40. Foi durante décadas a principal farmácia da cidade e tinha uma importante função social, em uma época em que a oferta de equipamentos dedicados a saúde pública, era bem mais restrita.

Neste espaço cabe a realização de uma problematização sobre as questões ligadas a saúde pública. Pensar historicamente como este tema foi tratado ao longo dos anos na cidade. Observar como novos dilemas ligados a saúde pública afetam o cotidiano dos cidadãos como os surtos epidêmicos, a questão da dependência química e a atual

importância atribuída aos transtornos de ordem psíquica e emocional. Há nesse contexto, a possibilidade de se discutir o tema saúde pública a partir da análise de um patrimônio histórico tombado pelo poder público municipal.

Para concluir o roteiro Olhares sobre Fortaleza, propõe-se a visita ao Sobrado Doutor José Lourenço, que fica localizado na rua Major Facundo, distante cerca de 400 metros da Praça do Ferreira. Erguido na segunda metade do século XIX, para servir de consultório e residência do médico aracatiense José Lourenço, o sobrado, considerado o primeiro prédio com três pavimentos da cidade, é um exemplo das transformações urbanas estabelecidas em uma cidade. Após ser desocupado pela família do seu primeiro proprietário, o prédio assumiu diferentes funções ao longo dos anos. Nele funcionou a sede do poder judiciário, a prefeitura de Fortaleza, um bordel, uma oficina de marcenaria e um comércio de sombrinhas, até ser tombado, adquirido e restaurado pelo poder público estadual na primeira década do século XX. Vestígios dessas diferentes ocupações foram encontrados nas paredes da edificação, através de pinturas e anúncios sobrepostos em camadas de tinta, depositadas ao longo dos anos. Essas camadas que retrataram as diferentes finalidades do imóvel.

Hoje, o sobrado Dr. José Lourenço configura-se como um equipamento cultural dedicado a valorização das artes visuais, através da realização de exposições e oficinas, e está vinculado a Secretaria de Cultura do Estado. A programação do equipamento é composta de exposições temporárias com a apresentação de obras de artes visuais contemporâneas, representadas por diversas linguagens como pintura, escultura, fotografia, etc. Um dos objetivos da visita ao sobrado reside na promoção do contato dos alunos com as obras de arte em exposição. Esse contato pode representar o desenvolvimento de uma sensibilização do olhar dos jovens sobre as manifestações artísticas.

A visita tem a intenção de refletir sobre as diferentes configurações que um equipamento ou espaço urbano pode assumir em distintos momentos e contextos na história. Para facilitar a realização desta reflexão, além da contextualização da historicidade do equipamento, que teve diversos usos e valorizações em sua trajetória, propõe-se a análise de uma das pinturas encontradas em um cômodo, quando da restauração realizada e que retrata a figura de uma mulher deitada. Essa pintura, que remete ao tempo em que a edificação foi utilizada como bordel, foi preservada durante os trabalhos de restauro e compõe a ambientação visual do equipamento. A sua

problematização permite a observação das camadas de historicidade, existentes enquanto vestígio de uma memória passível de ser investigada, interpretada e registrada.

Figura 8: Print do blog - Itinerário do roteiro Olhares sobre Fortaleza

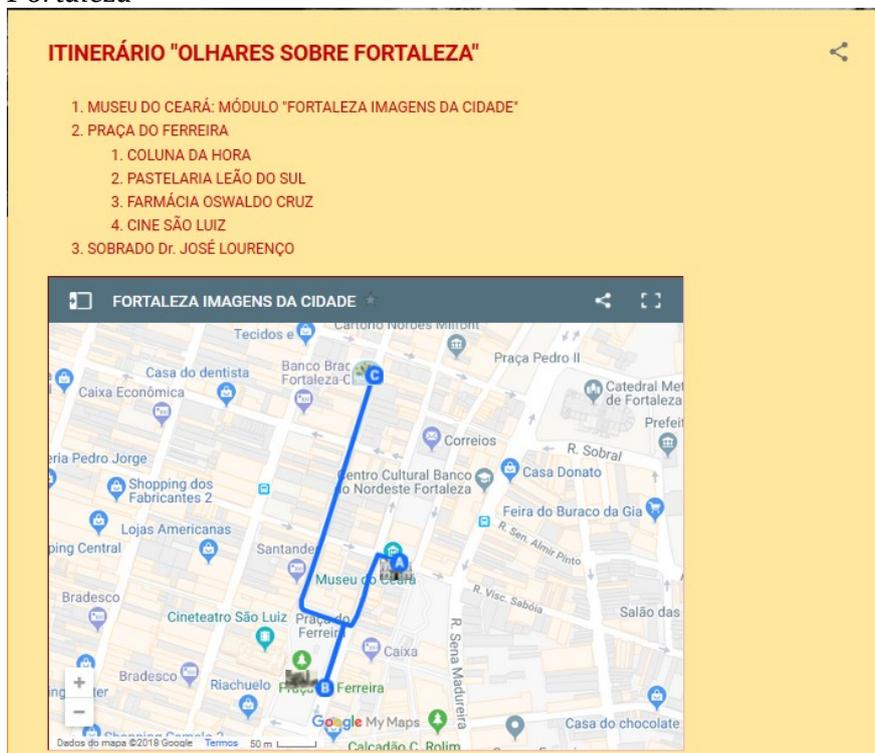


Figura 9: Print do blog - passo 2 do roteiro Olhares sobre Fortaleza



Conclusão

Enquanto instituição quase centenária, o Museu do Ceará, ao longo desta longa existência, apresentou-se pra a sociedade cearense de diversas maneiras, em diferentes espaços, sob designações distintas. Até alcançar a atual estrutura e significação, a instituição perpassou por vários governos, diretores, regimes e renovações.

Do antiquário de Eusébio de Sousa, inspirado no “culto da saudade” que Gustavo Barroso implementou no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro e difundiu através do seu curso de Museologia, a exposição “Ceará: história no plural”, inaugurada no final da primeira década do século XXI, muitos objetos foram encontrados e perdidos. Muitas ideias e ideais foram implementados, abandonados, substituídos e ressignificados.

A relação com o público ocorreu de acordo com os objetivos vivenciados em cada contexto histórico. De um ambiente seletivo às elites em seus primeiros anos, transformou-se em local capaz de reviver o passado, e por isso, importante no contexto do desenvolvimento de um ensino de história alicerçado na valorização do nacionalismo e no culto personalista dos membros do exército e da política nacional, durante a ditadura militar. Com do “Projeto Capistrano de Abreu”, inaugurado na década de 70, a exposição era exibida aos alunos das escolas da cidade através de uma apresentação de slides produzida pelo então diretor Osmírio Barreto. Com uma abordagem tradicional da história, baseada na apresentação de fatos e datas, ligados aos objetos do acervo, o museu experimentou a aproximação com o público escolar e essa prática foi conservada e ressignificada nas gestões posteriores, principalmente após a criação do núcleo educativo da instituição no final dos anos 90.

A partir da criação do núcleo educativo, a prática educativa ocorreu amparada por uma formação mais sólida dos profissionais envolvidos, oriundos dos cursos de graduação em História e Pedagogia das universidades de Fortaleza. Amparados na museologia contemporânea, que privilegia o museu enquanto espaço de diálogo e construção de conhecimento a partir da interação e investigação dos objetos, as equipes pedagógicas foram capacitadas para provocar o exercício da reflexão nos visitantes, fugindo da tradição enciclopédica. Tais questões são bem exemplificadas com a abordagem metodológica atualmente vigente, baseada no conceito formulado por Régis Lopes, sob a influência da pedagogia de Paulo Freire, denominado “objeto gerador”.

Através da tecnologia, novos e ramificados campos de comunicação foram ofertados à sociedade. O advento da internet e das conexões instantâneas e constantes estimularam a aceleração do acesso e da produção da informação. Em meio a esse contexto, os museus passaram a dispor de novas ferramentas para compartilhamento de suas exposições e acervos, com a possibilidade de ampliarem seu raio de alcance para muito além dos muros das instituições.

No contexto do Museu do Ceará, as relações virtuais não foram privilegiadas pela política institucional e estão resumidas a oferta de informações básicas como endereço, telefone, horário de funcionamento, etc e divulgação de ações e exposições, por meio de um site institucional pouco atualizado e de uma página no *facebook*.

Em contraposição a essa questão, a partir da primeira década do século XIX, houve um maior investimento e esforço na comunicação do acervo e das produções científicas e acadêmicas a ele vinculado, através de uma política editorial que teve como principal destaque a publicação da “Coleção Outras Histórias”.

Nesse sentido, a proposta de construir um blog para postagem de propostas didáticas para aulas de história, a partir do acervo e das exposições do museu, buscou refletir sobre as possibilidades de explorar didaticamente o museu enquanto objeto privilegiado para o ensino de história. A essa proposição atrelou-se a necessidade de aproximar o contexto do museu com o entorno do equipamento. Portanto, todos os itinerários didáticos apresentados estabelecem relação com equipamentos culturais, logradouros públicos e a cultura imaterial que compõem o centro histórico de Fortaleza. Desta forma, os itinerários têm como ponto de partida os módulos da exposição permanente do museu, e na sequência, interligam-se a outros espaços relacionados ao tema abordado no roteiro.

Além de ser uma ferramenta que apresenta um potencial de alcance amplo de público, devido a abrangência ofertada pela internet, quanto a divulgação e acesso das pessoas, o blog tem uma funcionalidade simples e intuitiva, é facilmente manuseado, tanto para atualização, quanto para navegação e não apresenta custo financeiro para implementação, manutenção e atualização.

Diante do trabalho apresentado, acredita-se que a oferta de conteúdos e propostas didáticas, por meio de uma ferramenta virtual de fácil acesso, é uma contribuição para a aproximação do contexto didático da educação básica com o universo tecnológico atualmente disponível. Esta proximidade possibilita um rápido e simples compartilhamento de informações e propostas e um intercâmbio de ideias e sugestões

entre colaboradores interessados no tema. Essas questões contribuem para a reflexão sobre propostas didáticas e metodológicas inovadoras, a partir do reconhecimento do universo de interesses e conhecimento dos alunos.

Um outro elemento a ser destacado é a inserção do trabalho didático a partir do patrimônio histórico, no contexto do ensino de História. Ao eleger como centro da reflexão o mais relevante espaço público de memória do estado, o Museu do Ceará, o blog busca ofertar roteiros que dialoguem com o conceito de patrimônio histórico no seu aspecto amplo, ou seja, o material e o imaterial. Esse aspecto objetiva ampliar a tradicional noção patrimonial, muito arraigada ao aspecto físico e concreto e descontextualizada dos elementos culturais e simbólicos relevantes no contexto sociocultural.

A partir desse enfoque, a ferramenta direciona a oferta de sugestões pautadas no exercício do intercâmbio de temas e conhecimentos entre as disciplinas escolares. Essa troca de experiências, informações e enfoques, além de contemplar os atuais pressupostos educacionais, expressos em documentos oficiais como por exemplo os Parâmetros Curriculares Nacionais, potencializam a reflexão metodológica no contexto escolar, a capacidade de colaboração entre os agentes educacionais e reflete sobre a noção de conhecimento no sentido amplo, ao aproximar as disciplinas e diminuir as barreiras e fronteiras estabelecidas pela especialização de saberes.

A virtualização de exposições e acervos disponíveis em museus no Brasil e no mundo é uma tendência que atualmente está em pleno curso, com o rápido avanço e popularização da tecnologia. A criação de um blog com a oferta de roteiros didáticos a partir da reflexão sobre o acervo e exposição do Museu do Ceará, não representa uma tentativa de preenchimento desta lacuna observada na instituição. Contudo, acredita-se que a divulgação do equipamento enquanto instrumento relevante para o fomento ao ensino de história potencializa o trabalho pedagógico, a partir de conceitos como patrimônio histórico, interdisciplinaridade, pesquisa e cultura e contribui para a divulgação do museu enquanto uma instituição viva, dinâmica, repleta de historicidade e com uma enorme importância no contexto cultural e educacional do Ceará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Melo. Por que visitar museus?. In: Circe Bittencourt. (Org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, v. , p. 104-116.

ANDRADE, Domitila. Situação de descaso é recorrente em outros museus. O Povo, Fortaleza. 17 set. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/cienciasaude/2018/09/situacao-de-descaso-e-recorrente-em-outros-museus.html>>. Acesso em: 05 out. de 2018.

BARBOSA, Vilma de Lourdes. Ensino de História Local: redescobrimo sentidos. In. **Saeculum** – Revista de História [15]; João Pessoa, jul/ dez. 2006.

BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, vol. 10, nº1, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/issue/view/213>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

BEIGUELMAN, Giselle, Cultura Digital. In: Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF, 2018, p. 67-69. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 mai. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Bases Legais. Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)**. Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. **Patativa do Assaré**: Pássaro Liberto. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

CHAVES, José Olivenor Souza; SUCUPIRA, Maria Inês Stamatto. História Local e o Ensino de História. In: MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria

Leitão (Org.). **Ensino & Linguagens da História**. 01ed. Fortaleza: EdUECE, 2015, v. 01, p. 129-152.

COSTA, Isabel. Iphan fez alerta sobre estrutura de Museu do Ceará. **O Povo**, Fortaleza. 05 set. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2018/09/iphan-fez-alerta-sobre-estrutura-de-museu-do-ceara.html>>. Acesso em: 06 out. 2018.

_____. Como guardar um patrimônio. **O Povo**, Fortaleza. 05 set. 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2018/09/iphan-fez-alerta-sobre-estrutura-de-museu-do-ceara.html>>. Acesso em: 06 out. 2018.

COSTA, Yazid Jorge Guimarães. **Museu, memória e patrimônio**: uma trajetória de transformação no Museu do Ceará (1990-1998). Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12298/Costa%20Yazid%20Jorge%20Guimar%c3%a3es%20-%20Museu%20Mem%c3%b3ria%20e%20Patrim%c3%b4nio%20uma%20trajet%c3%b3ria%20de%20transforma%c3%a7%c3%a3o%20no%20Museu%20do%20Cear%c3%a1%20%281990-1998%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 mai. 2018

CURY, Marília Xavier. Comunicação Museológica em Museu Universitário: Pesquisa e Aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia USP. In: **Revista CPC**. São Paulo, n.3, nov. 2006/abr. 2007, p. 69-90. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/cpc/v1/imagem/conteudo_revista_colecao_arquivo_pdf/n3_maril.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

DE SÁ, Évila Cristina Vasconcelos. Educação Patrimonial Cemiterial: um estudo do túmulo de Quintino Cunha. In: PAULO, Adriano Ferreira de *et al.* **Ensino de História na Educação Básica**: Reflexões, Fontes e Linguagens. 01ed. Fortaleza: EdUECE, 2015, v. 1, p. 167-186.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUBERNIKOFF, Giselle De Conte. Multimídia em museus: o uso das mídias digitais em museus históricos. In **Revista Estética**. São Pulo, n.15, jul-dez 2017, p.01-17. Disponível em: <<http://www.usp.br/estetica/index.php/estetica/article/view/111/78>>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

HOLANDA, Cristina Rodrigues. **A construção do Templo da História**. Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932 1942). 2004. 249 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004

_____. Museu do Ceará e outras memórias: entrevista com Valdelice Girão. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues (org). **Fortaleza**: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura do estado do Ceará, 2006.

____. Quantos museus há num museu? Análise da Trajetória do museu do Ceará e sua Contribuição para a história das coleções Museológicas no Brasil. In: **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 97-113, nov. 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ª ed. revista. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. In: **Revista Tempo**, v. 20, Rio de Janeiro, 2014.

LIMA, Camila Imaculada Silveira. Nos palcos de Fortaleza: o teatro em seus aspectos culturais, sociais e políticos na capital cearense no início do século XX. In: **XIV Encontro Regional de História da Anpuh** - Rio, 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais8/1276635345_ARQUIVO_Artigod aAnpuhRJ_02_.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Culto da saudade na Casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959)**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

MAGALHÃES, Antonio Germano Júnior; Araújo, Fátima Maria Leitão (orgs.). **Ensino & Linguagens da História**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

MENESCAL, Ana Alice. A história trazida à luz: o instituto do Ceará e as análises acerca dos povos indígenas. **Revista Tarairiú**, v. 4, p. 46-63, 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. Jan./dez. 1994, p. 9-42.

____. Museus Históricos: da celebração à consciência histórica. In: MENESES, U.B. *et al.* **Como explorar um museu histórico**. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1992. p. 7-10.

MUSEU DO CEARÁ. Fortaleza: SECULT, 2010.

MUSEU DO CEARÁ. São Paulo: Banco Safra, 2012.

NADAI, Elza. O Ensino de História e a pedagogia do cidadão. In: PINSKY, Jaime. **O ensino de História e a criação do fato**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. **Juntar, separar, mostrar: memória e escrita da história do Museu do Ceará (1932-1976)**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2009.

ORIÁ, Ricardo. Memória e Ensino de História. In: BITENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. **TEMPO E ARGUMENTO**, v. 04, p. 63-81, 2012.

PASSOS, Marcos Uchoa da Silva. **Lendo os Objetos**: a reconstrução do conhecimento histórico no Museu do Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará: Secretaria da Cultura do Estado, 2011. (Coleção Outras Histórias, v. 63).

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Jaime (org). **O ensino de História e a criação do fato**. 14 ed., 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2017.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes; SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo e. **Museu do Ceará 75 anos**. Fortaleza: Associação dos Amigos do Museu do Ceará; SECULT, 2007.

RUOSO, Carolina. **O Museu do Ceará e a linguagem poética das coisas (1971-1990)**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2009 (Coleção Outras Histórias, v. 54).

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo e. **Fundamentação histórica e roteiro museológico da exposição Fortaleza: imagens da cidade**. Museu do Ceará: Fortaleza, 2000.

____. **Fortaleza**: Imagens da cidade. 2ª ed. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

____. **O fardo da História e o Dever de Lembrar**. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceara, 2006 (Cadernos Paulo Freire, v. 7).

SILVA FILHO, Antônio Luís Macedo; RAMOS, Francisco Régis Lopes (orgs.). **Museu do Ceará 75 anos**. Fortaleza: Associação dos Amigos do Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do estado do Ceará, 2007.

SILVA, José Borzacchiello. **Nas trilhas da cidade**. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

SOARES, André Luis Ramos (Org.). **Educação patrimonial**: relatos e experiências. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.

SOARES, André Luis Ramos *et al* (orgs.). **Educação Patrimonial**: Relatos e Experiências. 1. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2003. v. 1.

SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (Org.). **Comportamento**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (coleção Fortaleza: história e cotidiano)

STUDART, Denise Coelho. **Exposições participativas e educativas em museus**. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará/Museu do Ceará, 2006 (Cadernos Paulo Freire, v. 8).